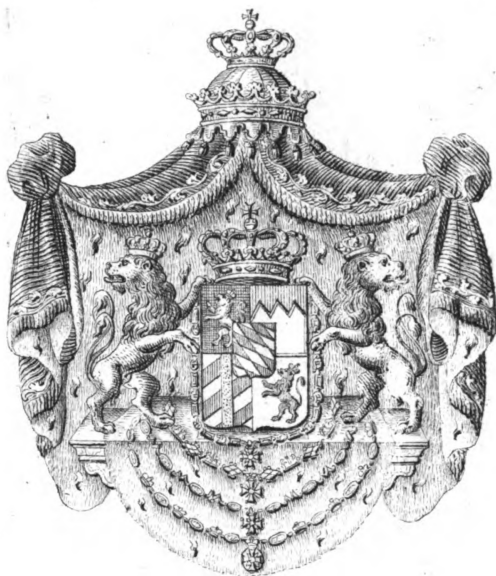




4^o Bib. 490 - 2

Ribeiro



BIBLIOTHECA
REGIA
MONACENSIS.

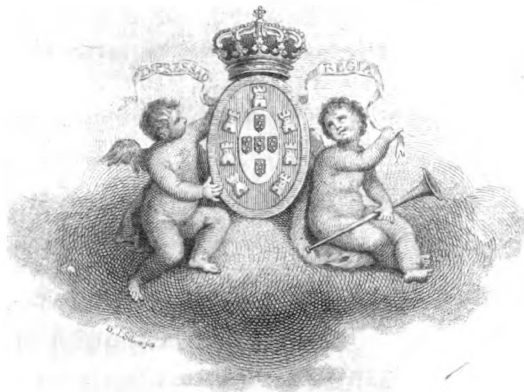
<36637004980018

<36637004980018

Bayer. Staatsbibliothek

POESIAS
DE
ELPINO DURIENSE.

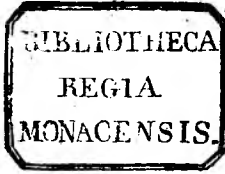
TOMO II.



LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.

1812.

Por Ordem Superior.



A' B E N E F I C E N C I A
D E D E O S.

Harpa sagrada d'oiro, que não sofres,
 Que mãos te toquem dos mortaes profanas,
 Consente-me huma vez, poisque a Virtude
 O coração me inflamma,

Que sublime contigo me remonte
 Muito acima dos astros cristalinos,
 E vá soltar teus sons melódiosos
 Entre os Celestes Divos.

Ante o Solio de estrellas recamado
 Do Supremo Adonai a magestade
 Hei de adorar; e em canticos sagrados
 Alçar os seus louvores.

Mas com qual nome o chamarei, que seja
 Igual a seu poder, benigno, immenso?
 Oh! s' eu fraco mortal achar não posso
 Hum nome de ti digno,

Sofre, que te dê hum, ó Deos Eterno,
Que o grato coração por ti me inspira:
Eu só te chamarei, se m'ó consentes,
O Amigo do Homem.

A'
V I R T U D E.

O' virtude, ondequerque occulta estejas
Cá sobre a terra n'algum valle escuso,
Entre selvagens, menos já ferozes
Que os Cidadãos polidos;

Ou antes lá nos Ceos, só de ti dignos,
Desdeque irosa a nossos vicios, longe
De nós te foste; ah! torna, ó casta Virgem,
Torna outra vez ao Orbe.

Esta idade de aceiro, e duro ferro,
Tinta de sangue, e fogo, armada em guerra,
No oiro antigo da Saturnia idade
Benigna nos transforma.

Então de braços dados caminhavão
A boa Fé, e a candida Verdade;
A Rectidão regia os passos todos,
Sem lei, sem magistrado:

Nem trompa bellicosa despertava
 Os molles sonhos; nem pinheiro ousado,
 Filho da selva, dos Idalios montes
 Ao estranho mar descia:

Ocio brando, e tranquillo os povos tinham;
 Moderado trabalho era seu trato;
 Contentes do que basta á vida humana,
 Vivião longos annos.

Oh! se tu, Mãe benéfica, tornasses,
 De nosso rogo, e lagrimas movida,
 Estes bens outra vez a nossos lares
 Contigo voltarião.

A guerra insana, que as nações devora,
 Ambição de mandar, impia cubiça
 De tantos ricos, que a pobreza insultão,
 Monstros crueis e iniquos,

Ou lá para os Cimerios negros montes,
 Tua luz não soffrendo, fugirião;
 Ou antes de tropel precipitados
 Irião ver o Averno.

Então dias em bella rosa envoltos,
 D'entre os já mortos seculos surgindo,
 Virião consolar o mundo inteiro
 Dos dias, que perdêmos.

A'S MUSAS
EM LOUVOR DA VIRTUDE
D A
C O N S T A N C I A .

Cantemos, Musas, o Varão constante,
 Obra do Eterno. Quando a Mão Potente
 Por cume de estupendas maravilhas
 Formou ~~do nada~~ o Homem,

Sellou sua alma co' a virtude santa,
 E só porque a guardasse casta, e pura
 Murou-lhe o coração de duro bronze
 De rigida constancia.

Eia, diz Deos, mil asperos combates
 Tens de encontrar, ó Homem; mas tu podes,
 Forte em teu muro, resistir trabalhos,
 Vencer irosos fados. (*)

(*) Não se estranhe a Syntaxe deste lugar. Bernardim Ribeiro na Eglog. I. disse já:

„ Resistir grandes paixões
 „ Vem de esforço, e valentia. „

**C'os olhos sempre postos n'alta estrella,
Que te aponta dos Ceos, e a mim te guia,
Defende com valor a estancia honrosa
Da solida virtude.**

**Soou-te n'alma a voz celeste, e logo
Firme a seguiste, ó Socrates sublime,
Nem joelho dobraste ante os Tyrannos,
Nem medo houveste á morte.**



A E L R E I

D. J O S E I.

*As Musas cantão ; dellas he sabida,
 Não de metaes, de cedros, de esculpturas,
 A Fama aos claros feitos concedida.*

Ant. Ferr. Liv. I. Cart. VIII.

Louvão-te, ó Rei, as Musas soberanas
 Das coisas grandes, que fizeste em Lysia:
 Pôde destro Machado em seu desenho
 Formar teu Busto excelso;

Pôde o engenhoso Costa a Estatua altiva
 Fundir-te em bronze, oitava maravilha;
 E pôde Silva bosquejar-te a imagem
 No rico Luso Quadro;

Porem teu coração, tua alma grande,
 Tudo o que foste a ti, e aos teus, e ao mundo,
 Não poderão mostrar co' a subtil arte
 Aos Seculos vindoiros :

**Só ás Filhas de Jove, Sacras Musas,
Foi dado trasladar em ricos versos
As sublimes virtudes, que te ornarão
O benefico peito.**

PELA PROSPERIDADE
 DO
 IMPERIO PORTUGUEZ
 E DO
 PRINCIPE HERDEIRO. (*)

DEUSES de Lysia, que no Olympo eterno
 Volveis nas sabias mãos nossos destinos,
 O' venerandos sempre, ó sempre honrados
 Nas sacrosanctas aras,
 Que Lysia vos erguera;

Prestai-nos, quanto com ferventes rogos
 As castas virgens, os meninos castos,
 Por ella os curvos anciões vos pedem
 Nos votos, que vos mandão,
 C'os olhos no Ceo postos.

B 2.

(*) Fei feita ao Principe D. José de saudosa memoria.

Tu, almo Sol, que no brilhante carro
 O dia mostras, e outra vez o escondes,
 E nasces depois outro, e sempre o mesmo,
 Nunca, nunca tu vejas
 Coisa maior, que Lysia :

Por ella esqueças, quanto vês no curso,
 Que desde o sacro Ganges vens abrindo;
 Mais, que o Rheno, que o Tâmesis, que o Sena,
 Que o Tybre e Mâçanares,
 Ama o doirado Tejo.

Se aqui ultima Thetis carinhosa
 Nos cristalinos braços te recebe,
 Quando desces maior, mais magestoso
 Do carro de diamante
 A's praias do Occidente; (*)

Sempre cá tragas tão serenos dias,
 Que as tres Filhas da Noite nunca possuem,
 Nem do seio do Sul malignos austros,
 Ou raio procelloso,
 Manchar seus puros ares.

(*) Allusão á crença dos antigos Lusitanos, que, segundo Posidonio, entendião, que o Sol se punha no seu Occaso muito maior, do que era em todo o dia; ao que tambem alludio o nosso Francisco de Sá de Miranda na Egloga VIII. Est. 67.

O' vós da Patria Tutelares, dai-nos
 Costumes bons á docil mocidade,
 Doce repouso á placida velhice,
 Firmeza ao Luso Imperio,
 A' clara Gente fama;

Se vossa obra he Lysia, e se abrasado
 Ilion, de Laerte o Filho errante,
 Por vosso alto decreto arando os mares,
 Erguer no Tejo veio
 Os muros de Ulyssêa;

Deoses, guardai-a, e guardai nella o sangue,
 Qu' he sangue vosso, do formoso Joven, (*)
 A quem já Lysia, d'alto amor vencida,
 Reserva em rico dote
 Hum Sceptro d'oiro fino.

Conservai-lhe constante essa divina
 Tenção de bem fazer, que n'alma impressa
 Trouxe de vós por dadiva celeste; (**)
 Por nós huma alma grande,
 Principe, os Ceos te derão:

(*) O Principe D. José.

(**) *Talent de bien faire* — era a letra da divisa, que havia tomado o Grande Infante D. Henrique.

Ou tu queiras imperio igual a Jove
 Sublime exercitar na terra, e á frente
 Deste Povo de Heroes obrar façanhas,
 Que escureção memorias
 De Gregos, e Romanos ;

Ou antes folgues ser chamado Amigo,
 Pai do teu Povo, (oh! nome doce, oh! nome
 Que tu só prézas, que prezar só deves)
 Mantendo o Luso Imperio
 Em rica paz doirada ;

Bannindo o crime, e author do crime o ocio,
 E atroz superstição em sangue tinta,
 Em seu lugar padrão eterno erguendo
 A' sabia industria, ás Artes,
 A' solida virtude.

O quequerque tu fores, vive, e tarde
 Vás ver o claro Avô no Ethereo Assento,
 Que lédo em ser por ti vencido, espéra,
 Que novo Deos lá voltes,
 Inda maior, doque Elle.

A O
PRINCIPE REGENTE.

*Tu rege mansamente e com justiça,
Estas sejam tuas artes
.
Amor faz os bons Reis*

Ant. Ferr. Liv. I. Cart. 1.

SÉ doce Pai da Patria, este só nome,
O' Príncipe, te baste; esta a divisa
Do Sceptro augusto, que te espera hum dia
No Throno de Ulyssêa:

Este formoso timbre, alta esperança
De grandes coisas, que de ti promettes,
As Tagides gentís já vão lavrando
Em telas d'oiro fino.

Entre os Divos celestes assentado,
O claro Avô dos Ceos em ti seus olhos
Fita; e na sacra mente já revolve
Tuas nobres façanhas.

Eia (de lá te diz já Deos) ó Filho,
Constante segue essa tenção formosa
De bem fazer aos homens, que em teu peito
Os Immortaes puzerão:

Despreza desses Cezares soberbos
As palmas, em humano sangue tintas;
Teus povos ama; em doce paz os rege;
Sê delles Pai, e Amigo.



EM LOUVOR

DA

VIRTUDE DA CONSTANCIA

NAS

ADVERSIDADES DA PATRIA.

Quando da Patria desditosa os fados
 Não póde contrastar o varão sabio,
 Seus duros males em silencio chora:
 Por ella noite, e dia:
 Suspiros mil aos altos Ceos envia.

Se a seus fervidos rogos, e gemidos
 Incompassivos Deoses se não movem,
 Dos Deoses Soberanos, que alto império,
 Adora reverente
 Os Decretos fataes, e humilha a frente.

Dá, o que resta, á Patria em sãos costumes,
 A vida lhe reserva casta e pura;
 Firme a seu lado as lagrimas lhe enxuga
 Nas tristes agonias
 De seus funestos derradeiros dias.

Do nobre exemplo attonito estremece
 Sobre o Throno o Tyranno, e menos duro
 O braço enfrea, de furor armado,
 Respeitando o semblante
 Do homem justo, do varão constante.

Quando dos sete montes a Rainha,
 Aos pés do forte vencedor prostrada
 Depõe do mundo o magestoso sceptro,
 Brama insofrido, e fero
 Da liberdade o Defensor severo.

Por ti, não pela Patria desgraçada
 Iroso freme, e o rival não sófres:
 Se a seu Imperio usurpador faltára,
 Por seu misero damno
 Em ti lhe deras outro igual tyranno.

A morte, que te dás, Catão soberbo,
 Remir não póde seus grilhões pesados;
 Ostenta embora o teu triunfo insano;
 No peito o punhal crava,
 Mas Cesar vence, e fica Roma escrava.

A MEMORIA
DOS
VARÕES PORTUGUEZES.

DE nectár horrifado o Sacro Loiro
Sacóde sobre mim; divino orvalho
Por meus hombros esparze; dá-me espirito,
Torna-me hum Vate, ó Musa.

Assim, assim trocaste em niveo Cysne;
O Thebano gentile assim eu posso
Cantar, filhos dos Deoses; nobres Lusos,
Que o mundo inda hoje espantão.

Tu primeiro virás e o rosto grave
A' frente augusta dos salados Hymnos,
Egas, ó grão primor da excelsa Elysia,
Vastallo d'honra e brido.

Porém desses astros te levanta
A acção leal, com que a palavra cumpres,
E te vais entregar ao Regimio
A tipo Esposa, e os Filhos.

Vós também soareis na eburnea Lyra,
 Que altos feitos aos altos Ceos levastes,
 O' Sem pavor Geraldo, ó tu, Corrêa,
 Que o Sol sustens no curso.

Virão dar nova luz ao claro dia
 Freitas fiel ao Rei, fiel Pacheco,
 Vassallos de grãa fé, de grãa constancia,
 Do bravo Conde espanto.

Virá Gonsalves, esse Heroe sublime,
 Portento de valor e lealdade,
 Que sob o mortal golpe, que o ameaça,
 Intrepido não cede;

Mas brada ao Filho: ,, Sê constante, e o poste
 ,, Por nosso Rei defende ,, e assim bradando
 Ufano de morrer, c'o sangue o campo
 Junto ao Castello rega.

Nem tu sem rima igual, ó Nuno invicto,
 Ficarás depois destes; mostra ao mundo
 Essa espada, que ergueio aos Ceos teu nome,
 No Hispano sangue tinta,

Quando com ella impávido rompeste
 Cerrados esquadroes em campo raso,
 De teu Rei n'alta frente segurando
 A nova Crôa, e o Loiro.

**Mas eu, que intentô? nem tú mesma pódés
 Cantar, ó Musa, a clara serie immensa
 Dos Heroes Lusitanos, que exaltarão
 Com tanto feito a Patria.**



no' de a mae **E M** do **L O I U M O R** pro ar M
 e-sonal onca suto n pan M ó gntes l
 DE
 o'ntuzo sup pousian. I goret l colt
M A R T I M D E F E R E I T A S,

*Alcaide Mor de Coimbra, no cerco, que lhe poz
 D. Affonso, Conde de Bolonha.*

Qual Genio, ó Musas, inspirou sublime
 Hum novo pensamento d'honra e brio
 Ao grande Heroe da Lusitana Gente,
 Que inda hoje ouvido assombra
 A Patria Elysia, e o mundo?

Mui leaes a seu Rei os nobres Lusos,
 Sem as armas depôr, sem dormir somnos,
 Velando no espigão do muro firmes
 Desse asperrimo cerco
 Feros combates sofrem.

Tu, claro Monda, os duros males viste:
 Curvados anciões, sagrados Vates,
 Candidas virgens, pavidos infantes
 No regaço da fome
 Morrião cruas mortes.

Juncada de cadáveres a praça;
 Faltava pia terra, que os cobrisse;
 Faltava pyrro funeral ardente,
 Que em chamas devorasse;
 Os insepultos corpos

Poucos Varões, que restão só lãmentão
 De não morrerem na campina rasa,
 Em cheo guerreando, não fraternas
 Hostes, mas tropa inimiga
 De estranha gente e Reino.

Assim os Deoses sem piedade os Lusos
 Entre apertos de morte ou d'atãça deixão
 Porem constante e forte em taes extremos
 Não cede aos duros astros
 O valeroso Freitas.

Nem sede, ou fome, ou bárbaro trabalho,
 Nem fatal risco, nem funesto impecio
 Da morte de seu Rei faz descer
 D'altas tenções fidalgas
 De peito excelso e firme.

Sustenta a voz por Sancho; não consente
 Mingoa em seu nome, que a algum outro ceda
 Esse Castello, por que fez menagem,
 Téque veção seus olhos
 Do Rei defuncto o corpo.

Este o pacto: por entre armadas filas
 Do attonito Conde, com semblante,
 Qual o de Jove, quando desce o Olympo,
 Já parte o Heroe sublime,
 Maior doque os seus fados:

Entra em Toledo; abre a fria campa;
 Seu Rei vê morto; o Regio corpo adora;
 Põe-lhe as chaves na mão, e desobriga,
 Mais puro, que as estrellas,
 Sua palavra d'honra.

Guardei-te, ó Rei, a fé, disse medonho
 Com voz, que o peito a todos estremece:
 E vem mais magestoso, doque fora,
 Entregar do Castello
 Ao novo Herdeiro as chaves.

Espanta-se do feito o bravo Affonso,
 Não visto d'antes; e invejando a Freitas
 A gloria, com que vem; por tão formosa
 Acção trocar quizera
 O novo Sceptro Augusto.

EM LOUVOR
 DE
NUNO GONSALVES.

No recontro fatal vencido e preso
O forte Capitão em duros ferros
Ante o Castello de Faria trazem
Os ferozes imigos.

Com torvo aspecto, que ameaça o mundo,
O alfange nu na crúa mão alçado,
Manda o Barbaro ao Pai, que persuada
Ao Filho seu, se entregue.

O grande Nuno o chama, elle apparece
No tope das ameas: c'um semblante
Mais medonho, que a guerra, os bravos olhos
Põe nelle o Pai severo.

„ Filho, bradou, esse Castello guarda:
 „ Sê fiel a teu Rei, a mim, e á Patria:
 „ Se a não podes salvar contra os imigos,
 „ Co' a espada em punho morre. „

E com tudo sabia, a dura morte,
 Que já sobre a cabeça lhe pendia;
 Porem não de outra sorte a espera, armado

De intrepida constancia,

Que se de loiro marcial c'roado
 No carro triumphal entre os applausos
 Subisse vencedor ao Capitolio

Da Rainha do mundo.

EM LOUVOR

D. O

INFANTE D. HENRIQUE.

Fervia ao longe com fragôr medonho
 O Mar caliginoso: horrenda fama
 Desde a origem do mundo apregoava
 Do inacessivel pego
 As férvidas voragens.

Desestrados successos agoirando,
 Pávido Nauta trespassar não ousa
 O Bojadôr sanhudo, que guardava
 Entre ferros horrores
 Os não sucados mares.

Tu, Filho caro da Natura, ó Genio,
 Que tardaste em formar por tantos eyos
 O Lusitano Henrique, affim hum dia
 A empreza lhe inspiraste,
 Que enche de gloria a Lysia.

Eis elle na mão toma ardente facho,
 Que desde o Sacro Promontório fulge;
 Tiro de Luz despéde, que allumia
 Do tenebroso Oceano

Os pelagos immensos.

Ide romper os mares, disse aos Lusos,
 Com chaves immortaes téqui fechados:
 Ide alargar por nova maravilha
 A' Patria Lysia, á Europa
 Os terminos do mundo.

Genté animosa invicta as vozes ouve;
 A angra deixa da maninha Saguez;
 E em promptos barinajs ás ondas descejo
 Deoses do mar potentes,
 Os novos Argonautas.

Já lá longe das praias, onde Alcides
 Poz balizas ao Orbe, as prós surgão
 Vastos desertos de profundas aguas
 E as barreiras quebrantão
 Dos resguardados mares.

Que espectáculo grande a Natureza
 Aos Lusos apresenta, Quaes portentos
 Não sabidos dos seculos mostra
 Quanto mundo encuberto
 Aos olhos seus descerra

Novos Tritões na azul campina lhe abrem
 Facil estrada: novas aves voão,
 E já proximas terras lhe annunciação;
 Novos benignos astros
 De estranhos Ceos lhes brilhão.

Eis d'entre as ondas ja lá vem surgindo
 Novos montes e cabos, novas praias,
 Terras de vario clima, de diversos
 Productos da Natura,
 De ignota gente e nome.

Como do meio das cerradas nuvens
 A Atlântica Madeira sahê formosa,
 De verdejante folha, a trança ornada,
 E vem com brando gesto
 Saudar os Lusos Nautas!

Correm pelo ceruleo campo as vélos
 As mais Filhas de Thetis cubiçosas
 As Graças, Arguim, e as que guardavão
 Hesperides formosas
 Os ricos pomos d'ouro.

A torrida Ethiopia, ao Sol visinha,
 Desdobra o escuro véo, que a fronte cobre,
 E amostra a face magestosa; vê-se
 Vir, receber os Lusos
 O Arsinario Cabo;

Vê-se mais lédo ao mar co' a grãa corrente
 Ja vir o Sanagá, e o curvo Gambea:
 Vê-se o Filho do grande Nilo, o Zaire.
 Contento devolvendo
 Ao alto golfo as aguas.

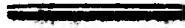
Da intrepida façanha desusada
 Os maritimos Deuses se espantarão,
 Mas não Protheo, que pródigo sabia
 Do immobil fado eterno:
 Os divinos arcanos.

Mal vierde longe as cortadoras proas,
 Co' a fatidica voz, que tudo assombrá,
 „ O' Lusos Nautas, clama, e vós ditosos,
 „ Que os Fados cá vos chamão
 „ Do Mar ao novo Imperio.

„ Por estas ondas, ora povoadas
 „ Téqui em solidão desertas, cedo
 „ Nesses ousados lenhos do Oriente
 „ Virá toda a fortuna
 „ Do aureo lido ao Tejo, „

Soou mui longe a voz do Vate: ouviu-se
 O Roxo Mar e estremeceo; e o Nilo,
 E a soberba Damasco, e a Syria Alépo,
 E o grande Egipto Cayro,
 E a rica Alexandria.

Ouvia-a e estremeceo a grãa Rainha
 Do Adriatico Golfão: do alvo collo
 Cahe-lhe o collar de nítido diamante;
 Cahe-lhe da altiva fronte
 A c'roa d'oiro fino.



EM LOUVOR
DE
BARTHOLOMEO DIAS,
Descobridor do Cabo de Boa Esperança.

Aos Lusos Soberanos não bastarão
Os triunfos do mar, quando, sahindo
De Sagres e do Tejo aventureiros,
A estranhos Ceos e ventos desfraldarão
Das cavas náos soberbas
As atrevidas vélas.

Co' as intrepidas prôas diamantinas
Rompêrão fortes os cerrados muros
Do reservado Reino Neptunino,
Alto senhor de pelagos immensos,
Que o azul tridente volve
Do Atlante ao Indo e ao Ganges.

Sem medo o Bojador bramar ouvirão,
Troar o carro dos tremendos Deoses;
Rugir a Serra asperrima Leoa;
E assobiar com silvos horrorosos
O Drago das Hesperides,
As viboras das Gorgonas.

Nem temêrão tocar as bravas costas
Da adusta região, que o mundo parte;
Onde visinho o Sol, do carro ardente
Raios dardeja, alto terror aos nautas,
De Gregos e Romanos
De longo tempo herdado.

Mas não repousão animes constantes
Em buscar honra a si, e á cara Patria;
Ja sublimes maritimas empresas,
Majores, que as primeiras d'alto espanto,
Impavidos commetteram
Os Lusos Argonautas,

Preside á nova acção o claro Dias
Filho dos Astros: eis trespassa tudo,
Quanto undivagas náos ja descobrirão
Té onde as arenosas praias correm,
Que o longo Zaire inunda,
Da torrida Ethiopia.

Então com qual coragem denodado
 A outro immenso golfão se arremessa!
 Quão senhor das procellas, bravos Euros,
 Caliginosos vortices vencendo,
 D'Africa a méta occulta
 Vai demandar ousado!

Em vão Neptuno o Tormentorio Cabo
 De sustos povoou: em vão armado
 De morte Adamastor, feroz Gigante
 De cem braços e d'olhos cem, do Austro
 Sob a medonha treva
 Guardava os virgens mares.

Calca medos e azares, calca agouros
 O sublime Varão; o monstro arrosta,
 E os terminos vedados lhe devassa;
 Alli ergue padrão a Lysia, e arvora
 Os pendões triunfantes
 Das venturosas Quinas.

Assim de hum vasto mar a Europa ignota
 Os encantos quebrarão grandes Lusos;
 E o passo abrirão já, poronde o Gama,
 A volta inteira d'Africa correndo,
 Por novo rumo achasse
 Insolito caminho;

Poronde fosse descobrir a Lysta
 Os immensos thesqiros do Oriente;
 Poronde nos trouxesse ao Tejo ufano
 As perolas brilhantes, que adornavão

Do Sol os ricos paços,
 E os thalamos da Aurora.

Isto tinhas na mente decretado,
 O' grande Henrique, ó Deus dos Nautas; quando
 No Lyceo Turdetano, onde brilhavão
 Tuas sublimes luzes, revelavas

A Heroes da Lusa Gente
 Os segredos dos mares.

S O B R E
OS FEITOS MILITARES
D O S
P O R T U G U E Z E S.

Quantos troféos alçados, quantos muros
Rotos a suas victorias se trocárão
Depois a muitos em desterros duros

Ant. Ferr. Eleg. VI.

Não teve Roma só na idade d'oiro
Camillos, Fabios, Scipiões, Horacios,
Varões de invicto coração, que dérão
Espanto e brado ao mundo:

Iguaes, ou mores que estes creou Lysia,
Que obrárão feitos de primor e d'honra
Na Europa, na Asia, na Africana terra,
D'Argiva tuba dignos;

Quando em raza campina denodados,
Co' a sempre vencedora espada em punho,
Desbaratavão Arabes, Hispanos,
Soberbos Turcos, Indos:

E com tudo sabião, que voltando
 Não lhe havião romper os altos muros,
 Para recebimento hõnroso, e entrada
 De triumphal carroça;

Nem alto levantar-lhe em praça augusta
 Bronzeas estatuas, marmores gravados,
 Que seus excelsos nomes consagrassem
 A's vindoiras idades;

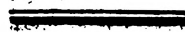
Mas antes esperando em recompensa
 A baixo estado vir humilde e escuro,
 Morrer nos hospitaes em pobres leitos,
 Ir nús á sepultura:

Assim Pacheco, Achilles Lusitano,
 Que com valor incrível sustentára
 Os cem Reinos da Aurora avassallados
 Ao grande Luso Imperio;

Assim Galvão, que palmas mil colhêra
 Em Moro e Banda, e em Tidore e Java,
 Que de Ternáte a c'roa rejeitára,
 Fiel ao Rei, e á Patria;

Assim outros famosos d'alto peito,
 Perseguidos alfim da torpe inveja,
 Acabárão seus dias, arrojados
 Na misera pobreza.

Que fôra já, se huma esperança certa
 De galardão os Lusos animasse?
 Que grandes feitos não fizeram todos
 Nas bellicas fadigas?



EM LOUVOR

DE

D. JOÃO DE CASTRO,

Vice-Rei da India.

ENtra, que a Musa Soberana, ó Castro,
 As portas te abre da immortal Memoria;
 Não porque torvo co' a sanguinea espada
 Feroz Cambaia enfreas;

Não porque á patria Elysia segurando
 Rico Imperio da Aurora, em Goa entraste
 Em grão triumpho, a ti melhor devido,
 Que a Consules Romanos;

Mas sim, porque, qual rígido Fabricio,
 Contente de obrar bem, servir a Patria,
 Desse opulento Ganges rejeitaste
 As nitidas riquezas.

As mãos vazias de ouro, as mãos intactas
 Dos despojos da Asia ao mundo amostra:
 He este o teu triumpho de ti digno,
 Triunfo grato aos Deoses.

L I S B O A

*Sobre a decadencia das nossas Conquistas
da Asia.*

O' tu nos sete montes sublimada,
Mais que do Tybre a Lacial Rainha,
Clara Ulyssea, que do alto medes
Os Ceos e ultimos aatros

Do Mundo Occidental, onde os brilhantes
Raios depõe o Sol, quando, descendo
Com toda a magestade de seus Lumes,
Vem dormir em teus mares:

Tu estendes dahi ao longe os olhos
Pela esteira inda impressa nessas ondas,
Que o Neptunino Gama ousado abrira
Do Tejo ao Indo, e ao Ganges:

Revolves inda'gora n'alta mente
Africanos Climas, Indianas terras,
Aonde teus Heróes já te arvorarão
As triunfantes Quinas

E que vês tu dessa grandeza immensa?
 Que vês da gloria antiga, que ganhaste,
 Cavando mares, superando povos,
 Alçando altas Cidades?

Aonde estão os fortes, que vencêrão
 Co' a lança em punho, e o bravo peito á morte,
 O Hidalcão, Achem, Badur ufano,
 O Çamori potente?

Aonde está a aurifera Malaca,
 Que inda treme do nome de Albuquerque?
 Onde Dabul, Damão, Cochim, Cambaia,
 Trofeos da Lusa Gente?

Já não trôa Chaúl do morro altivo,
 Terror fatal dos Indianos povos;
 Já não trôa Coulão, Tidôr, Ternáte,
 Nem Cananôr soberba,

Já não se vê de mar em mar correndo
 A grossa Armada, que em naval batalha
 Espantou tantas vezes o Indostano,
 O Turco, o Egypcio, o Arabe,

Que foi desse oiro fino de Çofâla,
 Dos rubis do Pegú, de tanta perla
 Da piscosa Manar, das ricas telas
 Da opulenta Bengalla?

Que foi da muita alfaia, da baixella,
 Dos aromas, das drogas, altas páreas,
 Que pagavão do Indo subjugado
 Os Reis, a ti Vassallos?

Só pelos fastos, que teus feitos guardão,
 He que hoje o antigo teu valor sabemos:
 Só por tuas ruínas te medimos.
 A passada grandeza.

Que não transtorna o tempo! Oh praza aos Deo-
 Não percas inda mais; nem que teus filhos, (ses
 Dos pais degenerando, desafiem
 Seus iracundos raios.

A' M E M O R I A
 DO GRANDE
 L U I Z D E C A M Ō E S.

O sublime Cantor, que sobre as azas
 Do sagrado Poema leva aos astros
 O Gama illustre, e a Lusitana empreza
 Dos Gangeticos mares,

Dizei, qual digna recompensa, ó Musas,
 Teve a seu canto, de que se honra Apollo,
 Que a tanto feito, a tanto Heroe valente
 Deo immortal memoria?

Do rico Imperio da gemmante Aurora,
 Onde soltou aos Ceos a voz divina,
 Nem oiro, nem fulgente pedraria
 Lhe deo a sorte avara.

De seus illustres méritos sublimes,
 Que as estranhas nações tanto invejãõ,
 Só teve em premio, e galardão sobejo
 A horrida pobreza.

Tu, Escravo de Jáva, ó só amigo,
 Que o Ceo lhe déra em tanta desventura,
 Entre as trevas da noite mendigavas
 Seu misero sustento.

Lysia, inda então dura ao som divino,
 Cevada só em vil cobiça d'oiro,
 Cerrou o peito esquivo aos seus queixumes,
 Nem lhe enxugou seu pranto.

Inda agora, oh descuido torpe e cego!
 Não saberia com desdoiro eterno,
 Aonde as sacras cinzas repousavão
 Do Lusitano Homero;

Se o generoso inclito Coutinho,
 Co' a voz magoada os Manes invocando,
 Não achasse, dos Deoses soccorrido,
 A desprezada campa.

Assim, assim o Cidadão de Arpino (*)
 De Syracusa aos espantados povos
 O ignoto sepulchro descobria
 Do sublime Archimedes.

(*) M. Tullio Cicero.

A' M E M O R I A
D E
G A B R I E L P E R E I R A
D E C A S T R O .

Grandes gabos do Filho de Laerte,
Já nos campos Troianos, já nos mares,
Que naufrago vagava, em nobre metro
Cantou Meonio vate;

Mas feitos inda então não tinha obrado,
Por mais gentis, que a Argiva pluma os canté,
Que aos celestes umbraes o remontassem
Da verdadeira Gloria.

Tu, ó sublime Castro, a trompa altiva
Do Cantor Grego, já cançado, tomas;
Hum som mais alto, que o primeiro, fere
As fulgidas estrellas.

Guiado o Heroe por teu sonoro canto,
 Novos climas commette, novos mares;
 C'o intrepido valor transpõe ousado
 As Herculanas métras:

De Thetis chega às derradeiras praias,
 Nunca antes vistas, onde o Sol descendo
 Despe da fronte a magestosa c'roa
 Dos fulgurantes lumes,

O sacro Promontorio, que conversa
 Os noctámbulos Deoses, (*) do Occidente
 Vendo chegar o novo fado á Lysia,
 Quão alto aos Ceos s' eleva!

O Oceano hum longo espaço entrando
 Vai co' as formosas Filhas de Anfítrite
 Ledo saudar com plácido semblante
 As Argivas galéras.

Eis surgem na doirada foz do Têjo;
 D'um lado e d'outro as sinuosas ribas
 Ufano alarga o Padre Rio, e hospéda
 Os Argólicos Nautas.

(*) Allusão á crença de nossos antigos Lusitanos, que tinham, que os Deoses se ajuntavão de noite a praticar naquelle Promontorio.

Já sobre os hombros de soberbos montes,
 De Ulysses obra, a inclyta Cidade
 Aos astros sobe; sobe o Templo augusto
 Da sabedora Deosa. (*)

D'alli que aureos costumes, Leis sagradas,
 Quantas virtudes lúcidas nascêrão!
 D'alli que Heroes sublimes, que fundárão
 O Lusitano Imperio!

Emquanto a Lysia os Deoses conservarem,
 Ao Grego Fundador amará Lysia,
 E a ti, ó Castro, que o trouxeste ao Tejo,
 Maior, doque era em Troia.

(*) Allusão á fabula do Templo de Minerva, fundado por Ulysses em Lisboa.

D. T H O M A S,

Marquez de Ponte de Lima, Mordomo Mór.

Quando Jove aos mortaes benigno hum dia
 Do almo seio te enviou ao mundo,
 Com larga mão te deo em rico dote
 Civis virtudes santas.

Debalde Marte te acenou c'o loiro,
 Que cortou vencedora espada, ainda
 Fumante em sangue humano: em vão te lembra
 Os Silvas, e altos Limas.

As virtudes da paz, que bemfeitoras
 Buscão fazer os Cidadãos ditosos,
 Fôrão sómente o alvo a que tirarão
 Teus candidos desejos.

Aos desejos iguaes sempre respondem
 Teus feitos, com que a Patria tanto illustras;
 Com que serves ao Throno, com que prestas
 Aos Principes conselho.

A alta fidalguia, o valimento,
 As honras, teu poder, teus cargos, tudo
 Fazes servir, menos aos teus, que aos outros,
 Menos a ti, que a Patria.

De Reis valido nada jámais pédes
 Para ti, para os teus; severo afastas
 Com torvo aspecto as dadivas dos ricos,
 Que os Cortezãos anhelão.

Novos palacios, que a soberba eleva,
 Nem rica pedraria, nem thesouros,
 Que a dependencia liberal off'rece,
 O avito fundo augmentão.

Huma unica alfaia, hum só ornato
 Jámais accresce a teus honrados lares;
 Quaes recebeste dos avós os paços,
 Taes ao herdeiro os deixas.

Pódes a Lysia, e aos que de ti vierem,
 Mostrar hum coração independente;
 Hum peito sem cobiça, huma alma nobre,
 As puras mãos sem crime.

**D. DOMINGOS DE ASSIS
MASCARENHAS,**

Principal da Santa Igreja Patriarcal.

„ *As Musas ouve sempre, accendem fogo*

„ *Nos altos corações,*

Ferreira Liv. II, Cart. VII.

CLARO sangue de Deoses, se do meio
De tantos teus trabalhos hum momento
Pódes roubar, ás santas Musas presta
Benevolos ouvidos:

Dá, visto o verso a peroes depois da morte:
Que seria de tantos feitos raros,
De teus avós sublimes, se os calasse
A augusta voz dos Vates?

Ainda vive entregue aos sons canoros
Da clara tuba, que Camões assopra,
O invicto Gama c'os Varões, famosos
Argonautas de Lysia:

Do bom Menezes não cessou a trompa
 De resoar façanhas portentosas,
 D'Albuquerque terrível, cujo nome
 Inda hoje assusta o Ganges.

Soando está na lyra harmoniosa,
 Prenda, que Febo deo ao grão Quebedo,
 O Quinto Affonso vencedor d'Arzilla,
 E quanto Heroe valente

Obrou então proesas nunca vistas:
 Nem faltou inda a voz potente ao grande
 Corte Real, cantando os fortes Lusos
 No cerco d'alta Dio,

No Elysio só as Musas não consentem,
 Que huma só das acções gentis se perca,
 Quando as gravão no marmore dos versos
 Para memoria efèrna.

Castro de Illustre
 O' hora desta
 Se assim os

Mãe
 Ora receio, de que em tua
 Com toa abandonado
 Minha

A

**D. FRANCISCO RAFAEL
DE CASTRO,**

*Nomeado Reformador Reitor da Universidade, re-
mettendo-lhe o Author alguns dos seus versos
que lhe pedira.*

*Quum tot sustineas, et tanta negotia solus
_____ in publica commoda peccem*

Si longo sermone morer tua tempora. —

Hor. Liv. II. Epist. I.

Contrario ao bem commum serrei, se tente

Com meus versos, Senhor, pejar-se huma hora

De tempo, de que pende tanta gente.

Fer. Liv. II. Cart. II.

Os toscos versos, que me pedes, Castro.
Castro de illustre sangue, d'alto aviso,
Oh honra desta idade, ahi tos mando,
Se assim os queres.

Não ousava, Senhor, mostrar-tos; tinha
Ora receio, de que em teus ouvidos
Com tom desafinado mal soassem
Meus rudes cantos;

Ora temia com razão pejar-te
 O tempo, que dispendes, conversando
 Os Deoses do Mondego, que vierão
 Pedir-te amparo.

Não queira o Ceo, que assim te roube huma
 A' obra excelsa, de que estás entregue;
 Dá-te todo, Senhor, aos justos rogos,
 Que elles te fazem.

De barbaros Alápos feroz bando
 Qual já viera do Aquilão gelado,
 Cahio sobre o Mondego, e os férteis campos
 Talou co' ferro.

Ao Padre Rio, que nas frescas ribas
 Jazia á sombra da oliveira, quebrão
 A rica urna, e á sabia Filha pisão
 O collar d'oiro.

Tu, misera Princeza, do aureo Sceptro,
 Que o grão Diniz te dera, despojada,
 Rotas as regias vestes, arrastravas
 Horridos ferros.

Tuas Nynfas c'os filhos lagrimosas
 Pelas margens do rio andão carpindo
 Os crueis dias, que te lá levarão
 Tamanho estrago.

Apressa-te, Senhor, corno a amargar-lhe
 Co' a mão piedosa as lagrimas, que chorão; e
 Serenar-lhe os temores, que as trespassão.
 De crua mágoa.

Quaes fôrão já d'alto valor armados,
 Os Heroes de teu sangue em brava guerra;
 Suster nos Reinos da gemmante Aurora,
 O Luso mando:

Tal tu agora vai aos campos, onde
 Tantas Nynfas te chamão, tantos Deuses,
 Vai quebrar os grilhões, que tem a Míra,
 A Mãe das Musas.

Seus inimigos lhe abate, ergue seu throno
 E nos hombros armados de diamante,
 Sostem-lhe longo tempo em paz doirada
 O seu imperio.

Quantas coisas os Fados já promettam
 De ti, ó Castro, nesta empreza honrosa
 Coisas, que vencerão quanto illustre feito
 Os teus fizerão.

Oh! se eu então pudesse transmutado
 No branco Cisne da soberba Thebas,
 As azas despregar, e reger-me nellas,
 Até os astros.

Não rudes ~~Musas, Jões~~ os ~~que~~ ora mando,
 Mas sublimes Canções, que espantariao,
 As Musas Gregas, as Latinas Musas,
 De ti cantara.

.....

.....



.....

.....

.....

.....

AO DOUTOR
**RICARDO RAIMUNDO
 NOGUEIRA,**

Sobre a mudança dos bons costumes.

EMquanto em raso campo ensanguentado,
 Raio da guerra o forte Heitor brigava,
 Brancos vellos de lãa co' as lindas aias
 Andrómacha tecia,

Nem se pejou o bravo Macedonio
 A' Rainha dos Persas amostrando,
 Da Mãe e das Irmãas taréfa digna,
 Os pródidos vestidos.

Tu, Roma altiva, quando o Amor honravas
 Da sólida virtude, a roca, e o fuso
 Nos dias nupciaes apresentavas
 A's candidas donzellas,

A' Regia Esposa do Ancião Tarquinio,
 Por fiandeira illustre, levantaste
 Horrosa estatua, muito mais devida,
 Que a Cesares soberbos,

Nem Lusa gente, nem Nogueira, dantes
 Cedia a Gregos, e Romanos: erão
 Da mais nóbre matrona nóbre emprego
 Domesticos trabalhos.

Quanto agora distamos, prole indigna,
 Dos bons passados! torpe luxo e ocio
 Escalou os costumes: he desdoiro
 Cuidar da casa e filhos:

Pejão-se as donas dos roliços fusos,
 Das têas, da costura, dos layores:
 Quanto ás mãis de familias foi já honra,
 He hoje opprobrio ás filhas.

AO DOUTOR
**JOSE CARDOSO FERREIRA
 CASTELLO,**

Sobre a decadencia dos nossos antigos costumes.

Quanto dos bons passados já distamos,
 Meu illustre Castello! ai, já quanto
 Em nós degenerou a raça altiva
 Dos varónis costumes!

Qual foi da antiga Lusitana gente
 Cavalleiro, ou peão, que não lidasse
 Por se avesar á athleticos trabalhos,
 A si, á Patria util?

Era na paz seu jogo, e passatempo
 Luctar c'o disco, lançar longe a barra,
 Correr as alcanzias, entrar déstro
 Nas justas, nos torneios.

C' os rijos enchadões volver a gleba.
 Os pégos vadear, sobir as fragas,
 Pisar c' os pés o frio caramello,
 Montear as florestas.

Que não fazião na cruenta guerra?
 Era seu timbre isó-sahir do campo
 Tintos de sangue, em negro pó envoltos,
 Ganhando immortal fama:

Qual primeiro arrostava o fero imigo,
 Qual trepando a muralha encavalgava,
 Qual ligeiro arvorava entre as ameias
 As vencedoras Quinas.

Sem já despir nem malha, nem couraça,
 Com que de dia pelejavão fortes,
 Sobre o espigão do muro mal dormião
 De noite escassos somnos.

Desta arte o grande Affonso alçava o throno
 Sobre as ruinas do Agareno bando;
 Desta arte sustentava o fero Nuno
 Ao novo Rei, o Sceptro.

Desta arte o grão Menezes o Africano
 Domava; e o forte Castro, e o Albuquerque,
 De cem Vassallos Reis, hum aoq. e um perito
 No Indo a Lysia alçavão:

AO DOUTOR
JOSE BARROSO PEREIRA,

Em seu louvor.

**Quanto, Barroso amigo, os mais dos homens
 Desmentem da virtude, que em seu peito
 Logo ao nascer depositou benigna
 A prósida Natura!**

**Ditoso tu, que a que te coube em sorte
 Alta virtude, de mil bens tão rica,
 Qual tu a recebeste, para a guardas
 No coração formoso:**

**Ella te guia em tudo, em tudo sempre
 A facha da razão te vai diante,
 A Lei rege os teus passos, tenção recta
 Aos feitos, teus preside.**

**Não te muda huma hora, hum dia, hum anno,
 Paixão nenhuma o coração te torva;
 Na flor da idade, nos cançados annos,
 Qual foste, es sempre o mesmo:**

Se fallas, falla a honra, o brio, o siso ;
Se eusinas, a doutrina exacta impéra ;
Se empenhas a palavra, e a alguem promettes,
A tua voz he Numen.

O' alma bem nascida, ó alma grande,
Maior, que os fadõs teus, que a tua estrella ;
Oh ! se quizesse o Ceo, a nós benigno,
Que tantos dotes raros,

Que hum só d'hum Ser mortal hum Deos fizera,
Em mór theatrõ ao mundo se mostrassem,
Quaes os eu em ti vejo, tu serias
A fortuna dos povos.

A Razão, a Justiça, a sã Piedade,
A solida Sciencia, as Artes todas,
Aureos costumes sempre reinarião
Sob o teu mando illustre.

A

JOAQUIM DE FOIOS,

D A

CONGREGAÇÃO DO ORATORIO,

*Sobre a falta do respeito devido aos Ministros
da Religião,*

*Di multa neglecti dederunt
Hesperiae mala luctuosae.*

Horac. Liv. III. Ode VI.

DAs Apollineas vestes adornado,
Com ricos dons ás Gregas Não chegava,
Porque a Filha captiva resgatasse,
O Sacrificio Chryses.

Ora roga aos Acheos de finas grevas
Em miserandas lagrimas banhado;
Ora se dobra aos Capitães soberbos,
E a virgem Filha pede.

Porém feroz Atridas Agamemnon
Não cede aos rogos do Varão piedoso;
Nem Sceptro, nem Laurel do Deos lhe acata,
Que as sacras mãos trazião.

„Vai-te, importuno Velho, se não queres
 „Antes de tempo terminar teus dias;
 „Mais aqui te não veja. „Disse, e torvo
 As costas lhe voltava.

Pelas desertas praias taciturno
 Sem sua amada Astynome partia
 O sagrado ancião; e feito ao longe
 Alçou ao Ceo seus olhos.

„O' longe-vibrador Apollo, brada,
 „Vês-me aqui Pai, e Sacerdote, ambos
 „Sem honra; se de grato incenso e votos
 „As tuas aras cubro,

„A ambos vingá, ó Santo Numen. „Ouve
 O Filho de Latóna, e á parte esquerda
 Tôou; eis meneando a Peste horrenda
 A furial cabeça,

De cem viboras crespa, sahe do Averno,
 E por entre as Argivas tropas corre;
 D'um lado e d'outro o fulminante facho
 Sacode, e espalha a morte.

Quaes vem á cegadoira foice as messes,
 Taes vão cahindo ao misero contagio
 De mil e mil Heroes de peito forte
 As bellicas falanges.

Assim, ó Foios meu, a Europa geme
Em cruas guerras de furor insano,
Dês que os homens sem lei desacatarão
Os Deoses, e a Virtude.

EM LOUVOR
DE
D. FR. MANOEL DO CENACULO
VILLAS-BOAS

Sendo Bispo de Beja.

JA' o vento de Chrysa sopra: aonde,
O' Filho da pulcricoma Latona,
Me mandas tu voar já sublimado
Co' as Pindaricas azas?

A Beja apontas; eu já vou soberbo;
A Beja de hum só voo me abalanco:
Salve, Varão de Lysia, que a ennobreces
Co' as inclitas virtudes,

Mais inda, do que os fortes vencedores,
Que nas margens gemíferas do Ganges
Colhêrao perlas, com que a frente ornârao
Ao Lusitano Imperio:

Tua doutrina he luminoso facho,
Tua moral sublime, rodeada
De feitos mais fulgentes que as estrellas,
Que luz não lança em Beja!

Não lança em Lysia, e no Paiz Romano,
 Em todo o christão povo, em toda a parte,
 Onde teu nome leva a fama excelso,
 Tuas acções e escritos!

Ensinas, e, o que ensinas, obras: guias
 Com a doce voz, ainda mais c' o exemplo
 O teu rebanho: vai hum pai c' os filhos
 C' os filhos seus, nutridos

No regaço da Fé; e doutrinados
 Nos dictames dos Padres, que ainda agora
 São da Igreja luzeiros, que allumião
 O mundo escuro, e cego.

Tão alta, tão christãa Filosofia,
 Engenho vivo, erudição profunda,
 Unção sagrada, sentimentos nobres
 Nos solidos escritos;

No trato c' os iguaes, e c' os pequenos
 Singella candidez de peito aberto,
 Branda cortezania, lêdo agrado
 Em grave gesto unido,

Coração hospital a todos: recta
 Tenção de bem fazer, que o peito anima:
 Bondade sem limites; alma extensa,
 Sublime, generosa;

Aonde, aonde encontrarão as Musas
 Tantos dotes unidos, que decantem,
 Senão em ti, ó honra desta idade,
 O' Prelado de Beja?



AO DOUTOR
JOSE BARROSO PEREIRA

Em seu louvor.

Humano coração, peito innocente,
Lisura, e honra, e brio, e fundo siso,
Aonde, aonde estão com mór luzeiro,
Senão em ti, Barroso?

Poisa em teus beijos candida verdade;
A incorrupta fé brilha em teus olhos;
Trasluz o coração no rosto claro;
Tal és, qual nos pareces.

Igual ao pensamento he sempre o dito;
Igual ao dito a obra, ó Alma grande,
Maior, que o teu destino, tu devias
Reger povos inteiros:

De tua doce voz, de teu exemplo
Que de regras de bem viver houverão,
Que de afeições e sentimentos nobres,
Que de costumes d'oiro!

Se as virtudes, do Eterno illustres filhas
Podessem todas acabar no mundo,
Em teu formoso peito se acharião
Do fero estrago isentas.

Dahi, dahi, como do Ceo Apollo
Derrama as luzes, e fecunda as terras,
Podias espalhar por todo o orbe
O germe das virtudes.

**D. FRANCISCO RAFAEL
DE CASTRO,**

*Principal da Santa Igreja Patriarcal, no dia
de seus annos.*

Vejo Pbebo c'roado de alegria
Teu nome estar cantando ao som divino
Das nove Irmãas divina companhia.

Ferr. Liv. I. Cart. XIII.

Sangue dos Lusos Deoses, alto objecto
Das Aonides Musas, tu, ó Castro,
Reina na Lyra d'oiro, nova Lyra,
Que o Patarêo Apollo

Depois de lédo ver teus raros feitos,
Entrando hum dia no Castalio Coro
Das nove Irmãas no virginal regaço
Deixou, a ti sagrada.

„ Largai, lhes disse então (e sobre a fronte
Os celestes cabellos se agitarão);
„ Largai todo outro assumpto, cantai Castro,
„ Da Lysia terra Nume. „

Da Ambrosia boca solta os favos de Hybla;
E conta, quanto tu, ó Castro Illustre,
Nas sacras ribas do aneião Mondego

Obraste grande, eterno,

Digno de ti, e de teu nome excelso,
Digno de teus Avós, de Lysia digno:
Desde então as Pierides te cantão
No dia de hoje hum Hymno.

**FRANCISCO DE BORJA
GARÇÃO STOCKLER,**

*Exhortando-o, a que interrompendo algumas
vezes os seus graves estudos, se volte
às Musas.*

Não tema noite fea
Quem vio Pindo e Parnaso,
Nem a urna Lethea:
Que não terá occaso
Seu nome Soberano em negro vaso.

Veiga Od. X. do Liv. II.

Nem sempre pelos montes
Vaga em rapido curso a clara Cynthia
Após as bravas feras
O infesto dardo em alvas mãos brandindo;

Nem sempre o fatal arco
Ateza Apollo Agyreu: Vulcano
Na abrazada Officina
Nem sempre escudos forja, e peitos d'aço.

Nem sempre o Filho cego
 Da formosa Acidalia a guerra accende,
 Da aljava disparando
 Já d'odio, já d'amor travessa flecha.

Tu nunca dás descanso
 Aos severos estudos; de continuo
 Lidas com Locke e Newton,
 E a fysica e a moral natura sondas;

Porem Sócrates sabio
 Não era assim: c'os moços, que ensinava,
 Como se fosse hum delles,
 Corria em ledos jogos prasenteiro.

Panthoides sisudo
 C'os molles sons da Lyra temperava
 As coisas mais severas,
 Dando tregoa folgada a seus trabalhos.

E Scipião, depondo
 O grão tedio dos publicos negocios,
 As candidas conchinhas
 Na recurvada praia procurava.

Deixa por algum tempo
 O celeste compasso de Uranía,
 Nem cures, douto Stockler,
 Saber mais do que basta em curta vida.

Dá-te ao prazer das Musas,
Dá-te á Lyra, que está teus sons pedindo;
Ou canta Amor, ou feitos
De tanto Luso Heroe na paz, na guerra.

Aquelle, a quem Apollo
Revelou os segredos da Harmonia,
Não de austeras sciencias,
Mas só das Musas nome eterno espera.

A'

MOCIDADE PORTUGUEZA,*Exhortando-a ao estudo da Poesia.*

Amai as Musas, ó Mancebos Lusos,
 Desde meninos costumai-vos logo
 A ler as obras immortaes, que Febo
 Sellou co' a mão sagrada.

Quer vós vivais na paz, quer já na guerra,
 Ou caminheis por deleitosos campos,
 Ou lá por esses aridos desertos
 Da inhospita Lybia,

Ellas vos seguem, doce companhia,
 A qualquer parte, que fortuna varia
 Vos leve; e vossas lidas, e cuidados
 C'os cantos seus abrandão.

Ellas, ó moços, inspirar vos podem
 Ou obras dignas, que canteis ao mundo,
 Ou já dignas, que os outros de vós cantem
 Ao som do metro altivo.

Cahirão as estatuas; os Colossos
 Tragou o tempo, vorador dos evos;
 Os Reaes monumentos, que existirão,
 Nem já se sabe, aonde.

Mas não se perde o nome, não a fama
 Do amigo das Musas: nem tu creias
 P'récadoiros seus versos, se ellas gratas
 Com bom semblante os virão.

Nos baixos de Cambaia, a não já rêta,
 Perdêra Elysia a rica lyra d'oiro,
 Que soou desde o Tejo até o Hydaspe,
 Que a seus heroes deo brado;

Se as amigas Pierides, se Febo
 Bor sobre os infamados arrecifes,
 Apezar de Neptuno, a não guiasse
 Para as desertas praias.

Tu, Mecôn, desde tuas fozes viste,
 Espantado, tocar a arêa salvo,
 A taboa n'uma mão, n'outra o Poema,
 O Lusitano Vate. (*)

(*) Camões naufragando nos baixos de Cambaia, e salvando
 no meio do naufragio o seu Poema dos Lusíadas.

**AO DOUTOR
RICARDO RAIMUNDO
NOGUEIRA,**

Contra a Devassidão dos Costumes.

Era no mundo a gente Lusitana
Outra Lacedemonia, e Esparta antiga,

Ferr. Carta III. do Liv. II.

A mui severa Esparta não cedia,
Nogueira, a forte Lysia: heroes valentes
Avezados á sêde, ao sol, ao frio
No gremio seu criava.

Já em meninos se ensaiavão destros
Aos trabalhos, e ás bellicas fadigas:
Era seu trato cavalgar airosos:
Domar feroz cavallo:

Luctar c' o césto, tirar longe ao alvo;
Terçar a lança no gentil torneio:
Por duros bosques acoçar as feras:
Saltar profundos Vallos,

Qual não atravessava destemido
Do largo rio a rapida corrente?
Qual não trepava com gentil despejo
Fragosas penedias?

Porem hoje, oh vergonha sempiterna!
Oh deshonra de Lysia! os sumptuosos
Netos trocarão varonis costumes
Por feminis baixeças.

O ocio frôxo, e o torpe luxo trouxe
As delicias de Capua, e de Córintho:
Que alfim o aço rijo destemperão
Dos animos valentes.

Hum joga dia, e noite cobiçoso
Do luzente metal; outro só vive
Em banquetes esplendidos cevado,
Que as forças entorpecem,

Garrido alarde d'oiro lhe orna o peito,
Que não o forte arnez, luzida malha:
Por fero capacete na cabeça
Alto penacho ondêa.

Este as loiras madeixas embebendo
Em massas odoriferas rescende
De Indicos magos: dança effeminado,
Ou salta em torpes bailles.

Aquelloutro, qual Phrygio Paris, fraco
 Damêja, e molles cantos gargantêa,
 Affectando branduras estudadas,
 Que herdou do infame Egypto.

Se isto ora vissem Albuquerque, Castros,
 Se o visses, Nuno, alto terror de Hespanha,
 Certo negáras, que esta fosse a raça
 Dos esforçados Lusos.

A'
N O I T E.

Sagrada Noite, a ti este Hymno canto;
O' Venus Tenebrosa, ó Mãi Primeira
 De quantos *Seres* em seu seio encerra
 A próvida *Natura*;

Amor he o teu *Filho*; he *Pai* do *Dia*;
 Do sacro *Fogo Author*, que tudo anima;
 Deos da *Natura Humana*, e da *Celeste*,
 He *Alma* do *Universo*.

O'Tu *Primeiro* dos *Mortaes* *Nascido*
Amor, que desde o centro d'*alta Noite*
 Com igneas azas nesse espaço escuro
 Aos *Ares* te alevantas,

Levas na *Esquerda Mão* a *Facha Ardente*,
 Que *Tenebrosos Mundos* alumia,
 Dos *Ceos*, da *Terra*, dos *Profundos Mares*
 Levas na *Dextra* as *Chaves*,

Abres da vida as aureas portas: Sôa
 De hum *Polo* a outro tua voz potente
 Dos *Animantes* toda a *Raça* chamas,
 E em doces laços prendes :

Sobre elles sopras *Genitæes S'pritos*:
 De teu *Fecundo Assopro* bafejado
 Renasce o *Orbe*, e brota a serie immensa
 Dos *Seculos* vindoiros. (*)

(*) As Trevas divinizadas debaixo do nome de Venus erão honradas pelos Egypcianos, como hum dos principios originarios, e universaes de todos os Entes, como se vê de Nicoláo de Damasco no seu livro dos Principios. Poeticamente se adoptão aqui estes principios, como se costumão adoptar outros da antiga Mythologia.

AO
MESMO ASSUMPTO.

Noite, sagrada Noite, ó Noite eterna, (*)
 Madre do Mundo, quando o immenso Cahos
 Nem era Luz, nem Trevas, tu geraste
 O Sol, e o claro Dia.

Desenvolves da cega massa informe
 Os varios infinitos Seres: todos
 Em harmonico accordo põe sujeitos
 A teu potente braço.

Os Orbes se dividem: ignea Força
 No Ceo convexo o alto assento busca:
 O diafano Ar eis mais abaixo
 Vasio espaço occupa:

(*) Os Egypcios nos seus Canticos repetião tres vezes o nome da Noite, como conta o mesmo Nicoláo Damasceno no livro dos Principios.

Sobre seus pesos estribada pende
 Direita em equilibrio a densa Terra:
 De plantas, de animaes, de brutas pedras
 Estranhas fórmas veste:

O Mar sahindo das ceruleas grutas,
 As ondas volve ás estendidas praias;
 E os cristalinos braços alargando
 Cinge a Virginea Terra.

No meio de tão raras maravilhas
 A hum assopro genital, que abriste,
 Dos labios teus, ó Deosa, nasce o Homem,
 Senhor deste Universo.

A'
N A T U R E Z A,
o u
V E N U S F Y S I C A
Na vinda da Primavera.

EM coche de çafira azul e d'oiro,
De mil rubins, de verdes esmeraldas
Baixa d'Olympo a de risonho gesto
Bellissima Acidalia:

Tiro de Luz, que os Orbes atravessa,
Mais fulgente que os Sóes, do rosto espalha,
Deixa por toda a parte odôr fragante,
Que a flava coma espira.

Os garços olhos radiosos lança
Sobre todo o Universo: tudo a sente:
Tudo com ella remoçando as forças,
Vive, vegéta, e gera.

Sorri-se o Ceo de graças: os seus lumes
Em chama auri-rozada o Sol accende:
Já novos Horizontes brilhão: fazem
Aerias aves ninho:

No campo as cereaes sementes inchão
 Nos almos regos, que Sylvano abríra:
 De virentes pimpolhos se revestem
 As pomíferas plantas.

A's vitreas Lapas de Neptuno a Deosa
 C' o fulgurante facho desce; quanto
 Sobre as ceruleas ondas borbulhando
 Vivo cardume salta!

Que resta mais nesse Universo inteiro,
 Que a ti, ó Grãa Rainha, te não ceda?
 Que a teus assopros genitæes não tome
 Nova energia e força?

Gentil donzella, se até aqui se esquiva,
 As rubras faces de pudor tingidas,
 Já tua chama sente; e hum seu suspiro
 Faz renascer mil mundos.



A U T H O R

A's suas Musas.

Eu chamo só ditosos os meus dias,
Os dias meus, que eu só convosco passo,
O' Pieriades Musas: choro os dias,
Que dispendo forçado c'os negocios
De gentes importunas, com visitas,
Com cumprimentos vãos, com vãos cortejos,
Quando os fados, macios a meus votos,
Me dão furta-me huma hora a taes trabalhos,
Que grão prazer no peito me tresporda!
Lanço-me a vossos braços, Musas, lanço-me
No brando cólo, no regaço meigo
De ti, minha Uranía, de ti Clio,
De ti, Polymnia, de ti, bella Eutérpe:
Vós me coroaes a fronte: vós benignas
Me dais engenho, e sp'rito, e arte, e Lima:
Então pego da Lyra, firo as cordas,
E faço soar nellas Deos, Natura,
Homens bons, e os Amigos, e a Virtude,

A
ALEXIS,

Excitando-o a cantar os feitos dos Portuguezes.

*Os antigos exemplos já deixemos :
Vencem os nossos*

Ferr. Liv. II. Cart. VIII.

Vá Lusitania, se poder, primeira.

Cart. X.

Mores feitos ha cá, não tão bem escritos.

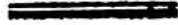
Liv. I. Cart. II.

A quem preparas, ó amigo Alexis,
Os alvos hymnos, que lá estás compondo,
A' fresca sombra dos copados bosques
Do Ménalo sagrado?

Não os dês á lisonja, á dependencia;
A virtude tos pede: quantos Lusos
Varões, que a Patria com acções honraráo,
Ainda estão sem nome?

A ti só, ó grão Vate, está guardado,
Que os altos dons, as fúlgidas virtudes,
Com que no Ceo de Lysia já raiarão,
Cantes em metro altivo.

Vencem seus feitos inclitos, sublimes
Ou já na guerra, ou já na paz doirada,
Quanto de seus heroes a pluma escreve
Da fabulosa Grecia.



**AO DOUTOR
RICARDO RAIMUNDO
NOGUEIRA,**

Sobre a felicidade dos Povos.

„ Com prazer a espera-lo já, me movo:
„ Com prazer á alta empreza vivo

Ferr. Liv. I. Cart. XIII.

Com férvidos suspiros desejando
O bem dos homens, ó Nogueira, aos Deoses,
Pedia Reis benignos, que doirassem
Dos povos seus os fados.

Eis chega Apollo, e em clara luz raiando,
As trevas me abre do futuro incerto;
E mostra-me risonho ao longe o vulto
De hum Principe sublime.

„ Aquelle (diz) que tu lá vês benigno,
„ Virá hum dia a governar na terra,
„ *Rei Homem, Rei e Pai, Senhor e Amigo,*
„ Amor de seus Vassallos. „

Oh Principe divino, absorto exclamo,
 Adorando de longe a Magestade,
Quando, quando virás? que pais ditosos
 Hão de trazer-te ao dia?

Que nome excelso, nome de ti digno,
 Terás, ó Sacro Numen? E quaes braços,
 Entre que povos nascerás? que terra
 Feliz te dará berço?

Serão teu throno os camarins d'Aurora,
 Ou Aquilão gelado, ou Austro ardente?
 Virás antes doirar d'ultima Hesperia
 As praias, que o Sol ama?

Serás tu, ó meu Tejo, o patrio ninho
 Do piedoso Varão? Será por dita
 Algum dos Netos de Jose Primeiro
 Da grande Augusta filhos?

Quem quer que fores, que o alto Ceo reserva
 Para fazer ditosos os vindouros,
 Eu já nesta aurea Lyra te anticipo
 Estes candidos Hymnos.

Amor puro tes manda, não lisonja,
 Não torpe adulação: áb! vem, vem cedo,
 E não hum Reino, rege o Orbe inteiro,
 Menor somente a Jove.

O
A U T H O R

A' sua Lyra.

O' tu, de minhas mágoas lenitivo,
Doce prazer desta alma, ó Lyra minha,
Com que o Ceo me prendou hum dia, quando
Nas faldas de Hippocréne

Das sublimes Piérides os rastos,
Adorando devoto, procurava
Beber das frescas aguas, que destillão
Os sagrados rochedos;

Qualquerque seja a minha sorte, sempre
Suave me acompanhas; sempre léda
Comigo entôas as canções divinas
Aos Deoses, e á Virtude.

EM LOUVOR
 DA
 CIDADE DO PORTO,
Patria do Author.

Cantemos Cale, pois tu ousas tanto,
 Casta filha de Jove: mas que parte
 Escolhes a teu Canto
 Dos bens immensos, que lhe o Ceo reparte?
 Ah! louva os ricos dons, se tu pudéres,
 Que a mão da flava Ceres
 Da florecente taça de Amalthéa
 Sobre seus campos liberal semêa.

 Levanta aos astros em Canções divinas
 A sabia industria, que mil artes cria,
 De mil louvores dinas;
 Por quem o Ceo formosos bens lhe envia.
 Os Dorios ama, a elles só reserva
 A provida Minerva
 Tirar das Artes largas veias d'oiro,
 Riqueza estavel, solido thesoiro.

Se tu mais queres, segue a larga esteira,
Que vão abrindo seus baixeis nadantes

Na cerulea carreira:

As azas solta aos ventos inconstantes:

Ousada vòa a ver o rosto irado

Ao Baltico gelado:

Ou rompendo a travez do mar profundo,

Vai nas praias surgir do novo mundo.

Se mais te agradão marciaes fileiras

Co' a luz immensa, em que atéqui brilhárão,

Das virtudes guerreiras,

Que dos maiores inclytos herdárão,

Louva os claros Avós, que devastando

De Agár o torpe bando,

Sobre o montão de loiros, que colhêrão,

A Lysia novo Imperio, e Nome erguêrão.

EM LOUVOR
 D A S
 D O R I D E S.

Que claras Deosas sobre o Doiro vejo
 Brilhar, ó Musa, que com doce encanto
 Excitão teu desejo
 A hum mais nobre, e mais mimoso canto!
 Da minha illustre Cale as Nynfas bellas,
 Mais lindas, que as Estrellas,
 Poisque dellas mil honras recebêmos,
 Na Lyra de marfim aos Ceos levêmos,

Pelas vir ver do lago, onde dormia,
 Desperta o Padre Doiro, e apressurado
 Desde alta serrania
 Da soberba Orbion desce c'roadado
 De grinaldas de junco, e de espadana,
 Brandindo a verde cana,
 Buscando vem as praias do Occidente,
 Onde ergue Cale a torreada frente.

Comsigo traz em bando numeroso
 O forte Carrion, o fresco Arlanso,
 O Tâmega ruidoso,
 O Távora arrojado, e o Côa manso:
 Suas grutas deixando cristalinas
 As Naiades divinas
 Com elle vem em rapida corêa,
 Lédas saltando pela branca arêa.

De Numancia, e Zamora as filhas bellas
 Soltando aos ares suas tranças d'oiro,
 Vestindo brancas tellas,
 Em vão lhe offerecem todo o seu thesoiro:
 Em vão lhe rogão, que a seus braços venha,
 Com ellas se detenha,
 E em suas margens o seu throno assente
 Co' a rica urna de cristal luzente.

Nem promessas, nem dadas, nem rogo
 Nada o pode deter, que á Cale o chama,
 Acceso em nobre fogo,
 D'outras gentis Donzellas clara fama:
 Eis chega, e quando as vê, de espanto cheio
 Se prende em doce enleio;
 E ufano mais, que o Têjo caudaloso,
 Se julga com taes Nynfas venturoso.

Por vós, ó lindas Filhas de Anfitrite,
 Põe nas praias de Cale o patrio Doiro
 A seu curso limite,
 E a urna pouza co' as aréas d'oiro:
 Por vós engeita, quantas Nynfas gera
 A formosa Cythéra:
 E eterno amor, eterna companhia.
 A Cale jura, que taes Deosas cria.

AO
MESMO ASSUMPTO.

O musas, se nós tanto ousar podemos,
Firamos novo som da lyra d'oiro:

Com novo som cantemos

As bellas Nynfas do paterno Doiro:
Cantemos Lilia, e os olhos seus formosos,
Dois Astros radiosos,
Em cujo lume Amor seu facho accende,
Com que abraçar mil corações pretende.

Cantemos mais a candida Dorilla,
A loira Menalippe, a branda Flora,
E a terna Menasilla,
Que sahe apenas da primeira aúrorã,
Já vai hum novo Sol ao mundo abrindo
No rosto fresco, e lindo;
E a ti tambem, que tens, ó bella Alcina,
De Amor a idade, e as graças de Ericyna.

Cantemos Lydia, que gentis amores
 Prendendo vai co' as tranças d'oiro fino,
 Que aos ventos brincadores
 Estende por seu colo cristalino:
 Nem deixemos Eurynome formosa
 De boca graciosa,
 De cujos beiços encarnados pendem
 Doces sorrisos, que mil almas rendem.

Após estas se exalte a linda Isbella,
 Que apenas olha os corações conquista:
 Louvai Marfiza bella,
 Erro suave a Amor, que quando a avista
 Da Mãi Cyprina a não extrema; e abrindo
 As niveas azas, rindo
 Voa enganado das feições mimosas
 A beijá-la no rosto, e mãos formosas.

E qual canção, harmonica Belina,
 Mereces, quando o patrio Doiro encantas?
 Quando co' a voz divina
 Na maior ira o fero Amor quebrantas?
 E tu tambem, ó candida Tamira,
 Que já tocando a lyra,
 Do Ceo descer fizeste ao som tão brando
 Hum enxame de Amores volteando?

Louvai da honesta Alcippe o rosto dinor,
 De frescas rubras rosas matizado,
 A quem faz de continuo
 Hum timido pudor mais engraçado;
 Amor a busca, a ella só deseja;
 Mas Alcippe se peja,
 Baixando os lindos olhos innocentes
 Sobre os thesoiros seus, inda nascentes.

Cantai a linda Aglaura c' o doirado
 Cinto das Graças, que dos Ceos lhe veio,
 Que o corpo delicado
 Airosa move com gentil meneio;
 E Nize, a tantas Mães tão desejada
 De Hymeneo suspirada,
 Que quando os meigos olhos levanta,
 O ar serena, e os mesmos Ceos encanta.

Que louvor dareis vós á branca Arima,
 Que ao sangue de Neptuno accrescentára
 As prendas d'alta estima,
 Com que os ceruleos Deoses encantára?
 E a Clycie, igual na fronte magestosa
 De Jove á regia Esposa;
 E a Crinaura gentil, que bem pudéra
 Ser mais, que Venus, Deosa de Cythéra?

Em grandiloquo som cantar desejo
A Laura, e Dinamene, Irmãas mais bellas,
Que quantas banha o Tejo;
E as duas mais luzentes, que as estrellas,
Eurifile gentil de huma alma pura,
Tão cheia de ternura;
E a sabia Altèa, em quem com pasmo brilha
Sublime engenho, a Febo maravilha.

Alçai, Musas, alçai a voz sonora,
Marilia engrandecei de lindo aspeito,
Mais bella, do que Aurora;
Em cujo repousado casto peito
As formosas virtudes se assentãrão,
Quando dos Ceos baixãrão:
Natura por mostrar, quanto podia
Por nosso espanto a trouxe á luz do dia.

A

**D. CATHARINA MICHAELA
DE SOUSA,**

Quando esteve na Cidade do Porto.

Com que gloria immortal brilhar já vejo
Da nobre Caleas Filhas venturosas,
Que ao aurifero Tejo
Inveja dão, e ás Tagides formosas!
Voa sublime, ó Musa, a voz afina,
Entoa canção dina;
De Balsemão a Deosa, que honra o Doiro,
Canta, se podes, nesta lyra d'oiro.

O' dos fados mimosa, ó Patria minha,
Quanto esplendor das Musas Lusitanas
A sublime Rainha
Vem dar ás tuas Dórides ufanas!
Lá desde Balsemão astro brilhante
Sua luz radiante,
Mais clara, que a das nitidas estrellas
Por ti só veio derramar entre ellas.

Antesque Venus suba ao Ceo luzente,
 E vá c' os meigos olhos seus formosos
 Em vivo amor ardente
 Dobrar a gloria aos Deoses venturosos;
 No carro d'alvas pombas despedido
 Vôa primeiro a Gnido,
 E entre as brancas Cyprinas alguns dias
 Risonha passa em doces alegrias;

Assim de Balsemão a clara Dêa,
 Antesque deixe os campos Lusitanos,
 E vá de prazer cheia
 O Esposo vêr aos ultimos Britanos;
 Visita Cale, que seu nome adora,
 E nella se demora;
 E Cale a mil cidades só prefere,
 Que Amor por Cale o coração lhe fere.

Os altos Deoses, que de lá estão vendo
 Gozar tanta fortuna o Doiro ufano,
 Tal gloria appetecendo
 Fórmão nos Ceos conselho soberano;
 E já querem da Deosa enamorados
 Deixar os Ceos sagrados,
 E vir de todo, ó minha Patria amada,
 Trocar por ti a Olympica morada.

A'
M E S M A,

Quando se embarcou para Londres.

JA' te entregas ao mar no leve pinho;
 Já tornas, clara Deosa, onde saudoso
 Longe do patrio ninho
 Ha muito te suspira o caro Esposo;
 E qual fúlgido Febo, que alumia
 A face ao almo dia,
 Já vás c' os lindos olhos docemente
 A estranho Ceo dar luz, e á estranha gente.

Esta gloria cem povos desejárão,
 Desejárão do Tybre as Deosas bellas;
 Por ella suspirárão
 Do Rheo illustre as candidas Donzellas,
 E vós, ó Nynfas, que a ribeira amena
 Pisais do fresco Sena,
 E vós, Damas gentis do Mançanares,
 Vós, já lhe tinheis preparado altares.

Indagora accendidas d'alta chama,
 Por vêr a Deosa aos Ceos votos envião,
 Só com lhe ouvir a fama
 Hum brando amor no coração lhe crião:
 Mas dos supremos Ceos não lhes foi dado
 Tão doce, e lédo fado:
 A ti, feliz Tamiza, a ti cumpria
 Duas vezes gozar esta alegria.

Em tuas margens outra vez o canto
 Divino soltará aos sons da lyra,
 Que cheia d'alto espanto
 Sobérba Londres n'outro tempo ouvira,
 Quando as Musas Britanicas pasmadas
 Das canções desusadas
 Enquanto á doce voz ouvidos derão,
 Todas de Pope e Milton se esquecerão.

Vai, Nynfa, ao Esposo teu; o Ceo te envia;
 Mas depois de doirar a terra, e os mares,
 Que ultima Thetis fria,
 C' os braços cinge, ah! volta aos patrios lares
 Dos teus lembrada, que saudosos te amão,
 Que nas aras derramão
 Aos Deoses votos, porque cedo vejão
 Seu mór thesoiro, que cá ter desejão:

Que a Cidade de Ulysses inda espera
Por dadia do fado seu ditoso

Ver-te em sublime esféra
Brilhar ao lado do prudente Esposo,
Quando Jove immortal a nós benino

Só por nosso destino
Junto ao Throno do Tejo refulgente
O fizer Deos da Lusitana Gente.



A
J O ã O B A P T I S T A
D A S I L V A,

*Por haver dado a conhecer Almeno, e as suas Poesias
ao Author.*

Os Deoses, Sylvio, sempre tem cuidado
 Dos miseros mortaes; ou cedo, ou tarde
 Voa dos Ceos nas azas da alegria
 O pródigo soccorro.

Contra mim sacodio a torva Erinny
 Da torpe grenha viboras cruentas,
 Mas véla o Ceo por mim, e a ti reserva
 Trazer-me o doce alivio;

Que baixa alfim o Cyllenéo d'Olympto,
 E de mando de Jove te annuncia,
 Que venhas adoçar os meus trabalhos
 C'o amizade de Almeno.

Tu me mostras Almeno; tu seus versos,
 Divinos versos de hum Poeta raro;
 E não cessas com elles de augmentar-me
 Cada vez meu thesoiro.

Elles são meu prazer; duros cuidados,
 Quaes néctares dos Deoses, me adormentão;
 Nem póde inveja vil roubar-me huma hora
 Tão solidos deleites.

Dê-se a outros o oiro avaro; dêm-se
 Fraldadas Bécas, e Bastões guerreiros,
 Doiradas chaves, Titulos pomposos,
 Do mundo o Sceptro augusto.

Tu dá-me versos, ó meu Silvio, versos,
 Do sabio Almeno, dadvás celestes:
 Não podem dar tão ricos donativos
 Os Principes da Terra.

A

A L M E N O,

*Havendo mostrado ao Author o primeiro Livro da
sua Traducção Portugueza da Metamorphose
de P. Ovidio Nasão.*

CLaro Filho de Apollo, illustre Almeno,
Com quanta gloria a aurea idade nossa,
Soberba de seu fado, os teus Poemas
Oppõe a Grecia, a Roma!

Logo ao nascer, os Deoses te enviárão
A branda Musa, que ao Peligno Joven
Ensinára a cantar em doce metro
As Trasmudadas Fórmãs.

Então fitando em ti seus lindos olhos
Com meigo gesto, de sagrado nectar
Teus beijos borrifou, e disse: ,, Cresce,
,, Serás, Almeno, Vate. ,,

Eis te entrega, e na terna mão te firma
A Lyra de oiro, que já Roma ouvira:
Tu a tocas, Almeno, e os sons repetem
Os Sulmonenses cantos.

Torna a crear-se a *Maquina do mundo*:
 Do escuro *Cahos* raia a *Luz*, e a *Ordem*:
Desvairadas Idades vão correndo;
 E as *Agoas* as sepultão.

Resurge da ruina o *Mundo Novo*
 Deoses em Homens, Homens se convertem
 Em varios *Monstros*; já em *Loiro*, e *Pedra*
Alvas Nynphas se mudão:

Soão por valles, bosques, rios, montes
 De mil amantes namoradas queixas;
 Com mais formosas galas apparece
 O Amor, e a Gentileza.

Aqui, aqui co' a branca mão abrindo
 O virgem seio, aonde as Graças morão,
 Novas graças te entorna nos teus versos
 A Lusitana Musa.

M E S M O,

*Havendo mostrado ao Author algumas outras
de suas Poesias,*

Jura o sagrado Tejo, que os teus versos
Hão de ser immortaes, Almeno, ou firas
As aureas cordas do Peligno Vate,
Ou Teia Lyra toques.

De geração em geração cantados
Serão por lindas virgens, castos moços;
Ouvi-los-ha no berço o tenro infante,
Com elles embalado.

No santo coro do Castalio Monte
Do sabedor Miranda altas sentenças
Inda em grave alaúde vão cantando
As nove Irmãas de Febo.

Nem pôde o tempo suffocar o estro
Do grão Poeta, que por virgens mares
Levou ao som da trompa ao rico Ganges
Os Lusos Argonautas.

Vós todas as manhãas, ó Musas, vindes
 Croar de roxos lirios e violas
 Os ternos Coros, que o immortal Ferreira
 Alçou á triste Castro.

Inda suspira Amor nas aureas cordas
 Da Lyra de Lerenó; e o Lis e o Lena
 Ao tom das mansas agoas vão soando
 Da clara Nynfa o nome.

Vai o sereno Lima recordando
 Os magos versos de Bernardes terno:
 As Náides repetem de Caminha
 As amorosas queixas.

As pérolas que tu cá nos trouxeste,
 Claro Fernão, dos camarins d'Aurora,
 Ind' hoje fulgem nas madeixas d'ouro
 Da Transformada Lysia.

Em que alvo dia ás lucidas estrellas
 Anfriso não subio có' a bella Laura?
 De lá nos sôa sempre o som divino
 Da Venuzina Lyra.

Inda os sacros Poemas, Febo, escutas
 Que o miserando caso memorarão
 De Leonor infeliz, e os duros cercos
 Da bellicosa Dio.

Os tempos tragadores, que consomem
 Obras mortaes, o nome eterno guardão
 Do grão Sá, que em Meonio verso accende
 A guerra de Malaca.

Nem calarão jamais o douto Castro,
 Que desde Troia trouxe ao claro Tejo
 O grande Fundador do Luso Imperio,
 Grego Cantor vencendo.

Assim tu, que no Ménalo sagrado
 Da Arcadia os altos Deoses conversaste,
 Que delles trasladaste á Lusa terra
 Os vasos da eloquencia,

Jámais no mundo esquecerás: contigo
 Musas e Graças, candidos Prazeres,
 Almeno, nos vierão; novo esp'rito,
 Tu nova luz nos déste.

Honras a Patria com teus versos; honras
 Os Amigos, a Lingua, as santas Musas:
 Ensinas o Moral, os sãos costumes,
 A solida virtude.

A

A L M E N O,

*Havendo mostrado ao Author a continuação da sua
Traducção Portugueza da Metamorfoze
de P. Ovidio Nasão.*

Que cuidas tu, que eu rógó aos altos Deoses
Illustre e sabio Almeno?

Não lhes peço rebanhos numerosos
Da encalmada Calabria;

Nem da déstra Princeza de Sicilia
Riquissimas searas;

Nem o loiro metal, que em seus mineiros
O novo Mundo encerra:

As fachadas de pórticos soberbos
Os olhos me não roubão;

Nem altas salas de entalhados teotos,
Em torno guarnecidas

Da rica estófa de Flamengos pannos:
Ou doirada baixella,

Que á gula offerece em sumptuosas mesas
Magnificos banquetes:

P

Nem julgues, que afanado só desejo
 As esplêndidas honras,
 Que tantos cévão miseros humanos
 Em férvida cobiça:
 Pésa-me a borla, que me crôa a frente,
 Quando d'alta cadeira,
 Feito Orago de Delfos sobre as margens
 Do gélido Mondego
 Severo grito aos espantados moços
 Co' as horridas Pandectas.
 Por premio de taes lidas não pertendo
 Vestir fraldada toga
 De vorazes cuidados afumada;
 E ter no Areopago
 Nas mal seguras mãos da santa Astrea
 A próvida balança,
 E a miseros mortaes co' a fatal vara
 Dar vida, ou, triste morte.
 De que serve tirar a tantos alvos?
 Com susto comprar honras,
 Que não dão vida, nem mais doce somno,
 Nem plácida virtude?
 Destas quimeras, destes vãos desejos
 O tempo me descarta,
 E a sã Filosofia me preserva
 Do misero contágio.
 Se eu inda alguma coisa aos Deuses peço,
 Peço somente, Almeno,

Alvos dias serenos, em que possa
 Longe de ruins cuidados
 Com saude viver, entregue ás Musas,
 Em placido remanso.
 Oh! se eu n'elle pudesse, caro Amigo,
 Por só minha ventura
 Ou ter-te a ti, e ouvir-te lêr teus versos
 Ao som da branda Lyra;
 Ou se o benigno Ceo me concedesse
 (Se tanto bem me nega)
 Huma só vez tocar como tu tocas
 A frauta de Peligno,
 Então, Almeno, fôra eu mais ditoso,
 Que o Principe dos Persas. (*)

(*) Esta Ode sahio impressa sem nome, nem consentimento do Author na Collecção, que fez o Professor Caminha.

A

JOÃO BAPTISTA DA SILVA,

*Havendo trazido ao Author Poezias
de Almeno.*

Dize, te rogo, ó Sylvio, dize a Alcides,
 Que em rico donativo
 Colhidas das Hesperides me ceda
 As lindas maçãas d'oiro:
Dize á formosa Venus, que me entregue
 O bello pomo de Ida:
Pede a seu filho Amor, que me conceda
 O arco, o coldre, as setas,
E sobre corações de brandas Nynfas
 Me dê seu doce imperio:
Pede á candida Doris, que me traga
 Em seu gentil regaço
 Os ramos de coral dos fundos mares,
 E de brilhante aljofar
Me cubra as praias todas do aureo Tejo:
 Roga, se tanto poderes,
A'Rainha dos Deoses magestosa,

Que a rica pedraria
Do Camarim de Jove me apresente:
Por dadivas tão bellas
Eu não, eu não trocára, ó Sylvio Amigo,
Do Sabio Almeno os versos. (*)

(*) Esta Ode sahio tambem impressa na Collecção do Jornal Encyclopedico do mez de Outubro de 1789, sem nome de Author.

A O M E S M O,

E sobre o mesmo assumpto.

Amodo Sylvio, os versos, que nós temos,
 Do caro nosso Almeno,
 São-nos mais doces, que esses meles de Hybla,
 Que os néctares dos Deoses;
 São mais meigos, que Amor; são mais formosos.
 Que as ~~rosas~~ **rosas de Lucania**;
 Inda mais fulgem, doque a estrella d'alva,
 Que o semblante da Aurora;
 Inda mais mimos tem, tem mais pindezas
 Que todas as tres Graças. (*)

(*) Entrou esta Ode no mesmo Jornal Encyclopedico **sem** nome.

A

A L M E N O,

Sobre os encantos da sua Lyra.

Ao som do canto teu, que me arrebatá,
 Quando o tu sóltas da sonora Lyra,
 Outro me torno, do que sou differente;
 De mim me encho e espanto.

Tu me dás arte e engenho, que não tinha;
 Dás-me canora voz, que não seava;
 Excitas-me hum sagrado ardor, que ferve
 No centro de meu peito.

Põe-se as potencias d'alma em movimento,
 Insolita energia em mim circula;
 Eis já sólto da boca accesa em fogo
 Versos que eu não sabia.

Vão librado nelles sobre os astros
 Do radiante Olympo, vejo Febo
 Vejo as Musas Pierides formosas,
 E o pai de todas Jove.

O' virtude sublime, ó dom divino
Da metrica Harmonia, que transformas
Hum terreno mortal em ser celeste,
Que o pões a par dos Numes.

S O B R E O A M O R

A' s

M U S A S.

As Musas podem dar-nos doces horas
De candido prazer, quaes nunca derão
Nem aureos paços, nem soberbas honras,
Nem fulgidos thesouros.

Ellas afastão rigidos cuidados,
Que se vão para os ricos poderosos,
Que mais inda desejão, devorados
De inextinguivel sede.

Ellas c'os sons da magica harmonia
Habitos feros em costumes brandos
Meigas convertem: bem no meio d'alma
Doces paixões semêão.

A cadencia do metro sonoro
Quanto valor e brio inspira n'alma!
Com ella as Musas os Heroes excitão
A's inclitas façanhas.

Ellas depois os gravão no seu verso
Com traços mais profundos, e mais vivos
Que os do destro buril no duro bronze,
Para memoria eterna.



A

A L C I N O,

*Que louvára em verso latino alguns Heroes
da Antiguidade,*

E nós inda estaremos duvidando ?
E o vivo fogo, que se em nós levanta,
A outra lingua, ah crueis, iremos dando ?

Ferr. Liv. II. Cart. X.

Cad' hum faça alta prova
De seu s'prito em tantas
Portuguezas conquistas e victorias.

O mesmo Liv. I. Od. I,

O pio Eneas e a travada guerra
Contra Turno infeliz a Roma deixa ;
Deixa á vã Grecia o valeroso Achilles,
Deixa o sagaz Ulysses.

Canta dos nossos : Que proezas raras
De valor e virtude estão pedindo
Esse teu canto, que tão mal tens dado
A' estranha lingua e gente!

Quanto Heroe perdeu nome, quanto feito,
De que hoje Lysia se honraria ufana
Por cima das estrellas, se os cantasse
A Portugueza Lyra!

Os que inda salvar póde a Musa, salva;
Salva co' a trompa altivo, ó claro Alcino,
Os sagrados Varões, com que doirarão
A Lusa Terra os Deoses.

A M E M O R I A

D E

D. DOMINGOS DE ASSIS
MASCARENHAS,*Principal da Santa Igreja Patriarcal.*

Eu nesta nova lyra d'oiro fino
Preparo hum novo Canto: Vós, ó Musas,
A qual dos Divos o mandais? Soberbo
Não soffro baixo assumpto.

Ou louvo Deoses, ou de Deoses Filhos,
Bemfeitores do home: entre elles vejo
Brilhar com mór luzeiro, Heroe Sagrado:
O' grande Mascarenhas,

Tu meu Canto serás: do ethereo assento,
Onde bebes c'os Deoses recostado
Co'a rosea boca o nectar, ouve os Cantos
Que Amor de cá tẽ envia.

Inda vive nos Lusos mui saudosos
 Alta lembrança de teus dons divinos;
 Mas inda mais em mim, que vi teu peito,
 Teu animo sublime,

Quando teu coração abrindo todo
 Em praticas sinceras sem reserva,
 Os nobres sentimentos me soltavas
 Do centro da tua alma.

A verdade, e a candura, e a fé, e a honra,
 E a constancia, e modestia, e temperança,
 As virtudes da paz todas unidas
 Brilhavão nos teus Labios.

Amavel no teu trato, não cercado
 De fastuosa tumida soberba,
 Que os não iguaes arreda, só prezavas
 A doce Humanidade.

Era teu timbre, que ante os olhos tinhas
 Mais que os escudos e braços paternos,
 Fazer bem aos mortaes, amar constante
 O homem justo, e sê-lo.

AO DOUTOR
JOSE BARROSO PEREIRA,

Em seu louvor.

Teu peito sempre igual

Ferr. Liv. II. Ode IV.

O meu claro Barroso, eu pasmo, quando
Me recordo de ti, quando medito
Esse teu genio, e as dadas sublimes,
Que os Deoses te doarão.

Engenho e esp'rito e exacção e sizo,
E o que he inda mais raro, fino tacto
De gosto, que Natura dá, não Arte,
São os teus dotes ricos.

A luz levas a tudo, a tudo a ordem,
Com sabedor compasso, demarcando
A huma hora isto, a outra hora aquillo,
Nas sabias mãos o prumo.

Nas coisas mais pequenas tão exacto,
Como nas grandes: qual o Sol, que brilha
Igual em todo o curso, és em teus feitos
Sempre igual a ti mesmo.

A

**D. FRANCISCO RAFAEL
DE CASTRO,**

*Principal da Santa Igreja Patriarchal,
em seu louvor.*

SE Heroes de peito d'aço em punho a espada
Por levantar a Lysia novo imperio,
Fôrão regar co' sangue de cem povos
Os Gangeticos Campos;

Tu só nasceste ao mundo, ó Castro illustre,
Para vir cultivar na paz doirada
Beneficas virtudes, -que allumião,
Claro farol, os Lusos.

Tu lhes mostras a estrada d'alta gloria;
E qual Soldado, que primeiro ás hostes
Inigas se arremessa co' a victoria,
Na forte mão segura,

B

Entras por ella com firmeza d'alma,
 Que hum só passo não torces da carreira;
 Hum gentil esquadrão contigo levas
 De tuas acções raras.

Defensor da verdade, recto, e puro,
 E nas tenções constante, nem te moves,
 D'odio, cubiça, amor, inveja, ou medo,
 Qual hontem foste, és hoje,

E serás amanhã: o que promettes,
 O que intentas obrar, o bem que fazes,
 Nem fortuna, nem tempo, nem valia
 T'o muda d'alta mente.

Taes virtudes em ti, que a ti só deves,
 São mais nobres ainda, mais sublimes,
 Que esses triunfos d'Asia, que as façanhas
 De teus Avós famosas.

A

JOSE DE AZEVEDO,*Da Congregação do Oratorio, em louvor da vida
do Campo.*

Quão ditoso Azevedo he, quem vive
Longe de lidas, longe de tumultos,
Cultivando c'os seus a avita herdade
Em paz serena, e bella.

Ora marida os entonados choupos
Com as adultas varas das videiras;
Ora em agrestes arvores perfilha
Os mais castiços garfos.

Huma vez reclinado sobre a relva
Da fresca Alfarrobeira á sombra poisa;
Outra seus sonhos dorme ao som das aguas,
Que em mansa vea correm.

Já folga vêr no prado os seus cordeiros
Tozar a tenra grama, e nas hervagens
Pastar suas cabrinhas, que ordenhadas
Lhe dão de leite rios.

Já vai dar volta a seus cortiços ledo;
 Doces colméas crésta, e de seus favos
 O mel côr d'oiro, gotejando, expreme,
 E em limpas talhas deita.

Como folga prear na rede as aves;
 Ou com seus cães a mata devassando
 A fugaz lebre, a tímida gazella,
 Mimos da sobria meza.

Eis põe a torta foice aos pães maduros,
 Mas primeiro piedoso as fontes c'roa
 De retorcida anzinha, e versos canta
 Em louvor d'alma Ceres:

E a ti também dá canticos sagrados,
 O'Moço, mostrador do curvo arado,
 E a ti, ó Pan Tegêo, e a ti, Sylvano,
 Guardador das extremas.

Se vós, Deoses campestres bemfeitores,
 D'alma colheita lhe fartais seus lares,
 He mais feliz, que os cortezãos, mais rico,
 Que os Principes da terra.

A
M Y R T I L L O,

Em louvor da sua Lyra.

Cos sons da lyra, c'o prazer da mesa
Regalas os amigos:
De seus animos tristes afugentas
Os turbidos cuidados,
Que lá se vão aos cortezãos potentes
E aos ricos, nunca fartos:
Conversando comnosco docemente,
Lendo teus meigos versos,
Trazes mais cedo a linda primavera,
E fazes brotar flores
Sobre os baldios campos, onde danção
A bel prazer as Dryades.
Apresentas mais cedo os brandos fructos
Do pomareiro Outono;
Quebrás de seu ardor o fero estio,
E os Zefyros bafejão.
Comtigo o duro inverno se amacia,

E os tremedores gelos:
Neptuno te ouve, e já depondo as iras
Jaspeia o mar de leite.
Que ha, que ao canto teu não embrandeça?
Exulta a Natureza
De ver, que produzio em ti divino
Portento d'alto genio,
De quem Deoses, e Deosas se comprazem
No Ceo, no mar, na terra.

AO DOUTOR
SIMÃO DE CORDES,

Sobre os diversos cuidados e prazeres do homem.

Quão diversos não são, illustre Cordes,
Dos homens os desejos, e os prazeres!
Hum folga de correr o raso campo
Em rapido ginete;

Outro, posto que fraco, os dias gasta
Contando de avoengos vendedores,
Que seis feras cabeças de Reis Mouros
A's armas ajuntarão:

Qual desceitando os avarentos cofres,
Prenhes de ensenas, prenhes de trapaças,
Herdades, que abranger não pôde, compra
Nas lisiras do Tejo:

Qual procura por novo estilo e arte,
Do natalicio alvergue deslebrado,
E até da morte, que já vem marchando,
Erguer soberbos paços:

Aquelle gosta destemido e forte
 De escamosa coiraza armar o peito,
 E ao fero som da barbara trombeta
 Marchar ousado á guerra:

Tenta aquelloutro nos nadantes pinhos
 Sobre as vagas azues do mar horrendo
 Por entre Syrtes, onde habita a morte,
 Ir a remotos climas,

Do patrio ninho não contente: nada
 Outros mais prezão, que correr os bosques
 E ballestar na umbrosa mata, e as feras
 Varar c'o feroz dardo:

Tu lidas por sondar lá nessa Athenas
 As santas Leis da próvida Natura;
 Eu lido em descobrir antigos Celtas,
 Avós da Lusa Gente.

Não deo a todos Jove o mesmo esp'rito;
 Feliz, a quem em sorte coube hum peito,
 Que vive sem cobiça em paz serena
 C'os livros, co'a virtude.

O
A U T H O R

A's suas Musas.

Não busco, ó Musas, que os mortaes me cha-
 Nem douto Mestre, nem Poeta illustre, (mem
 Nem sabio Senador, excelsos titulos
 De méritos sublimes,

Quaes eu não tenho; eu só desejo o nome
 De Cidadão, de sua Patria amigo:
 Oh! s'eu pudesse Bemfeitor chamar-me
 Da fraca Humanidade!

Mas pois não posso, oh Ceos! alçar meus feitos,
 Aonde voão meus desejos puros,
 Faço o que posso: subo co'a alta idea
 Muito acima dos astros:

De lá derramo imprecações, e iras
 Contra os que enganão, contra os que atropellão
 Os Homens, seus irmãos, e amigos; contra
 Os horridos tyrannos.

De lá deixo cahir lagrimas tristes
Sobre o fecundo genio perseguido;
Sobre o talento desprezado; sobre
A misera virtude.

A'

LYRA DE ALMENO,

Estando enfermo.

*O' decus Phoebi, et dapibus supremi
Grata Testudo Jovis, ó Laborum
Dulce lenimen*

Horac. Liv. I. Ode 32.

Abençoada sejas, Lyra d'oiro,
Lyra do meu Almeno, que ora branda
Com meiga voz, que o ar serena, cantas
As Graças d'Amizade, (*)

Ora sublime ao alto Ceo te elevas,
E fazes soar nelle o varão justo,
Que no Senhor confia, e delle espera
As eternaes doçuras. (**)

(*) Tinha apresentado Almeno pouco antes huma Ode sobre a sua amizade para com o Author.

(**) Tambem poucos dias antes o tinha brindado com huma Ode sobre a confiança, que a alma devia ter na Misericordia do Senhor.

Ou elle lédo c'ò as Camenas folgue,
E as margens pise do formoso Sado;
Ou ora enfermo sobre o leito gema,
Tu nunca o desamparas;

Igual em todo o tempo lhe apresentas
Teus harmonicos sons; c'os sons divinos
Adoças seus trabalhos, e amacias
Os agros, e asperezas.

Tomando-te nas mãos ha pouco, *Almeno,*
O'meu allivio, disse, ó *Lyra* minha
Contigo he doce a vida, menos dura
Será contigo a morte.

A O

M E S M O,

Continuando a estar gravemente enfermo.

Brilhantes honras, que os mortaes encantão,
 Avarentos thesoiros, que não fartão
 O cobiçoso peito; altas medranças,
 Que o Cortezão bafejão;

Não são, não são os alvos, a que tirão
 Em curta vida meus desejos puros;
 A ti, santa Amizade, a ti consagro
 Meus candidos affectos.

Se d'algum Deos nas aras sacrosantas
 Queimo o aroma Nabathêo; se nelle
 Envoltos ao celeste alcaçar mando
 Os meus fervidos rogos;

Por ti, por ti, meu caro Almeno, sobem
 Ao Ceo meus pensamentos, meus suspiros:
 O mais potente desses Numes todos
 Com voz humilde invoco:

Em lagrimas banhado ardentes, peço
Benefica saude ao doce Amigo,
Metade de minha alma; ah! peço, seja
De ti, de mim piedoso.

Se cumpre unir meus dias aos teus dias,
Eu cedo parte, e se he preciso, todos:
Vive tu, meu Almeno, e vive á Patria,
Vive á virtude, e ao mundo.

Ao mundo, que tu doiras com costumes,
Que ensinas com doutrina, dos Ceos dada,
Entornando na terra os ricos vasos
Da divinal facundia.

A

**FRANCISCO DE BORJA
GARÇÃO STOCKLER,**

Depois do Author ter visto as suas Poesias.

Ou tu pretendas nos Olympios Campos,
Traspondo a méta na carreira ousada,
Correr parelhas com o Eolio vate
Em Lyricas fadigas ;

Ou já folgues, c'o a Cythara suave
Qual o Teio Cantor, brandos prazeres
Da Natura e de Amor louvar, e as graças
Da candida Dione ;

As nove Irmãas do Patarêo Apollo ;
Tantos brios te inspirão no teu canto,
Que atrás deixas c'os sons harmoniosos
Os Argólicos Cysnes.

Em teus versos gentis, divinos versos,
Com maior energia os rasgos sólta
Huma alma nobre, hum coração sensivel,
A rica fantasia.

Teu éstro he mais sublime, a voz mais doce;
O sorriso de Venus he mais grato;
Amor he mais pudico; são mais lindas,
Mais meigas as tres Graças.

SOBRE A SEPULTURA
 DOS
 POETAS.

Não jaz em erma sepultura hum Vate:
 Nem derredór da loisa volteando
 A vãa turba de espectros fugitivos
 Horrificca vagueia;

Nem já em torno de furtivas luzes
 De sepulcraes alampadas funestas,
 O bando pia de nocturnas aves,
 Que brota o diro Averno:

Nem o tumulo cercão altos troncos
 De funeraes Cyprestes, tristes guardas,
 Nem com surdo sussurro pavoroso
 Visinho bosque ferve.

Alli só cantão Cysnes, alli s' ouvem
 Almos hymnos das Musas, que resoão
 Ao doce som da maviosa fruta,
 Ao meigo som da Lyra:

**As gentis Graças, as doiradas Horas,
Branças filhas de Jove, revezadas
Sobre a campa do Vate espalhão lyrios;
Rosa, e amarantho eterno.**

N A M O R T E

D E

A L M E N O .

DEVIDO á lei fatal da natureza
 Cedes em fim, Almeño, o mortal corpo
 A' fria Parca: e ao tenebroso seio
 Da madre terra desces;

Porem não morres todo: a melhor parte
 De ti cá nos ficou, que vive eterna
 Nas obras immortaes, em que respira
 Tua alma pura e grande,

Teus candidos costumes, teus desejos,
 Tua moral, teu animo celeste,
 Divinos dons, que os altos Ceos benignos
 Em ti nos tinhão dado.

Emquanto sobre as aras sacrosantas
 Incenso receber a Fé sagrada,
 Hão de existir no mundo os teus escritos
 Sellados co'a virtude (*).

(*) Allusão ás suas Poesias, e Orações sagradas.

A

JOÃO BAPTISTA DA SILVA,

(Sobre o mesmo Assumpto.)

*Debemur morti nos, nostraque.*Hor. Art. Poet. v. 64.

DEVEMO-nos á morte: as urdideiras
 Hão de dar fim a nossos dias breves;
 Nem d'aurea lyra o som, ó Silva, ameiga
 As truculentas Parcas:

Poetas Gregos, Laciaes Poetas,
 Tambem os Lusos somno eterno opprime,
 Nem escapou á seva Proserpina
 Nosso querido Almeno:

E comtudo que coisa mór os Deoses
 Jamais nos derão, ou darão, do que elle!
 Viver devia seculos ditosos
 A si, aos seus, ao mundo.

Mas nem amor das santas Musas pôde
 Remir o Vate dos escuros fados,
 Nem solida virtude pôde á morte
 Roubar o Varão justo.

AO DOUTOR

JOSE DA SILVA XAVIER,

Sobre o mesmo Assumpto.

Quando o prazo fatal, que os Ceos marcárão,
 Alfim acaba, não val arte, ou rogo,
 Nem hervas morredoras, que afugentem
 Os males de Pandóra.

Tu mesmo, ó grande Sylvio, ó sabio Filho
 Do Nume de Epidauro, honra do Sado,
 Não pudeste salvar o caro Almeno,
 Metade da tua alma;

E comtudo o Grynêo Apollo, quando
 Desceste do materno seio ao dia,
 Liberal te doou co' a lyra d'oiro
 O Balsamo sagrado.

Que esforços não fizeste por Almeno!
 Que segredos da próvida Natura
 Não indagaste, em lagrimas banhado
 Para soster-lhe a vida!

Porem o mesmo Ceo, que no-lo déra,
 Por nosso bem, não quiz que por mais tempo
 Com seus costumes, candidas virtudes
 Honrasse a Lusa terra.



A' MEMORIA
DE
ALMENO.

Debaixo desta campa em somno eterno
Do grande Almeno as frias cinzas dormem;
Porem não cuides, que em funéreo bando
Negras aves da noite

Horridas crução derredor da loisa:
Só os Meonios Cysnes, alvas pombas
Em roda do seu tumulto revoão,
E a doce Filomela:

As castas Musas, as decentes Graças,
Juntas a Urna cercão noite e dia;
Alli soltão seus canticos divinos,
Ao som da eburnea lyra,

Que os ares rompe, e aos altos Ceos levanta
Os raros dotes, meritos sublimes,
Com que brilhou na terra o sabio Almeno,
Primor dos Lusos Vates.

Se meu canto tambem lugar merece
 Depois do vosso, ó Musas, deixai, que elle
 Em torno deste tumulo sagrado
 Resoe os seus louvores.

A

**D. FRANCISCO RAFAEL
DE CASTRO,**

*Principal da Santa Igreja Patriarchal, no dia de seus
annos, remettendo-lhe o Author algumas Poesias
de Almeno.*

Eu te mando, Senhor, os aureos versos,
Que o claro Filho do Chrysêo Apollo
Sobre as margens do Sado descantava
Ao som da eburnea lyra.

Quando nas horas ao repouso dadas,
Largando hum pouco seus trabalhos duros,
Co'as alvas Musas passeava lédo
As Cetóbrigas praias.

Se elle ora inda vivesse, eu te prometto,
Que em vez de estranhas *trasmudadas fórmas*
Soberbo em sons divinos levantasse
Teu nome excelso aos astros.

Este brilhante dia, em que Lucina
 Nos braços te afagou, quando desceste
 Do seio maternal á luz da vida,
 Fizera mais brilhante.

Cantára, como a próvida Natura
 De siso, de prudencia, de constancia
 Mais que humana, de amor ás santas Musas,
 Ornou tua alma nobre:

Cantára como o divo Téjo ufano
 A' Filha do Mondego predisséra,
 Que honrar irias de Minerva o templo,
 De Febo as santas aras;

Como acceso em desejos d'alta gloria
 A' virtude, ás sciencias dando preço,
 Na Lusitana Athenas criarias
 As Letras, e os Costumes.

Porem se já não póde o Vate illustre
 O Canto seu, aos immortaes devido,
 A ti voltar, não ficarás sem honra
 Da mão das castas Musas.

Eu delle a lyra herdei; eia, me disse
 Já proximo a finir seus dias, toma
 A lyra minha: exalta nella o Sabio,
 De nome eterno digno.

Todas as cordas desde então, ó Castro,
A ti votei; se os Deoses me concedem,
Mais larga vida, ocio mais sereno,
Tu só serás meu Canto.

Cantarei este dia bem fadado,
Quando voltar no circulo celeste,
Cantarei as virtudes tão formosas
Que nelle nos trouxeste.

**AO DOUTOR
RICARDO RAIMUNDO
NOGUEIRA,**

Na morte do Doutor José Barroso Pereira.

*Multis ille bonis flebilis occidit;
Nulli febilior, quam tibi*

Horacio Liv. I. Ode XXIV.

—— Mas ah, que inda que seja
Choroso a todos, he a ti mais choroso.

Ferr. Elegia I.

AH! quando terão fim, caro Nogueira,
De tanta perda as mágoas, e as saudades
De tão querido Amigo? somno eterno
Opprime o Varão justo,

Sem lhe valer sciencia, nem virtude,
Digno por certo de viver mil annos
A si, a nós, á Patria, ao mundo todo,
Aos fados sobranceiro.

Onde o Siso, o Decoro, a Singelleza,
A incorrupta Fé, a sã Verdade,
O solido Saber, a Honra, o Zelo,
Beneficas virtudes

Acharão outro igual? Os altos Deoses
 Maior, nem melhor alma tinham dado,
 Nem mais darão, indaque á terra voltem
 Os Seculos doirados.

Elle acabou de todos pranteado,
 De nenhum mais, do que de nós, Nogueira,
 Que em seu amigo tratò sempre achámos
 Insolita doçura.

Mas nós pios em vão choramos ambos,
 Ambos em vão aos Deoses o pedimos,
 A nossos rogos surdos, que immutaveis
 Os fados não revogão:

Que se mais brando, do que Orpheo Threície
 A Cythara, que as arvores movia,
 Ora tocasses, a seu corpo exangue
 Sua alma não voltára,

Huma vez, que Mercurio á grei escura
 A ajuntou co' a horrenda vara. He duro;
 Mas soffrendo se faz mais leve a perda,
 Que reparar não podes. (*)

(*) Feita sobre a XXIV. do Liv. I. de Horacio, havendo o Au-
 thor recebido huma Carta do Doutor Nogueira, em que lamenta-
 va a falta deste commum Amigo, e rematava seu lamento com os
 versos da mesma Ode

*Multis ille bonis flebilis occidit;
 Nulli flebilior, quam tibi*

N A M O R T E
D O
M E S M O.

Acabaste, Barroso, esta carreira
Mortal, devido aos Ceos, onde te foste
Com as santas virtudes, que adornarão
Tua alma grande, excelsa:

Onde agora acharemos sãa justiça,
Fortaleza, e constancia d'alma illustre?
Onde a verdade pura, que pousava
Serena nos teus labios?

Onde a modestia, a gravidade, a honra,
O siso, e discrição? onde acharemos
Hum tão suave acolhimento a todos,
Que a todos attrahia?

Nas tuas fallas placida ternura,
No coração bondade sem limite:
Doce beneficencia era a divisa
De teus braços honrados.

Recta tenção até o fim levada,
Sem hum passo torcer da honesta via,
Regêo tuas acções; alfim já rico
De meritos sublimes,

Sem remorsos, com animo sereno,
Nos braços da virtude repousaste:
Dalli aos altos Ceos te trasladarão
N'um doce somno os Deoses.

NO DIA ANNIVERSARIO
DA MORTE
DO
M E S M O.

Aquelle claro, aquelle puro espirito
De são conselho cheio, e de prudencia,
Sempre será de mim cantado, e escrito.

Caminha Eleg. IV. á morte de Ant. Ferreira.

Este dia fatal, em que quizerão
Os Ceos avaros, que deixando a terra
De nós se fosse, a só viver com elles,
O candido Barroso,

Não passará sem canto d'elle digno:
Sobre a loisa, que cobre as castas cinzas,
Soltemos, Musa, nossos sons, não tristes,
Mas ternos, mas saudosos,

Inda lembrados da funesta perda
De tanto bem, que nos durou tão pouco:
Por entre os Hymnos sõem seus louvores,
Suas raras virtudes.

Amava a Patria Cidadão zeloso,
 Inda mais do que a si: por ella havia
 Animo prompto a devorar fadigas,
 Sofrer duros encontros.

Varão de paz, e de bondade a todos
 Nas maiores disputas serenava,
 E seus discordes animos unia
 N'um mesmo sentimento.

Era a todos amor, brandura a todos,
 Risonho gesto, sabedor conselho,
 Sincero zelo, meigo aviso e rogo
 Os corações ligava.

Eras, Barroso, hum novo Deos na terra;
 Que mais facundo que d'Atlante o Filho
 Co' a meiga voz em todos esparzias
 Insolita doçura.

Ou tu ficar no mundo sempre houveras,
 Para unir os mortaes em firmes laços,
 Ou outro o Ceo nos desse, a quem passassem
 Tuas claras virtudes.



A

**D. FRANCISCO RAFAEL
DE CASTRO,**

*Principal da Santa Igreja Patriarchal,
em seu louvor.*

Sprito generoso, inteiro, e forte,
Livre d'odio, d'amor, de medo, e pejo.

Ferr. Liv. II. Carta XI.

Eu tóco a Lyra; sóa nella Castro:
Do roseo berço do fulgente Apollo
Té o declive occaso não ha nome
Mais grato aos altos Deoses.

Os Divos Immortaes dos Ceos supremos,
Fitando os olhos sobre Castro excelsa,
Folgação de vêr a dadiva sublime,
Que dérão nelle á terra.

Justo, e sabio, tenaz na tenção recta,
Livre d'odio, d'amor, de inveja, ou medo,
Não torce hum passo da fragosa via
Da rigida virtude.

AO
M E S M O,

*Havendo-se esquecido o Author de o obsequiar
com versos no dia de seus annos.*

PASSOU teu claro dia, e meu, ó Castro,
Sem que eu a eburnea Lyra desferisse;
E desde as aureas cordas remontasse
Teu grande nome aos astros.

Não foi, não foi, Senhor, feio descuido,
Não foi falta de amor; duros cuidados,
Que continuos em torno de mim vôão,
Tolherão-me a lembrança

De tão formoso dia, dia amavel,
Marcado nos annaes das castas Musas,
Em que nasceo a Lysia alta esperança
De verdadeira gloria:

Não de valentes feitos sanguinosos,
Mas de gentis, pacificas virtudes,
De prudencia, e saber, d'alta constancia,
De illustre zelo, e honra.

Porem s'então fiquei co'a muda Lyra,
Entregue todo a meus cuidados, juro
Vingar a afronta, que me fez meu fado,
Cantar-te sempre, ó Castro.

Qualquer dos dias, que o brilhante Febo
Ao mundo traz no carro de diamante,
He dia de cantar os teus louvores
Ao som da Aonia Lyra:

Qual dia raia na luzente esfera,
Que o tu não doires com acções brilhantes;
Que não faças hum bem assinalado
A's Letras, e á Virtude?

A O M E S M O,

Sobre o mesmo Assumpto.

Os justos Ceos, Senhor, não consentirão,
 Que eu soltasse meu canto no teu dia,
 Dia ditoso, em que nasceste ao mundo
 A dadia mais bella,

Que dar podião os Olympios Deoses:
 Envolto em meus trabalhos me deixarão
 Tirando-me da mente perturbada
 O dia de teus annos.

Porem não foi, Senhor, sem justa causa:
 Que canto sonoro, de ti digno,
 Digno dos Deoses, que te cá mandarão,
 Podia a debil Musa.

Alçar aos altos Ceos? ah! não quizerão
 Qu' eu supprisse o lugar do sacro Vate,
 Que teu dia natal cantava sempre
 Co' a grave Lyra d'oiro (*).

(*) Tinha falecido pouco antes João Pedro, douto Professor de Rhetorica no Collegio Real dos Nobres, e Poeta de mui distincto merecimento, a quem o Excellentissimo Principal estimava muito, o qual todos os annos costumava celebrar aquelle dia com versos dignos d'elle, e do seu grande assumpto.

A
D. M A R I A L U I Z A
D E V A L L E R É,

*Mandando-lhe o Author algumas de suas Poésias,
que lhe havia pedido.*

Vós, illustre Senhora, me pediste
Meus versos; toscos versos: que donaires
Lhes deo gentil Natura, que bem possam
Sahir à luz com brio?

Não basta algum engenho ter, se o tenho;
Não bastão bons desejos; só com elles
Não se póde montar ao cume excelso
Do ingreme Parnaso.

Não sofrem altas Musas no seu Coro
Debil Poeta lançar mão da lyra;
Nem consentem, que voz profana entõe
Celestes sons dos Deoses.

Assim me brada Horacio, assim Ferreira:
E vós quereis então, que trespassando
Seus avisos prudentes, das mãos solte
Mal nascidos poemas!

Mas pois quereis, vosso desejo he mando,
E com isso me honrais: lá vão meus versos;
Por vós, por vós já corre resalva-los

Da critica sevéra:

Que se os vós approvais c'ò sello augusto
Do profundo saber, que em vós se admira,
Fico que sobirão com fronte altiva
A's fulgidas estrellas.

A
MONSENHOR FERREIRA,

Mandando-lhe huns versos.

Ferreira, caro Amigo, honra das Musas,
 Honra da Patria Elysia: eis lá te mando
 Versos, não cultos, quaes os teus, que podem
 Soar sobre o Castalio Monte, aonde
 Preside o claro Delio;

Porem versos de humilde som, que apenas
 Posso cantar nas faldas do Permesse;
 Que nem me deo Natura, nem deo Arte
 Huma altiloqua voz, que resoasse
 Porcima de Hippocrene:

Porem se ellas faltáráo, não me falta
 Peito formoso, que o só bem deseja,
 Que os fieis sentimentos d'alma puros,
 Em facil metro exprime; e nelle louva
 Beneficas virtudes,

Do homem bom, qual és; do homem recto;
Do que he fiel amigo, humano e terno;
Que estima as Artes, aos mortaes benignas;
Que a Patria préza; que só ama a honra,
E os candidos prazeres.

Tu disto te contentas; e isto basta,
Que te lá vá nos versos meus singellos;
Quanto lhes falta de elegancia, tanto
De verdade acharás nas lisas fallas
D'um coração, que sente.

▲
D E L I O,

*Rico Negociante, que já velho edificava
hum palacio.*

Magnifico palacio, que atrevido
C'o sublime mirante as altas nuvens
Escalando, devassa os Ceos vedados,
Ergues ufano, ó Delio.

Porem de que aço duro o tecto cobres,
Que a fulgurante ~~mão do irado~~ Jove
O não dardeje co' a medonha farpa
Do rubido corisco?

Com que ferrolho adamantino podés
Fechar seguro as bronzeadas portas,
Que os passos véde á horrida doença,
E á atroz irmãa, a Morte?

Hão de entrar as crueis, sem te acatarem,
Filhas da noite eterna, que indomaveis
Não se comprão com quanto oiro encerras
Nos avidos thesoiros.

A
F I L I N T O,

Que se retirava da Corte para lugar ermo.

Coelum, non animum mutant. ———

Horac. Liv. I. Epist. XI.

Por mais que fujás em veloz carreira,
 Não-te á la par correndo os vis cuidados;
 Não-te no enalço os sustos, os temores,
 Cruéis verdugos.

De si fugir não pôde o homem: sempre
 A si se leva co' as paixões, que o movem:
 Ou deixe a Corte vãa, enfasiado
 Do inutil fausto;

Ou vá ermar nos aridos desertos,
 Entregue á solidão dos mudos bosques,
 Furtando-se aos cuidados d'alto estado,
 De que aproveita?

Mudaste de lugar, mas não de affectos:
 Es lá o mesmo, que eras cá: podias
 No meio dos tumultos da Cidade
 Ser justo, e livre.

A
F A B I O,

Sobre os cuidados da vida.

Não creias, Fabio, não, que só tu vives
De vorazes cuidados rodeado;
Entrão nas choças, entrão nos palacios,
A todos vão seguindo:

Que os avidos thesoiros ferrolhados,
Nem os altos brazões de nobre sangue,
Nem a chave doirada ao lado afasta
Os miseros tumultos.

Se vês dormir em molle leito o rico,
Em torno ao aureo pavilhão revoão,
Quaes aves agoireiras n'alta noite,
Os rigidos negocios.

Se vês correr em fervido ginete
Altivo moço as praças de Ulyssea,
Vão-lhe nas ancas os pesares ferros,
Os zelos, os temores.

Sobre a baixella d'oiro, em lauta mesa
 De gargantões lascivos ladeada,
 Pende a Sicula espada d'um cabelo;
 A todos ameaça.



A
D E L I O,

Contra a sua avareza.

Loiro metal faminto tens, ó Delio,
Nos bronzeados cofres ferrolhado,
A ti, e aos mais inutil; nem com elle
Podes peitar a Morte.

Do seio das riquezas, e regalos,
Em que ora dormes, peso vil ao mundo,
De rojo te trarão as duras Parcas
Aos horridos abysmos.

Alli, alli ver-te-has atropellado
De mistura co' aquelles, que ao relento
Jazião pobres ante as surdas portas
De teus fulgidos paços:

Então os que mil vezes despedidos
Co' as mãos vazias dos portaes se fôrão,
Hão-de exprobrar-te em rosto o feio crime
Da sordida avareza.

AO DOUTOR
SIMÃO DE CORDES,

Sobre a sua preciosa Bibliotheca.

O tempo escapa, ó Cordes, vão com elle
Tambem fugindo nossos dias breves;
Nem quanto tu tens lido, quanto sabes
Da antiga e nova idade

Te poderá vedar a morte certa;
Não se move a cruel, com quanto queiras
Offertar-lhe da sã Filosofia,
De solidas sentenças.

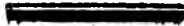
Artistas destros, creadores Genios,
Varões, que dos Lyceos da Lusa Athenas
Os porticos soberbos espantárão,
Aonde, aonde existem?

Jaz o engenhoso Mello; jaz o Silva
De gosto fino; jaz o meu Barroso,
De grão saber, e siso: oh! tarde seja,
Mas tu irás traz elles.

Has de deixar hum dia os caros livros,
 De papel fino, de gentil character,
 De largas margens, de vinhetas bellas,
 De rica vestidura.

Tristes delles, que irão a dono estranho,
 Que os ha de amarlotar sem dó, sem mimo,
 Que lhe ha de maçular o oiro puro
 C'os tabaquentos dedos:

Esta só mágoa levarás contigo:
 No mais espero de tua alma grande
 Que Filosofo acabes os teus dias
 Com serena constancia.



A
A M I N T A S,

*Que pedia ao Author alguns conselhos
de bem viver.*

Quaes conselhos darei, poisque os tu pedes
Para ti, para os teus? Não he preciso
A Febo orago recorrer, que ensine
Altissimos segredos.

Poucas regras de bem viver te bastão,
Não tiradas do portico de Athenas,
Mas de teu coração, dessa alma pura,
Que em ti diviso, e amo.

Respeita o culto da Nação, e os Deoses:
Ama teu Rei, e Patria, e seus costumes:
Ama os amigos bons, ama teu filho,
E mais que o filho, a esposa,

Acata os anciões, honra os maiores,
Guarda a fé da palavra: a mão benigna
Ao pobre estende: doão-te as desgraças
Da fraca Humanidade.

Não te soltes de todo, nem te prendas;
Entre os extremos segue sempre o meio:
Meão estado te contente: sabe,
Quanto saber te basta.

Da tenção recta nunca tu te desças;
E igual á tenção recta a obra seja:
Se fôres nesta róta, que mais falta
A ser feliz, e justo?

J O Z I N O,

*Tendo mostrado ao Author algumas das suas
Poesias sagradas.*

Quando déste ao nascer os teus primeiros
Vagidos, já Calliope formosa,
Prompta a par de Lucina te esperava.
Nos amorosos braços:

Tomou-te lédá no mimoso collo,
E como se em ti visse renascido
Seu harmonico Orfêo, que tanto amára,
Beijou teu rosto meiga,

„ Tenro Menino (c'um sorriso disse)
„ Argivos Vates, Laciaes Poetas
„ Cantando has de vencer: será teu canto
„ A candida virtude.

O

A U T H O R

A's suas Musas.

Eu só hum nome cubiçoso busco,
O' Musas; vós m'ó dai; não de Poeta,
Que não merece ser cr'oado Vate,
Senão hum genio raro;

Mas de honesto varão, constante, e firme
Em seguir as tenções da sãa verdade:
Se vós isto me dais, vós me dais tudo,
Fazeis-me grato aos Deoses.

D I C T A D O
P A R A A C A M P A
D A

SEPULTURA DO AUTHOR.

Antesque desça ao coração da terra
A descansar em paz eterna, quero
Rastro deixar, de que vivi no mundo,
De que eu amei os Homens.

Mortaes, eu como irmão vivi convosco:
Não fiz a ninguem mal; a todos sempre
Desejei ver felices; muitas vezes
Lamentei vossos males.

Tu, que lês isto, no teu peito assenta
Este dictado, que na campá deixou:
*Faze todos os dias bem aos Homens,
Ou lho deseje ao menos.*

AO
MESMO ASSUMPTO.

Quando a campa cobrir meus frios ossos,
Não grave mão piadosa sobre a loisa
Magnífico epitafio:

Meu nome embora o passageiro ignore;
Ignore, onde eu nasci, e com quaes artes
Passei meus breves dias:

Só lhe baste saber, e isto só lavre
O sinzel no sepulchro: *Aqui descança*
Hum Amigo dos Homens.

AO DOUTOR
RICARDO RAIMUNDO
NOGUEIRA,
Na entrada da Primavera.

Eis já chegou, Nogueira, a Primavera :
Em coche marchetado de esmeraldas,
De azues safiras, de rubis ardentes,
Desce a branca Acidalia;

Os cabellos de ambrosia aos ventos larga ;
De seu perfume os ares embalsama ;
Sólta do cinto encantador as Graças,
E os candidos Prazeres.

Tiro de luz dos lindos olhos vibra ;
Dos Ceos serena as embruscadas nuvens ;
Amaina os ventos, abonança os mares,
Ameiga as bravas feras.

No coração humano entra risonha ;
O agro tirá ; placida converte
Habitos feros em costumes meigos ;
Doces paixões semea.

AO MESMO ASSUMPTO.

O' Deosa genial, ó grãa Rainha
 De todo este Universo; vem que he tempo,
 Co' as beneficas luzes de teus olhos
 Dar nova vida aos Orbes.

Tu renovas o ceo, o mar, a terra;
 Tu revezas n'um circulo fecundo
 As estações, os annos, as idades,
 Os animaes, os homens.

Huns de teu seio immenso vão sahindo
 A ver a luz do dia; outros já voltão,
 Depois de ter girado no Universo,
 A teus maternos braços:

Sem ti, sem ti, ó Deosa, que seria
 Dos Orbes? quem daria vida ao mundo?
 Sem ti as gerações acabarião,
 Acabaria tudo.

Sólta tu pois os teus sorrisos, sólta,
 Que em cada hum dos Seculos futuros
 De hum só sorriso de teu gesto lindo
 Ha de nascer hum Mundo.

A
A L T É A,

No dia das suas bodas.

Alfim de Amor vencida, Altêa, cedes;
E á luz do facho nupcial estendes
 Trémula mão, e sobre a pyra juras
 Eterno amor a Lysio.

De teus virgineos pudibundos labios
 Pela primeira vez, ó clara Dea,
 De teu Lysio soltaste o doce nome,
E Esposo lhe chamaste.

Este só nome, inda mais bello e puro
 Por tua rosea boca proferido,
 Leva comsigo de tua alma honesta
 Todas as graças bellas.

A H U M A F O N T E
 D O J A R D I M
 D E
 C O R I L L A.

D'entre as caladas grenhas desse bosque,
 Donde tu brotas, ó amavel Fonte,
 Por este ameno prado vens descendo
 Com preguiçoso arroio.

Com grato murmurinho borbulhando
 Entras formosa neste tanque, aonde
 As tuas aguas jaspeadas formão
 A' casta Delia banho.

O jasmineiro, que em redór te cêrca,
 Alvas estrellas sobre ti sacode;
 Favonio te espaneja ~~mil frescuras~~
 Das prateadas azas.

A lactea estrella da marinha Venus
 Nesses crystaes formosa ~~se retrata~~:
 A elles touca Aurora os seus cabellos,
 E o Sol a fronte doira.

Aqui vem muita vez Corilla amavel;
Nesta borda se encosta, e põe seus olhos,
Seus olhos cõr do Ceo, nas aguas tuas,
E as torna inda mais bellas.

Então chega hum menino mansamente
Em meia luz raiando, e c'um sorriso
Beija-lhe a face, e sobre o meigo collo
Sólta as rosas do somno.

NO DIA DOS ANNOS
DE
L O R I N A.

A Deosa de Cythéra andava hum dia
 C'os Prazeres, co' as Graças, c'os Amores
 Passeando n'um prado; e lindas flores
 D'aqui d'alli co' a gentil mão colhia.
 Duas grinaldas fez: **Meu Filho**, vôa,
 (Diz ella a Amor) ao Tejo vai, e crôa
 Os dous mortaes, que adoro,
 Astros brilhantes do meu Cyprio coro:
 Leva por donativo estas capellas;
 Com huma cingirás as tranças bellas
 Da formosa Lorina,
 De mil louvores dina;
 Cinge com outra o Esposo
 De todos os mortaes o mais ditoso:
 He este o dia d'oiro,
 Em que nasceo o teu, e o meu thesoiro.

A' S R A R A S P R E N D A S

D E

M A R I L I A .

Donde te veio, Nynfa soberana,
A sublime razão, que te allumia?
 Donde essa alta virtude mais que humana
 Que teus desejos guia?

Donde essa graça tão formosa e pura,
 Que prende as almas de amoroso encanto?
 Donde esse estylo, cheio de ternura,
 Esse divino canto?

Doou-te o Ceo taes bens, quando nasceste
 Entre os braços de Aglaya e d'Euphrosína;
 Com hum grato sorriso recebeste
 Os dons da mão divina.

Alto Genio que os Deoses te enviárão,
 Baixou d'Olympto, e rodeou teu berço;
 Quando as doiradas horas te embalavão;
 Com doce e brando verso:

Do Ceo te trouxe as graças de Thalia;
De Clío a pluma de brilhantes côres;
O sabedor compasso de Urania,
E a Lyra dos Amores.

A L I L I A,

Rogando-lhe que cantasse.

Arde por toda a parte o vivo fogo
 Da facha, com que Amor a terra abraza:
 Que será dos mortaes, se tu, ó Lilia,
 O fero Amor não prendes?

Canta tu, Lilia, sólta a voz divina;
 Que ao som dos magos versos, que tu cantas,
 Suspende a furia Amor, e deposita
 No teu regaço as setas.

A O S E N C A N T O S
 D E
 M A R I N A .

Hum dia Alcino á sombra deleitosa
 De humna arvore frondosa
 Vio a bella Marina estar dormindo:
 Do rosto claro e lindo,
 Que inveja dá ás lucidas estrellas,
 Quiz ver de perto tantas graças bellas.

Eis chega, e o gesto amavel contemplando,
 Vê, que em formoso bando
 Mil bonitos Amores pequeninos,
 De gestos peregrinos,
 De implumes azas, que inda mal se vião,
 Da graciosa boca lhe sahião.

Já sei, já sei, ó Nynfa soberana,
 Absorto Alcino exclama,
 Porque quando tu cantas, quando fallas,
 Os coraçãoes abalas;
 Na maior ira o fero Amor quebrantas;
 Suspendes os mortaes, e a mim me encantas.

A

H U M A F O N T E

Da Quinta, em que o Author assistia.

O' fonte amavel, ornamento illustre
Do sequioso bosque, com qual verso
Te darei salva?

Outra nenhuma fonte com mór copia
D'aguas perennes corre: sejas sempre
Aos Deoses grata.

Nada ha mais puro, nada mais saudavel,
Que tua branda cristalina lynfa,
Nada mais bello.

Tu me vês pela sésta reclinado
Junto de ti sobre esta molle grama;
Ora dormindo

Ao som de tuas aguas leves somnos;
Ora admirando a placida corrente,
Com que te moves.

Humas vezes me vês lendo a Virgilio
Que me ensina a cultura desses campos,
Outras a Horacio,

Que a fonte de Bandusi transparente
Mais que o vidro me canta, e suas aguas
Muito parleiras.

O' Fonte, inda melhor, que a de Bandusi,
Que gratos versos te não déra o Vate,
Se elle te visse?



A

L Y D I A,

Retratando o seu esposo.

EMquanto tu, ó Lydia, vais passando
Co' magico pincel ao quadro rico
Do loiro Sylvio as feições formosas,
 Preside Amor aos rasgos.

Elle te guia o genio, e a mão mimosa,
Quando pintas os olhos seus celestes,
Quando as faces de rosa misturadas,
 Quando a engraçada boca.

Mas qual celeste fogo Amor te accende,
Quando no gesto, quando nas maneiras
Lhe retratas, ó Lydia, as paixões ternas,
 Que o Ceo por ti lhe inspira!

A R E V O L U Ç ã O
D A
N A T U R E Z A F Y S I C A ,
O U
P R I M A V E R A .

JA' raia a clara Deosa, Mãi do Mundo;
E seus fulgentes olhos estendendo
Sobre toda a Natura fogo accende
No Ceo, no Mar, na Terra.

Das doces chamas vividas sementes
Aquecidas abrolhão: o Ar dá aves;
A Terra os animaes; o Mar os peixes;
O Sol mais vivos lumes:

Por toda a parte o seu poder se sente,
Que os vastos corpos entre si marida;
A todos os confins deste Universo
O seu imperio estende.

Em tudo quanto existe, ó Deosa, vives,
Porem no coração do homem reinas:
Teu throno éxcelso ~~na sua alma~~ assentas,
Rainha do Universo.

A O C A B E L L O
 D E
 M A R I N A .

Pedio hum dia a Anfriso a linda Venus,
 Que Amor fugido lhe levasse preso:
 Como, lhe torna Anfriso, em ira acceso
 Não sofre laço ou peia.

Eu já te ensino, a Mãi lhe diz sorrindo,
 Como tu, moço, poderás prendê-lo:
 Quando o tu vires em furor bramindo,
 Lança-lhe este cabelo.

He d'aurea trança da gentil Marina,
 A que Amor cede, quando mais se indina.

Eis-aqui o segredo
 Como podes torná-lo manso e quieto.

AO DOUTOR
RICARDO RAIMUNDO
NOGUEIRA.

_____ em quanto nos defende
A vida breve longas esperanças,
Tu lédo o sprito estende
Por honestos prazeres, sans lembranças.
Ferr. Ode V. Liv. II.

O dia está sereno, a mesa prompta,
Fecha, Nogueira, os Livros,
E sob escuros alçapões enclaustra
Os barbaros Digestos:
Vem c'os Cupidos teus, co' as lindas Graças
Jantar hoje comigo:
Comigo beberás os donzeis succos,
Que a vida nos remocem.
Que nos importa a nós o voraz Tempo
C'os feros ameaços?
Que tem comnosco as foices, nem relgios,
Nem do morcego as azas?
Bebamos; e verás, quanto vivemos:
Sobre o limpo saleiro
Com gentil rosto a candida Saude
Preside á frugal mesa,
De simplicies manjares adornada,
Onde não chega a morte.

F I L I N T O.

*Siccis omnia nam dura Deus proposuit : neque
Mordaces aliter diffugiunt sollicitudines.*

Hor. Liv. I. Ode XIX.

VÊ, se adivinhas, ó Filinto amigo,
Qual maior donativo os Deoses derão
Aos homens? Eu bom premio te aparelho,
Se respondes com siso.

Não sabes? pois foi dar-nos gentil arte,
De amadornar os ríspidos cuidados
C'o expremido licor dos roxos bagos:
Aquelle, a quem o Numen

Iroso esta arte nega, tristes fados
Tem de passar em barbaros desgostos;
Por mais que lide por soltar-se hum dia
De negros pensamentos,

Que a vida azedão com profundas mágoas:
Em vão se esforça; nem o oiro póde,
Nem risonha fortuna, nem medrança
Afugentar tristezas:

Indaque corras no veloz cavallo
Té as extremas do mundo, a ti fugindo,
Vão-te nas ancas os cuidados duros,
Os sustos, os temores.

Somente o Deos, que a rubra fronte cinge
Com o pámpano verde, póde, Amigo,
Livrar o homem de pezares tristes;
Dar-lhe meigos prazeres.



A
A L E X I S,

Convite.

Alexis, fecha os Livros e as Pandectas,
 Deixa dormir em ocio
As Leis decemviraes da altiva Roma;
 E lança mão do Plectro
Aureo de Alcêo, e vem ao som da lyra
 Cantar-me humas taes Rimas,
Aquellas Rimas, em que tu costumás
 Gabar as gentis graças
Da marinha Acidalia, e os mil encantos
 De seu Collar divino.
Tu pódes tudo: tudo te obedecê:
 Quando sóltas teu canto,
Sorri-se Amor a ti, a ti off'rece
 Da fera aljava as setas.
Tu o dobrás a teu imperio: cede
 A teus afagos meigo,
E a Mãi, que só por si o não movia,
 Por ti o amansa e rege.

A

F A B R I C I O,

Convite.

Convido-te, que venhas neste dia,
 Dia de meu natal, jantar comigo
 Em genial franqueza, e sem cuidados,
 Entre prazer e riso.

Apraz-me hoje off'recer-te em branca mesa,
 Mais lauta do costume, hum jantar rico:
 Ha de ter boa sopa, e o mais, que a segue,
 Segundo o nosso estilo:

Teremos depois disto huma gallinha,
 Mui gorda e tenra, a lento fogo assada;
 E em villanesco molho concertadas
 Duas frescaes perdizes.

Ha mais huns bons pratinhos, não sei quantos
 Nem de que, que dei cargo ao Mestre, fossem
 A seu alvidro e gosto, e tão bem feitos
 Que grão louvor mereça.

Mas não te ha de faltar, que muito gostas
 Hum limpissimo lombo recheado,
 Que excita o paladar, e desafia
 O rubicundo Bacho.

Beberás licor almo, revezando
 Ora o tinto do Doiro, e o Lavradio,
 Ora o flavo da Atlantida Madeira,
 Que excede o Olympio nectar.

Tu depois de beber em lédos brindes
 A ti, a mim, e aos teus, que bem te amamos;
 Que coisas bellas não dirás, bebendo,
 De ouvir mui saborosas!

Contarás entre os copos, não quietos,
 As proezas gentis da mancebia; (*)
 Como certoiro, do arco disparavas
 Ao alvo a veloz setta:

Como co' a curta lança arrojadiça
 Por cima d'alta torre bafordayas;
 Como veloz de pés, voar soias
 Na rapida carreira;

(*) Idade de Mancebo.

D'um só folgo subir cimeiros montes,
 Avezado a trepar rispidas fragas,
 Calcar no inverno o frio caramello,
 Sofrer o ardor do estio.

Que não dirás das luctas, dos torneios!
 Firme nas forças juvenis com outros
 Teus iguaes te medias braço a braço,
 A todos derribando.

Pedindo armas de folla airoso entravas,
 Campião no terreiro; quantos piques
 Manhoso feridor quebravas, dando
 A teu contrario golpes!

Quantas vezes a espada lhe lançaste
 Fóra da mão; e quantas outras destro
 Com galhardo valor lhe desarmavas
 A rigida manopla!

Pois já na guerra quantos feitos raros
 Não dirás desse alfange adamantino,
 Que qual raio de Jove dardejado
 Fendia mil cabeças!

Rompia a facha d'armas d'um só córte,
 E rijas armaduras esmalhava:
 Coisas grandes dirás, cruas batalhas
 Soadas das mulheres.

Tornemo-nos depois aos copos: bebe
O doce nectar, que remoça as forças,
Dá alma e vida a velhos, e levanta
O esp'rito a coisas grandes.

Cheio de Bacho nos ardentes annos,
Farás acções mais bellas, mais luzidas
Do que fizeste, acompanhando a Marte
Na fresca mocidade.

A
A L F E O.

DE nós o dia se despede: dize,
Hoje que feito obrámos, que elle leve
Para mostrar ufano
Aos seculos vindoiros?

Nos fastos eternaes, aonde o tempo
Grava as obras gentis, que os dias honrão,
Só este dia esteril
Ha de ficar sem gloria?

Não assim: antesque elle, a luz depondo
No regaço da noite a deposite,
Accção formosa obrêmos,
Que o torne bello, e grande.

Qual ha de ser? Eu to direi: façamos
A Bacho Semelêo hum sacrificio,
Que a patria Elysia espante,
Que inveja mova aos Deoses.

Cantemos nós, de pampano c'roados;
 Ebrifestivos rubros Dithyrambos;
 Ao som dos Sistros dêmos
 Hymnos ao Deos potente,

Que no Alto Doiro reina, em Niza, em Thebas,
 E na frondente genial Madeira,
 Que mór, que os Deoses todos,
 Em todo o mundo impéra.

A
L E R E N O,

Convite para Leitura de peças joviaes.

SAcudâmos da frente esta velhice,
Que antes de tempo c'os trabalhos duros
Das escolas de Athenas nos tem feito
Nossos cabellos brancos.

Em deleitoso jogo hoje leâmos
O D. Quixote, e a Tabola Redonda
De Jorge, e de Miranda os Villalpandos,
E o Portuguez cioso

Do grão Ferreira: se ajuntar quizeres
Obra de nossa idade, a mór, que temos,
Ajunta-lhe as Quintilhas saborosas
Do claro Tolentino:

Primôres cortezãos, ricos fallares,
Plautinas graças, joviaes donaires,
Flores de toda a varia côr lançarão
Em seu regaço as Musas.

A M Y R T I L L O .

Convido-te a jantar, Myrtillo, deixa
 Os trabalhos da vida, e vem risonho,
 Desenrugada a frente, dos meigos copos
 Beber de doce Bacho:

Ou tu queiras ardente Carcavellos,
 E gentil Lavradio, ou mais te agrade
 Da frondosa Madeira o flavo nectar,
 Ou d'almo Doiro o succo,

Todos cá tenho para ti já promptos,
 Em formosas garrafas assellados:
 Ufano cada qual já sobre a mesa
 Pertende a preferancia.

Por evitarmos ríspidas contendias,
 Beberemos de todos: enxuguemos
 De cada hum as róbidas botelhas;
 Bebamos trinta copos.

Mas se és invidos servos murmurando
 Os quizerem contar, tantos bebâmos,
 Que elles na conta attónitos se percão,
 Nem possam dizer, quantos.

A

A N F R I S O,

Convite no dia dos annos de Elpine.

Tu a quem Bacho desde a tenra idade
 Nas Britannicas mesas ensinára
 Do sagrado licor, que fórma Deoses,
 Os diversos solares;

Com qual dos vinhos, dize, brindaremos,
 Bemque ausente de nós, a linda Elpine,
 Que os fados doira do bizarro Alfeno,
 Que a nós nos honra e ama?

Preferes por ventura o flavo nectar
 Dessa frondente genial Madeira?
 Ou antes do paterno Doiro queres
 O roxo succo ardente?

Talvez mais goutes de fazer teus brodios
 C'o fresco Lavradio ou Carcavellos;
 Ou antes mais cobices o estrangeiro
 Licor de loiro Rheno.

Todos cá tenho ; todos cá te esperão ;
De todos beberás, e entre bebendo
Irás de cada hum cantando alegre
As varias prendas ricas,

Que Natureza e Arte lhes doárão ;
Depois de disputares largamente,
Decidirás de magistral Cadeira,
Qual delles he mais bello :

Então com este só aos mansos ares
Alçaremos no fim da mesa hum brinde,
Que daqui vá voando, e mil bens leve
A' generosa Elpine.

A
S I L V I O,

Convite.

————— *Dissipat Evius*
Curas edaces.

Horac. L. II. Od. XI.

Co' a nota de dez annos assellada
Rica botelha do vermelho Bacho
Já está risonha sobre a branca mesa,
Por ti, por ti chamando:

Deixa, meu Silvio, os rispídos cuidados
Da velha Roma, que eu já deixo os Celtas;
E vem beber com prasenteiro gesto
Os nectares divinos.

Soltêmos doces brindes aos amigos,
Doces brindes a nós: nós hum a outro
Eterno amor jurêmos, odio eterno
A's horridas Pandectas.

A

A L E X I S.

DEIXêmos a ambição ao rico avaro,
 Que sempre o traz faminto:
 Ao bravo General os seus projectos
 De horridas campanhas,
 Em que verta mais sangue humano, exposto
 A's fulminantes balas.
 Após as honras e a doirada chave
 Definham-se os Privados,
 Sempre inquietos, sempre receosos
 Não mude a veste a sorte:
 Nós que temos com isso? a paz tranquilla
 Nossa ambição só seja;
 Em pacifico estado e com saude
 Quem pede mais aos Deoses?
 Vivamos, ó Alexis, nossos dias
 Nos braços da alegria;
 E se algum dissabor (que não he dado
 Viver feliz de todo)
 Vier acaso huma hora perturbar-nos
 O placido socego,

Aunoso vinho mais, que nectar, doce
O amargo tempére:
Bebamos, mas com siso o rôxo Bacho,
Que excita gratos somnos:
Vamos depois dormi-los socegados
Sobre a grama viçosa
A' fresca sombra dos Cyprinos myrtos,
Junto da branda fonte,
Que decima da rocha resonando
Cahe sobre a branca areia:
Alli vão ter de manso as bellas Graças
Co' a turma dos prazeres;
Alli com as brancas mãos, com as mãos mimosas
Cerrando-nos os olhos
Sobre nós soltem dos doirados cintos
Os sonhos mais formosos.

A

F I L E N O,

Cuidadoso em demazia da sua saude.

Indaque tu, Fileno, cada dia
 Nas negras aras dos Tartareos Numes
 De toiros cem, que a alta Chamusca envia,
 Entre Sabêos perfumes
 Vêrtas o espesso sangue em sacrificio,
 Nunca Minos cruel farás propicio.

Lá te espera co' a urna, que revolve,
 Que os nomes todos dos mortaes encerra;
 Que tudo alfim na morte se resolve
 Quanto vive na terra;
 Ou sejamos no mundo grãos senhores,
 Ou vil gentalha, e rusticos pastores.

Foges em vão do tormentoso pego
 Tentar as ondas em nadante pinho,
 Viver querendo em plácido socego
 Sem sahir de teu ninho:
 Em vão nocturno gélido relento;
 Em vão evitas o escaldado vento:

Infinitas veredas ha, poronde
A crua morte vem apercebida;
Que o braço e a foice temerosa esconde
A barbara homicida;
Entre as Lucanias rosas, no regaço
Da tua Lilia te armará seu laço.

Emquanto ella não vem, vive em remanso
Os alvos dias, que te os Ceos concedem
Por bem de Lilia, por teu só descanço:
Mas estes dias pedem,
Que tu, Fileno, os doires com mimosos
Brindes, que os fação inda mais formosos.

A
M O N T A N O.

Este dia, Montano, vai fugindo,
Nem torna mais no circulo celestø,
Bemque o convides c'os thesoiros todos
Do Antigo e Novo Mundo.

Antesque elle a formosa fronte escondida
Nas rubras ondas do Oceano Luso,
Vem conversar comigo, e em companhia,
Trazе comtigo as Graças.

A
C A S T A L I O.

SAhe desse escuro Camarim, e largæ
Os calculos profundos, com que medes
Os astriferos pólos, e governas
Na altiva mente os Orbes.

Deixa aos Deoses o alto regimento
Do Sol, da Lua, das estrellas todas,
Dos errantes excentricos Planetas,
De qu' inda os povos tremem.

Goza-te tu da terra, e seus prazeres,
Pois nella vives; e que mór deleite
Nella pódes achar, que a companhia
De tres amigos caros,

Que sentados á mesa, a quem rodeão
A candida alegria, e as Graças bellas,
Bebem férvido ponche, conversando
Hum mundo, mór do que este?

Se ainda os livros teus, que tanto volves
 Tirado te não tem de todo o siso,
 Neste dia de meu natal, ao menos,
 Vem visitar meus lares.

Bacho te chama á mesa, aparelhada
 De manjares frugaes, mas bem guizados,
 Aonde Almeno, e Alfeo nossos amigos
 C'os joviaes motêtes

Farão afugentar nossos cuidados ;
 E c'um só Evohé alto soando
 Desfranzir-te essa testa, enverrugada
 De asperrimos estudos.

Beberás ; e depois de bem bebido
 Aos astros montarás, se assim quizeres ;
 Lá verás esses Ceos, já passeando
 A bel prazer o Olympo.



A
F A B R I C I O.

Decrepita botelha, que lacrada
Guardei no dia, em que Hymineo sagrado
Te pôz nos braços a Marilia bella,
Por ti, Fabricio, chama.

Chama, que venhas do divino nectar
Beber succos donzeis, que nos remoção
O froixo sangue, e em sbeltos moços tornão
Os descorados velhos.

Vem tu: verás, se gozas d'ambrosia,
Voltar a esse teu rosto enverrugado
O lustre juvenil, com que encantaste
A candida Marilia.

AO DOUTOR
SIMÃO DE CORDES,

Convite.

*Qui Musas amat impares,
Ternos ter cyathos adtonitus petet
Vates.*

Horac. Liv. III. Ode XIX.

Não vês, ó Cordes, como ao longe os serros,
Togados d'alta neve, já branquêjão;
Como os rios co' agudo caramello
Já presos se coalhãrão?

Os bosques desfallecem, nem já podem
Mais soportar seu peso; os rijos ventos
Do fundo pégo todo o mar revolvem:
Deixa reger os Deoses.

Se tu queres tornar o duro inverno
Em linda primavera, em fresco outono,
Ou se mais gostas, em calmoso estio,
Bebe o fêrvido Ponche.

Na Indica luzente porçolana
O almo Ponche já fumea ardente;
Por ti, por ti, ó Cordes, prompto espera,
Para soltar seus brodios.

Dize hum eterno Adeos ao inverno; bebe
Tres bons copos, seis copos, nove copos:
E depois de beber, dize que venha,
Quando quizer, a Morte.

A

P I E R I O.

—— *Negatâ tentat iter vid.*

Hor. Liv. III. Ode II.

Os diáfanos ares dividindo
 Com azas, que aos mortaes o Ceo negára,
 Atrevido por sobre as nuvens vóa
 De Creta o sabio Mestre.

O grande Mongolfier, a quem descerra
 A próvida Natura altos segredos,
 Aerostatica não fabrica ufano,
 E surca ousado os ares.

Tu, Gallia, o viste desde a baixa terra
 Alçar-se aos Ceos; attonitos o virão
 O vermelho Germano, o fulvo Belga,
 O tumido Britanno:

Espantárão-se os Euros: espantou-se
 O bravo Escorpião, que a cola encurva;
 E os gélidos Triões; estremecêrão
 O Toiro, e o Sagitario;

**Mas não teme o varão sublime, vendo
De estranhas formas semeado o Olympo,
E os ferventes Luzeiros, que allumião
Os tenebrosos mundos.**

**Nós porém, ó Pierio, inda mais sabios
Que Mongolfier, que Dedalo famoso,
Nem volante balão forjar queiramos,
Nem atrevidas azas.**

**Quatro botelhas do potente Bacho
Bebamos ora; e com gentil meneio
Sobre ellas calvagando montaremos
Muito acima dos Astros.**



A
**D. FRANCISCO RAFAEL
 DE CASTRO,**

*Principal da Santa Igreja Patriarchal, em seu
 louvor.*

DE novas cordas, ó Musa,
 Nossa lyra remontemos;
 Vejamos, se em curto metro
 Nobres sons alçar sabemos.

Já no Parnasso de Lysia
 Os olhos ávida fitas;
 A quem has de imitar nelle,
 Se a Castro, e a Sá não imitas?

Bemque de longe os adora;
 Vai-lhe seu rastro seguindo;
 Que por só sua vareda
 Chegarás ao Luso Pindo.

E porque tomes assumpto,
 Bem igual a teus primores,
 Vai no caminho cantando
 D'ambos elles os louvores.

Sá, de Lysia Vate illustre,
 Abrio n'um dia doirado
 Do Mondego as ricas veias,
 Com que foi regando o prado.

Eis se torna o Campo ameno;
 Crescem boninas e flores;
 Crescem bosques de loureiros
 Nos vizinhos arredores.

As Musas, que de Hippocrene
 Grutas e fontes deixarão,
 Para aqui seus bellos côros
 Com as tres Graças mudarão.

O nosso Sá, douto Mestre,
 A si as chama e hospéda:
 Fôrma com ellas risonho
 Companha formosa e léda.

Ora pondo em rude avêna
 Os costumes dos pastores,
 Faz os bosques resoarem
 Seus innocentes amores:

Ora a-tiorba tocando,
Alça o grave som, e canta
Tão prudente alta doutrina,
Que inda hoje o mundo espanta:

Que de sentenças, de regras,
De tenções d'alta verdade
Porque bem viver possamos
Ou no Campo, ou na Cidade!

Que profundos sentimentos
Do sabio peito não solta!
Quão Christãa Filosofia
Em muitas flores envolta!

Mas tu, que dirás de Castro,
Novo Sá, b Musa? entõe
Tua voz mais nobre Canto,
Que por sobre os astros sõe.

A lyra, que elle desfere,
Quando canta em brando verso,
Foi dom divino de Apollo,
Que lha deo inda no berço.

Honrador das Musas honra
Com ella seu Téjo ameno;
Que de seus sons attrahido
Corre mais lêdo e sereno.

Varia os tons; e descanta
 Ora a Endecha, ora a Quintilha;
 Em que encerra agudos ditos,
 Em que grande engenho brilha.

Huma vez louva os amigos,
 Dando de amor claras provas;
 Outra vez os desenfada
 Com boas graças, e trovas.

Já convertendo seu estilo
 Em cantares d'alta rima,
 A Moral, a sã Virtude,
 E os bons costumes sublima.

Já d'alma contrita as vozes,
 Com que a Deos piadoso brada
 Esse santo Rei Profeta,
 Ao Luso metro traslada;

E formando com seus rhythmos
 Outro Psalteiro divino,
 Canta de Deos as bondades,
 Ao som d'arpa d'ouro fino.

Suspende, ó Musa, teu Canto;
 Que já do Pindo estás perto;
 Entrega a Phebo este assumpto,
 Que o cante com mais acerto.

AO
M E S M O,

*Escusando-se o Author de fazer versos pequenos
pela difficuldade da Rima, e porque sem
esta não erão graciosos.*

VERSO pequeno sem rima
Não tem força, nem sóido;
Seu curto metro encolhido
Em sons firmes não se arrima

Precisa de consoantes,
Que lhe dêem airosa graça;
Mas eu cá por mais que faça,
Não acho desses brilhantes.

O verso grande, appoiado
Sobre seu rhythmo comprido,
Corre com garbo sustido,
Sem ser da rima ajudado.

O seu só metro hé bastante
Co' as graças da melodia,
Para dar á Poésia
Huma belleza constante.

Eu avesado a taes versos
 Mal ou bem, quando era moço,
 Agora velho não posso
 Já outros cantar diversos,

Outros pequenos, que sejam
 Por seu consoante bellos:
 E se tento ora fazellos,
 Não vem taes, quaes se desejão.

Aqui me serro e me estreito;
 Alli me estendo, e me espraio;
 Ora subo, ora descaio,
 Indo da rima ao preceito.

Não digo tudo, o que penso;
 Nem, como eu penso, me explico:
 Ora apoucado me fico,
 Ora diffuso, e extenso.

Tu, Rima, os termos me enleas;
 Os pensamentos me prendes;
 Que teu grande imperio estendes
 Sobre as palavras, e idéas.

Muita vez te fazes muda,
 Quando a meus versos te chamo:
 Em vão rogo, em vão reclamo
 Teu nobre favor e ajuda,

Muitas voltas dando errante
 Por mil termos me remêxo;
 Té que irado as trovas deixo
 Por falta de consoante.

Mas bem me deixa vingado
 Castro de ti, que te abranda:
 Castro te rege, e te manda,
 E te tem ao jugo atado.

Sob sua mão, qual cêra,
 Todas as formas recebes;
 Os trabalhos fazes leves;
 Só a mim és dura e féra:

Castro, Castro, tu me ensina,
 Jáque da Rima és Senhor,
 Como posso em seu rigor
 Fazella a mim mais benigna

Se por teu favor me inspira
 Todos seus varios primôres;
 Cantarei os teus louvores
 Ao som da ditosa lyra.

M E S M O

SOBRE O MESMO ASSUMPTO
NO DIA DE SEUS ANNOS,

*Havendo o Author tardado em apparecer com suas
rimas de verso menor.*

Tardei, e cuidô que me julgás mal,
Que emendo muito, que emendando dane,
Ah Senhor, que ey grã medo ao m'ô angano,
Deste amor, que a nós temos desigual.

Todos a tudo o seu logo acham seu sal:
Eu risco e risco; vou-me d'anno em anno.

Sá de Miranda Sonet. III.

Tu, Senhor, de mim te queixas,
Que os versos de curta rima,
Sem sahir á luz do dia,
Ficão eternos na lima.

Não me julgues sem me ouvir
Que segundo a lei nos diz,
Julgar sem ouvir as partes,
Não he, não de bom juiz.

Confesso, que emendo e limo,
 Huma e muita vez meus versos;
 Nisto de emendar as obras
 São os pareceres diversos.

Aquelles a quem natura
 De ricas prendas dotou,
 Hão mister mui pouca lima
 Nas trovas, que ella dictou.

Mas outros, que não confião
 Tanto assim de seu talento,
 Julgão dever emendallas
 Com muito vagar e tento:

Eu sou destes, não dos outros;
 Cada hum seu pensar tem;
 Siga cada hum seu norte
 Qu' eu não condemnô ninguém.

Que mal faz senhor ao mundo,
 Quem suas trovas demora?
 Quem as vai acrizolando,
 Quem cada vez as melhora?

Não he pleito, que se espere
 Decidido em breve prazo;
 Não he negocio, que perea,
 Sé por ventura me atrazo.

Não he causa, de que penda
O bem do triste pupillo,
Ou da viuva, que busca
Na justiça o sacro asylo.

Nem he negocio de Estado,
Em que vai a Monarchia
Aproveitar os momentos
E resolver n'um só dia.

Mas dêmos, que melhor fora
Ser despejado na lima:
Como o posso ser, se eu ando
Ora abaixo, e ora acima.

Que mais quereis, que ardo todo
Em mui differentes fornalhas;
Já lido com manuscritos,
Já com antigas medalhas.

Volvo feitos importunos;
Lanço tenções trabalhadas;
Dou votos, e dou conselhos;
Faço censuras forçadas.

Inda fora bem, se houvesse
Tão sómente estes trabalhos;
Mas que ha de ser, se me prendem
Outras redes e tresmalhos.

Quando cuido, que estou livre
 Nas poucas horas, que restão,
 Vem huns causticos mofinos,
 Que todas ellas me crestão,

Horas, que eu bem quereria
 Gastar dos versos na emenda;
 E estar com Phebo de espaço,
 Que nelles severo entenda.

Eis hum daqui me abalrôa
 Com historias muito estranhas,
 E por cousas proveitosas.
 Mette arengas e patranhas.

Já outro em casa me assôma,
 E com seus papeis me afronta;
 E não farto de os ter lido,
 Hum longo aranzel me conta.

Qual sanguixuga agarrada,
 Ou qual bruxa macilenta,
 Vem hum tal, que me não deixa
 Que todo o sangue me aventa.

A pausada prosa estende:
 Falla de seus ascendentes;
 De brazões e de façanhas,
 Cousas muito impertinentes.

Hum só conversa em prazeres,
 De jogos, que tanto empecem,
 Ou em cavallos de raça,
 Que em campos do Tejo crescem.

Entra estoutro, e c'os alheios
 Os seus serviços coteja:
 Lamenta a falta de premio,
 Alheio despacho inveja.

Vem hum Doutor, hum Poeta,
 Huns polhastros mui parleiros,
 Que nortadas me bafejão,
 Como ventos berlengueiros.

Não ha fugir desta gente,
 Por mais que em casa me encerre,
 Pedem hora, e não me posso
 Negar sempre, inda que berre.

Vai ora com taes enxalmos:
 Os teus versos reformando:
 Córta huns, outros concerta,
 Vai outros breve limando.

Se eu pudesse vêr-me fira
 Desta tão cheia Cidade,
 Onde fosse em ocio brando
 Senhor da minha vontade

Lá no Campo, lá n'um bosque
 De viçosa hera cerrado,
 Ligarão os meus rimances,
 Sem ter mais outro cuidado.

Alli então poderia
 A' sombra d'árvores toureiros,
 Illustre Castro, cantar-te
 Louvores teus verdadeiros.

Poderia em nova rima
 Cantar feliz Fevereiro,
 E entre todos os seus dias
 Seu claro dia primeiro:

Dia ditoso, em que Jove
 Benigno te deu ao mundo,
 Porque a Patria Elysia honrasses
 Com teu engenho profundo.

AO
RETIRO DA SOLIDÃO.

Neste lugar solitario,
 Onde estou de mim contente,
 Quero viver os meus dias
 Mui longe de imiga gente.

Vão-se todos muito embora,
 Não quero mais companhia
 Do que as Musas e as tres Graças,
 Do que a Paz, do que a Alegria.

Mas homem nenhum cá venha,
 Salvo o meigo Anacreonte,
 Horacio, Virgilio, e Fedro,
 Que suas Fabulas conte.

Venha com estes tambem
 O meu Sá, o meu Ferreira:
 Depois de ter taes amigos,
 Que pode haver, que eu mais queira?

A

A L M E N O,

*Havendo-lhe rogado o Author muitas vezes
que viesse a Lisboa.*

Almeno, que te demora
Que por mais que eu cá te chamo
Tardas em vir aqui vêr-me,
E em vão te escrevo e te clamo?

Empenho, porque tu cedas
Mais depressa a meu desejo,
As Nynfas todas formosas
Do Sado, e o teu patrio Téjo.

Se ainda assim te não moves,
Nem tua vinda mereço,
Rogo-te por tuas Musas,
Por teu Ovidio te peço.

KK

A
D. FRANCISCO RAFAEL
DE CASTRO,

*Principal da Santa Igreja Patriarchal,
em seu lauro.*

Canta, ó Musa, hum nome excelso
Se acaso tu ousas tanto:
Canta Castro, Castro illustre,
Desta nossa idade espanto.

Mas de quaes dos raros dotes;
Has de formar o transumpto?
Todos não podes cantar,
Hum só basta para assumpto.

Huma só de suas partes
A honrar heroes bastára,
Que todas juntas n'um homem
He cousa pasmosa e rara.

Entre as prendas, com que brilha,
 Com maior clarão diviso
 Assentado n'alta mente
 O bom saber, o bom siso;

Não este, que o povo rude
 Com vãos louvores acclama,
 Engenho fogoso e vivo,
 Que em projectos se derrama;

Não hum saber de apparatus
 Desses moços inexpertos,
 Cujas theoricas bellas
 São na praxe desconcertos;

Não hum saber lá de fóra,
 Do que fazem grandes Reis,
 Entretanto não sabendo
 Nossos costumes e leis;

Não huma philosophia,
 Tão'ousada como cega,
 Que este seculo vaidoso
 Com vãs soalhas nos préga:

Mas hum saber d'alto aviso,
 Que em sãos principios se funda;
 Hum saber, que vem do estudo,
 Que vem da lição profunda:

Juizo firme e seguro,
Que só o dá sãa doutrina;
Que só a praxe prudente
C'o prumo nas mãos ensina.

Com elle Castro se rege,
Não por solta liberdade;
Com elle ajusta as idéas,
Segue a razão e a verdade.

Mas tu onde vais, ó Musa,
Ousada nos pensamentos,
Rebaixando estas grandezas
Com teus humildes accentos?

Só de as cantar n'alta lyra
O claro Alexis he digno,
Que para cantar a Castro,
Apollo lha deo benigno.

Canta tu, Alexis, Castro
Com alteza e com verdade;
O meu e teu Castro exalta
Por honra da nossa idade.

AO
M E S M O,

No dia de seus annos.

Neste tempo, em que a virtude
A ingrata terra deixou,
E em que o vicio poderoso
Sceptro de ferro empunhou:

Castro da estreita vareda
Nunca jámais desatina;
Da vareda de honra e gloria,
Que o justo Ceo nos ensina.

Olhos postos n'alta estrella
Entra por ella constante;
A Razão, farol luzente,
Leva seu facho diante.

De si, da lei, da virtude
O seu nobre esp'rito cheio
C'o tempo não faz avença;
Nem arma a prazer alheio.

As tenções de seu governo
 Com maduro siso estuda;
 Depois de as ter resolvido,
 Não se torce, não se muda.

Nem o desvião empenhos,
 Nem o demora a privança;
 Vai sua rota direita
 Té que o fim devido alcança.

Tamanha firmeza d'alma
 Em tempos taes muito espanta,
 Que nunca os brios desmente,
 Nunca de si se quebranta.

Mas esta tenaz justiça,
 Esta constancia sevéra,
 Cuidas tu que em si se fica
 Sem mais virtudes austera?

No meio desta firmeza
 Brilha huma alma terna e branda,
 Que os bons preza; que he sensivel
 A quem seu favor demanda:

Que a mão benéfica estende,
 O pobre, o orfão protege:
 A huns melhora a fortuna,
 Com seu conselho outros rege.

Seu coração generoso
A todos dá gazalhado;
Ninguém, que a elle recorra,
Delle sahe desconsolado.

Fazer bem á humanidade
He seu alvo, he só seu gosto;
Mais que a si, amar a patria,
Por ella a lidas exposto.

Estas virtudes divinas
Que seu peito ennobrecêrão,
Os Deoses do Ceo supremo
No dia de hoje lhe derão:

Dia fausto á Lysia terra,
Com Castro mais rico e ufano,
Serás contado por lédo
Entre os mais dias do anno.

A
G R O S F O,

*Domestico do Author, paraque o não negue
ao Principal Castro.*

O' grosfo, já estou cansado
De aguentar causticações:
Não quero em casa mais gente,
Não quero conversações.

Põe-te á porta, e veda a entrada,
Se alguém hoje entrar quizer:
Dize, que não estou em casa,
Salvo se Castro vier.

Castro vem co' as santas Musas
Em suave companhia;
Castro me enche a casa d'honra,
Castro me enche de alegria.

Não conversa em fidalguias;
Se fallar de si quizera,
Nobre serie de avoengos
Assoalhar ao Sol pudéra.

Não alardêa com gabos
 As acções e lealdades,
 Com que tem servido a Lysia:
 Fallão por elle as verdades.

Não gasta o tempo, contando
 De gentis Cavallarias;
 Do theatro, caça e jogo,
 Em que outros gastão seus dias.

Fallamos de Sá Miranda,
 De Camões, do bom Fretreira,
 De Bernardes, de Caminha,
 De nossa idade primeira:

Nem falta Fernão, nem Lobo,
 Nem Veiga, nem tu, que deste
 Ao Grego Ulysses teu Canto,
 E ao patrio Tejo o trouxeste.

Com que gosto ponderamos
 O bom que tem seus escritos,
 Ricos termos, culto estilo,
 Graves sentenças, bons ditos.

Estes os affectos commove,
 E os baixos sentidos tira;
 Aquelle dá bons dictames,
 Nobres conceitos inspira.

Aqui tem donaire e gala,
 Alli magica harmonia,
 Aqui tem riqueza immensa,
 Alli força e energia.

Seu estilo ora he conciso,
 E se estreita em curta raia;
 Ora corre como o rio,
 Que pelos campos se espraia.

Destes passámos a outros,
 Grandes Varões Lusitanos,
 Famosos Mestres da lyra
 Qestes derradeiros annos.

Diriz, e Gargão sublimes,
 Que os pitagóricos accentos
 Té ás estrellas altíssimo,
 Roubão nossos pensamentos.

Maravilhados ouvimos
 Os altos sons, que euteárido
 No Eolio campo nunca
 Os hymnos tanto soarão.

E que hei de dizer das rimas
 De Castro, que nesta idade
 O bom sabor nos renovão
 Da mui douta Antiquidade?

Ora me lê suas Odes, e os seus
 Por mãos de Febo asselladas;
 Ora as Quadras apaziveis,
 De mil graças temperadas.

Já as Quintilhas airosas que
 Obra de gosto polido;
 Já o Psalteiro divino,
 Em luso metro vertido.

Em tudo o que dizes e escreves,
 Vai tão alto e tão profundo,
 Que se lhe o prumo lançares,
 Muitas braças tem de fundo.

He seu estilo concertado
 Com tal siso, com tal tento,
 Que nem mingoa, nem sobeja
 Ou palavra ou pensamento.

Não tens a quem o compares,
 Salvo a Ferreira, e a Miranda;
 Como elles, diz muito em pouco,
 Muita terra corre e anda.

Nossa Lingua Portugueza,
 Quem melhor do que elle a falla?
 Da antiga doirada idade
 Os grandes mestres iguala:

S' ora a lingua maltratada
 De todo se corrompêra,
 Certo que nelle se achára
 Tão pura, como antes era.

Não perco, mas lucro as horas,
 Que assim com elle practico,
 Que de seus conceitos fundos
 Sempre me deixa mui rico.

Este sim, ó Grosfo, venha,
 Entre só meu Castro amigo;
 Mas deixe ao longe o Carrinho,
 Não saibão, que está comigo.



A M O R,

Irado pelo roubo, que lhe fez Nise.

Não vás ao monte, Nise, com teu gado,
 Que lá vi que Cupido te buscava;
 Elle publica enfim que lhe has roubado
 Os melhores farpões da sua aljava.

Canções Sonet. 118.

Amor se queixa
 Que está roubado;
 Que os farpões, Nise,
 Lhe tens furtado.

Em ira acceso,
 Qual fero Marte
 Te busca, ó Nisa,
 Por toda a parte.

Ah! tem jurado,
 Que se te alcança,
 Ha de tomar
 Crua vingança.

Mas tu não fujas,
De Amor não temas
Nem setta, ou dardo,
Ou vis algemas.

Se elle vier
Com fero ardor,
Põe-te riçonha,
Ri-te de Amor.

Desses teus olhos
Com hum só mover
O bravo Amor
Pódes vencer.

Se contra ti
Os Ceos armar,
Dos Deoses todos
Pódes zombar

C'um só volver
Dos olhos teus
Pódes vencer
Amor e os Ceos.

A FORMOSURA
DE
CORINA.

Pincel fecundo

Pintor apura;
Pinta, se podes,
A Formosura.

Pinta n'um quadro

Corina bella,
Pinta, se podes,
Quanto vés nella.

Oh Céos, que raios

Já vão sahindo!
Que lindos olhos!
Que gesto lindo!

Tu me apresentas

A mór belleza,
Que formar pôde
A Natureza.

Mas tu pintaste

Venus divina,
Porem mais bella
Inda he Corina.

LÍLIA

*Presa de Amor.***C**om Lilia bella

Amor brincava,
 E Lilia rindo
 De Amor zombava.

C'uma grinalda

De frescas rosas
 Amor lhe atava
 As mãos formosas.

Julgou-se Lilia

De Amor segura;
 A prisão teve
 Por travessura.

Mas quando quiz

Soltar seus braços,
 Não pôde Lilia
 Romper os laços.

Vai ora presa

Amor lhe diz,
 Desfaz, se pôdes,
 O nó que eu fiz.

A -

M A R R I L I A,

Paraque não ceda a Amor.

AMor, ó Marília,
 Irado lá vem,
 Tu zomba de Amor,
 Que eu zombo tambem.

Aindaque venha
 Com todo o seu trem,
 Tu zomba de Amor,
 Que eu zombo tambem.

A M O R

*Demudado em ave,***M**udado em ave

Amor voava,
De Lydia o collo
Meigo buscava.

Alli batendo

As azas leve,
Sóbe a seu peito
De côr de neve.

D'alli co bico

Sem medo ou pejo
Na rosea boca
Lhe sólta hum beijo.

Recebe-o, Lydia,

Com doce agrado,
E lhe perdoa
Este attentado.

DOIS SEGADORES
SILVANO, E LERENO,

Imitação de Ferreira.

SILVANO.

Que usança he esta,
Lereno amigo,
Com que tu' ceifas
O loiro trigo?

A ordem toda
Levas errada,
Segas hum rego,
E d'outro nada.

A espiga deixas
Que tens diante,
E segas outra
Que está distante.

Já o teu rosto
Te amarelece,
E a curva foice
Já te enfraquece,

Lereno amigo,
Vai descansar
Tu já não podes
Mais trabalhar,

Tua tarefa
Eu só farei,
Todo este trigo
Eu segarei.

L E R E N O .

Bem podes ora
Vencer ceifando,
Mas tu não vences
Lereno amando.

S'eu aqui ceifo,
Nisso não lido;
Só trago em Lilia
O meu sentido.

S'eu Lilia vira,
Eu só segára
Sem descansar
Maior seara.

S'ora viessem
Os meus Amores,
Eu só vencêra
Mil segadores.

OS
DOIS LAVRADORES
AONIO, E AGRARIO,

Imitação de Ferreira.

AONIO.

Quanto do tenho,
Agrario amigo,
Ver mal logrado
Teu loiro trigo.

Tu semeaste
Em hora escura
Aristo trigo
Em pedra dura:

Fraca seara,
Toda está cheia
De ingrato joio,
De triste aveia.

A G R A R I O.

Eu já não curo
Dos Campos meus,
Outro destino
Me dão os Ceos.

De hum novo Campo
Sou Lavrador,
Não sirvo a Ceres,
Só sirvo a Amor.

Mas s'eu quizesse
Ter mór seara,
De grãa colheita
Rico ficára.

Rogára a Lilia,
Que aqui viesse;
Que os lindos olhos
Aqui estendesse.

C'uma só volta
Dos olhos seus
Luzir faria
Os Campos meus.

Venha aqui Lilia,
Mostre seus olhos,
Nascera trigo
Desses abrolhos.

Venha aqui Lilia,
Que o espinho, e o cardo
Verás tornar-se
Em Lirio, e nardo.

Ah! vem, ó Lilia,
Aos Campos meus
Mostrar o imperio
Dos olhos teus.

ACIUOPSIADNO
EM GUERRA.

Lá vem Cupido.

Com gesto irado;
Guerra ameaça
Co' arco armado.

Por toda a parte,
Dispara tiros;
Já vão soando
Tristes suspiros.

Marilia, fuge,
Que o coldre soa;
E a seta dura
Para ti vôa.

M A R C I A
F E R I D A D E A M O R.

Amor hum dia
Buscava geito,
Com que ferisse
De Marcia o peito.

Quando ella dorme,
Seu fogo activo
Amor lhe accende
No peito esquivo.

No meio d'alma
A setta crava;
E Marcia fica
De Amor escrava.

Não temas, Marcia,
Essa ferida,
Se Amor te fere
He doce a vida.

A HUMA TRAVESSURA

L I L I A.

*Malo me Galathea petit lasciva puella,
Et fugit ad salices, et se cupit ante videri.*

Virgilio Eclog. III.

Ao som das agúas
Da fonte pura
De Amor cantava
A formosura

Entre huns salgueiros
Occulta estava
Travessa Nynfa,
Que me captivava

De lá subtil
Estende o braço,
E hum pomo atira
Ao meu regaço.

Voltei os olhos,
E conheci
A mão formosa,
Que eu inda vi.

Erás tu, Lilia,
Por ti chamei;
Mas por teu nome
Em vão clamei.

Fugiste á pressa
Para a espessura,
E foste rindo
Da travessura.

Mas tu querias,
Assim fugindo,
Que eu sempre visse
Teu rosto lindo.

A F O R M O S U R A
 D E
 L I L I A .

N'um prado hum dia
 Amor entrando
 Vio Lilia, e Venus
 Andar brincando.

Correo ligeiro
 Para saudar
 A mais formosa
 Filha do mar.

Mas tão parecidas
 Amor as vio,
 Que a mãe Cyprina
 Não distinguio.

Ambas sauda
 Com gentil graça,
 A ambas beija,
 Ambas abraça.

Qual de vós he,
 Amor clamou,
 A mãe formosa
 Que me gerou.

A M O R
P R E Z O.

Amor hum dia
Voando vi,
Armei-lhe hum laço
N'elle o prendi.

Elle soltar-se
Em vão pertende,
Quanto mais lida
Mais s'elle prende.

Desfeito em choro
Gemendo afflicto,
Alçou á Mãe
Piedoso grito.

Acode Venus
Solta-me Amor, hum laço
Que o farei brando
A' tua dôr.

Eu já to sólto,
S'elle tambem
Me soltar alma,
Que lá me tem.

A' M O R T E
 DE
 L E A N D R O.

Com firme peito as ondas procellosas
 Hia arrostando o Nadadór de Abydo;
 Té que dos duros fados opprimido
 Montar não pôde as agoas tormentosas.

Pondo os olhos nas praias amorosas:
 Chamou tres vezes: Hero; e submergido.
 Outras tantas o nome seu querido,
 Ficou das bravas ondas invejosas.

Em fim cançado de luctar co' a morte,
 Abrindo a debil voz já sem conforto:
 Em vão trabalhas, disse, cruel sorte;

Hei de chegar ao desejado porto,
 Por mais que o mar reaista bravo e forte,
 Senão puder ir viyo, irei lá morto.

AO
M E S M O.

Rendido da tormenta, que afrontava
 Correr a morte sobre as ondas via
 Leandro triste, mas morrer queria
 Sequer junto da praia, onde Hero estava.

Emquanto assim c'os braços se esforçava
 Pondo os olhos na luz; que ao longe ardia,
 Chamava por seu bem: Hero, dizia;
 E o nome d'Hero o vento lhe levava.

Oh duro fado! a morte era chegada,
 Que quando as ondas já tinha vencido
 Quasi tocando a praia suspirada,

Levantou-se hum mar alto embravecido,
 E ante os olhos d'Hero desgraçada
 O deixou entre as ondas submergido.

A O
M E S M O.

As vagas alterosas lá rompia
Pela alta noite o nadadôr de Abydo:
Bramia o vento, e o mar enfurecido
Triste morte cruel lhe apercebia.

De longe Amor c'os olhos o seguia,
Em seu futuro damno esmorecido,
E Hero vendo o pego revolvido,
Chorava, e votos mil aos Ceos fazia:

Nem Hero, nem Amor pôde seu fado
Vencer: naufrága o moço, e a sorte escassa
A' praia arroja o corpo mal logrado:

Que dôr o coração d' Hero traspassa!
Correndo a abraçar vivo o esposo amado,
Frio cadaver infeliz abraça.

A' M O R T E
D E
D. IGNEZ DE CASTRO.

Aqui da linda Ignez a formosura
Acabou: crueis mãos morte lhe derão:
Inda sinaes do sangue, que vertêrão,
Estão gravados nessa penha dura.

Vendo as Nynfas tamanha desventura,
Sobre o pallido corpo aqui gemêrão,
De cujas tristes lagrimas nascêrão
As surdas aguas dessa fonte pura.

Pastoras do Mondego, que a corrente
Inda agora bebeis desta saudosa
Fonte, que está correndo mansamente,

Fugi, fugi de Amor, que a rigorosa
Morte lhe trouxe aqui: era innocente;
Se teve culpa, foi em ser formosa. (*)

(*) Este Soneto, feito na mocidade do Author, correo por

alguns annos anonymo; e declarando depois elle ser obra sua, houve quem o puzesse em duvida, por lhe parecer peça muito antiga. Então fez o Author os seguintes, menos por mostrar que bem pudéra ter feito este primeiro, quem fazia os segundos, quanto por salvar-se do plagio, que sem fundamento se presumio. Por esta causa forão todos fundidos pelo mesmo molde do primeiro, porque a semelhança das feições depuzesse da origem e filiação de todos elles; que por isso não ha nelles maior variedade de pensamentos, nem de imagens, nem de expressões, nem de estilo, nem ainda de rimas, mas antes de proposito se buscou que todos fossem parafrases do primeiro, e de huma mesma forma e maneira, como em mostra da mão original, que a todos produzio, e que nelles reinasse sempre o sentimento do coração, clave unica deste genero de Obra, e não o floreio e variedade da fantasia, que só tem lugar em peças de imaginação e enthusiasmo. Alguns destes Sonetos forão impressos com alteração na Collecção do Jornal Encyclopedico no mez de Junho de 1789 Art. IV. a pag. 409 e 413, e sem concorrência do Author.

AO
M E S M O.

Aqui a vida á linda Ignez cortarão
Antes de tempo as Parcas apressadas;
Barbaras mãos de duro ferro armadas
No tenro peito a morte lhe cravarão.

Do sangue seu, que em terra derramarão,
Inda essas penhas vejo ensanguentadas;
E nesta pura fonte transformadas
As lagrimas, que os olhos seus chorarão.

A voz extrema, com que agonizando
Pelo Esposo chamou, inda anda agora
Em torno a estes cedros revoando.

Amor esmorecido inda hoje chora;
E quando passa, triste suspirando,
De longe pára, e este sitio adora.

A O
M E S M O.

Tu descanças, ó Pedro, e a crua morte
 Pelo campo correndo vem armada
 De barbaro punhal, e busca irada,
 Triste de ti! a misera consorte.

Ella veado descer o mortal corte
 Em vão brada por ti desamparada,
 Qu' o doce nome, e a vida desgraçada.
 Lhe corta a hum mesmo tempo a impia sorte.

Chorai, chorai a vossa desventura,
 Pastoras do Mondego, Tejo, e Doiro,
 E de Pedro chorai a mágoa dura.

Os lindos olhos, os cabellos d'ouro
 De negro véo cobri, que a morte escura.
 De todo vos roubou, vosso thesoiro.

AO
M E S M O.

SE vês este lugar inda banhado
De fresco sangue humano, ó passageiro,
Sabe que á Gentileza, e ao verdadeiro
Amor aqui deo fim o cruel fado.

Só por ser bella, só por ter amado,
Hum barbaro punhal o derradeiro
Fio cortou de Ignez; e o ferro inteiro
No brando peito lhe ficou cravado.

Neste lugar Amor continuo mora;
E lembrado das magoas deste dia,
Sempre de pura dôr suspira, e chora.

De Ignez prostrado ante a urna fria
Inda hoje essas cinzas triste adora,
Onde de Amor formoso fogo ardia.

AO
M E S M O.

Aqui de Ignez ministros sanguinosos
Com duro ferro o coração passarão,
Aquelle coração, onde morarão
Sentimentos de amor os mais formosos.

Os filhos, que a cercavão temerosos,
Tintos de sangue seu inda ficarão;
E co' a Mãi moribunda se abraçarão,
Ferindo o ar com gritos lastimosos.

O nome de seu Pedro, que lhe ouvirão
Soltar da boca fria, os sobranceiros
Montes por grande espaço repetirão.

E as Nynfas, que seus dias derradeiros
Tanto chorarão, muitos tempos virão
A triste sombra errar nestes oiteiros.

A O
M E S M O.

Neste lugar os fados rigorosos
 Contra a innocente Ignez se conjuráráo,
 Duros punhaes seus peitos trespassáráo.
 Sem lhe valerem brados lastimosos.

Abraçada c'os filhos, que anciosos
 Aos cruentos vestidos se apegáráo
 Deo o final suspiro, e se cerráráo
 Em somno eterno huns olhos tão formosos.

Tremeo Amor da horrida crueza;
 E gritando se foi á Mãi, banhado
 Em triste pranto de cruel tristeza.

Morreo Ignez ; roubou-ma o duro fado:
 Chora comigo, ó Mãi ; nesta belleza
 Perdemos, quanto o Ceo nos tinha dado.

AO
M E S M O.

**ALÇava Ignez aos Ceos piedoso brado,
Porém aos duros Ceos em vão bradava,
Que o agudo ferro o peito lhe passava
Deixando de seu sangue o chão banhado.**

**Neste funesto doloroso estado
A Pedro a moribunda voz alçava;
Por seu querido Pedro inda chamava,
Mas não a pôde ouvir o Esposo amado.**

**Ao triste som as Nynfas acudirão,
E a gentil alma, aonde Amor vivia,
Sahir da roixa boca inda lhe víráo.**

**Em memoria das mágoas deste dia
Inda hoje aqui vem, inda suspirão
Vertendo pranto sobre a cinza fria.**

AO
M E S M O.

Aqui antes de tempo o duro Fado
Deo fim á bella Ignez; ferro homicida
Seus peitos traspassou, e amortecida
Cahio sobre o seu sangue derramado.

Ao ver de Ignez o caso desgraçado
O Sol se escureceo, e espavorida
Tremeo a Natureza, que tal vida
Em mostras de immortal nos tinha dado.

Oh rosto lindo! oh clara formosura,
Roubada em ti nos foi nossa riqueza;
Tudo nos foi contigo á Sepultura.

Sem ti ficou a terra sem belleza
Sem luz o dia, as Graças sem doçura,
Sem força Amor, sem honra a Natureza.

A' M E M Ó R I A
 D E
 D. JOÃO DE CASTRO,
Viso-Rei da Índia.

Eu não te louvo, ó Castro valeroso,
 Desses claros triumphos, que alcançavas,
 Quando os Indicos Reis avassallavas
 A' Lei do Luso Imperio venturoso.

Maiores, que o valor tão portentoso
 Duas virtudes são, que tanto amavas:
 Verdade, com que os labios teus sellavas,
 Desint'resse, que tinha o peito honroso.

Não faltou a palavra, huma vez dada:
 Não tomou da riqueza do Oriente
 Huma só joia a pura mão sagrada.

Este procedimento, mais potente
 Que a mesma forte vencedora espada,
 Te fez hum Numên da Indiaã gente.

A' M E M O R I A
D O
I M M O R T A L P O E T A
L U I Z D E C A M Õ E S.

Aquelle, a quem descendo d'alta esféra
Apollo deo a Lyra, e a voz canora,
Que desde o Téjo até o mar d'Aurora.
Os Lusos Gamas resoar fizera ;

A' pobreza cedeo, e á morte féra
Sobre o leito de dôr; e se não fora
Coutinho illustre, certo que inda agora
Nem seu proprio jazigo se soubéra.

Não te péze, Camões, da desventura;
Que se em bens de fortuna te fez pobre,
Rico de móres bens te fez Natura :

Os dons, que a sorte dá, a terra os cobre;
Mas não morre o Poema, em que inda dura
Teu espirito gentil, tua alma nobre.

EM LOUVOR
DO INSIGNE POETA
ANTONIO FERREIRA.

Mestre das Musas, Mestre da virtude.

Ferr. Liv. II. Cart. IX. a Sá de Mir.

Quiz dar o Ceo á Lusitana Gente
Heroe guerreiro, que seu nome alçasse,
E deo-lhe Nuno, que de Lysia ornasse,
De loiro eterno a magestosa frente.

Do Sol quiz dar-lhe o berço refulgente,
E o Gama trouxe á luz, que assoberbasse
Nunca surcado mar, e descerrasse
A' culta Europa as portas do Oriente.

Quiz dar-lhe idade de oiro, em paz brilhante
Reina João; fortuna lisongeira
Lhe ergue no Téjo hum throno de diamante.

Quiz dar-lhe emfim por gloria derradeira,
Quem sãa doutrina em alta rima cante,
E deo-lhe o grande, o immortal Ferreira.

E M L O U V O R
D O S N O S S O S
M A G I S T R A D O S P O E T A S .

Alguns dos Magistrados ajuntarão
As castas Musas co' a severa Astrea;
Ferreira, hum delles, a Moral semêa
Nos versos, que seu nome eternizarão.

Macedo e Castro a alta toga ornarão
C'os dois poemas de gentil idea;
Que a fundação Argiva de Ulyssea
Em heroica rima aos Ceos alçarão.

Lusos Heroes de Marte furibundo,
Que humilhárão da Asia inteira o colo,
Canta ufano Diniz com som jucundo.

De Magistrados taes de polo a polo
Correm os nomes immortaes no mundo
C'o sello d'oiro, que lhes poz Apollo.

A
F A B I O,

*Notado de severidade no exercicio do seu
Governo.*

O mundo, ó Fabio, rigido te chama,
Por vêr, que trilhas tão fragosa via,
Sem contigo levar em parceria
Os vicios seus, que por virtude acclama.

Não te cercão validos, nem te infama
De adultores baixa companhia :
A Lei sómente esses teus passos guia ;
Teu coração justiça igual só ama.

Tal firmeza de peito, que não cede
A rogos, a lisonja, a valimento,
Objecto he grato ao Ceo, que assim te pede ;

Q' hum tão constante esp'rito inteiro e isento
Em tanta corrupção, que a tudo excede,
Ou o não ha, ou he o mór portento.

M E S M O,

*Havendo padecido em vida com summa constancia
muitas perseguições dos inimigos de sua virtude.*

Foste, ó Fabio, gozar a paz sublime
De Deos onde só ha prazeres puros:
Já lá descansas dos trabalhos duros
Da baixa terra, de que o Ceo te rime.

Inveja lá não ha, não ha lá crime,
Q' infeste com seus halitos impuros:
Seguro dentro desses santos muros
Já a calunnia vil te não opprime.

Quanto maior cá foi a iniquidade
De teus imigos, tanto mais houveste
No Ceo de immensa gloria e claridade:

Que as crueis afflicções, que cá tiveste,
Passarão, como o vento em tempestade,
E o premio já lá tens, do que soffreste.

S O B R E
C I N C O G R A N D E S P R A Z E R E S
D A
A L M A.

Eu não acho prazer sereno e puro,
Senão quando algum bem aos homens faço;
Quando co' amigo meu as horas passo;
Quando estou livre sem cuidado escuro:

Quando longe do vulgo baixo e impuro,
A' floresta das Musas me trespassso,
E alli, ao som do harmonico compasso,
Com seu conselho os versos meus apuro:

Ha inda outro deleite, que a alma sente,
Maior que tudo, que o só dá Virtude,
Quando lhe entrego o coração ardente:

Se firme a sigo, sem que o passo mude,
Não ha outro prazer, que mais contente,
Tudo o mais, que ha no mundo, he fraco e rude.

S O B R E O P R A Z E R
 D O S
 P O E T A S.

Quem inda não compoz huma poesia
 Nas brandas horas, em que vem benino
 O claro Deos do plectro d'oiro fino
 Mover c'os sons da lyra a fantasia;

Nunca bem soube, o que era huma alegria,
 Hum suave prazer tão peregrino,
 Que torna hum ser humano em ser divino
 C'os encantos da musica Harmonia.

Bemdiga muita vez a Natureza,
 Quem tanto obteve, que lhe coube em sorte
 Tão alto dom da divinal riqueza:

He das Musas Pierides consorte,
 Falla c'os Deoses da sublime alteza,
 E tem gozos do Ceo antes da morte.

307
DE
A L M E N O
A O
A U T H O R.

São tantas as riquezas do divino
Poeta, que a meus versos vou passando,
Que ás vezes deixo a Lyra desmaiando
De alcançalo no Canto peregrino.

Mas tu, ó Duriense, a cujo ensino
Se vai contente a Musa sugeitando,
Estás com teus louvores assoprando
Nas minhas mãos a flauta de Peligno.

Eis do Ladón as Nynfas cá vierão
De improviso habitar o Téjo undoso,
E os brandos delicados sons trouxerão.

Já por cima das ondas o formoso
Colo, e as cabeças nítidas erguerão;
Hymnos te canta o plectro harmonioso.

R E S P O S T A
D O
A U T H O R.

Pelos mesmos consoantes.

NAs mãos tomaste a obra do *divino*
Poeta, que a teus versos vais *passando*
Nella trabalhas nunca *desmaiando*
De inda vencer seu canto *peregrino*.

A teu suave portentoso *ensino*
Já vais a Lacia Musa *sugeitando*,
Da mesma flauta tiras *assoprando*
Huns mais mimosos sons, que os de *Peligno*.

Eu vi, que só contigo cá *vierão*
Musas, e Graças pelo Téjo *undoso*,
Quando os Ceos a meus olhos te *trouxerão*.

Então jurarão todas, que o *formoso*
Espírito teu, que igual a Febo *erguerão*,
Vence o Peligno vate *harmonioso*.

M E S M O,

Pelos mesmos consoantes.

Quando, Almeno, teu canticó *divino*
 Pela memoria absorto vou *passando*
 Excito-me a cantar, mas *desmaiando*
 Chegar não posso ao canto *peregrino*.

Debalde lido com teimoso *ensino*
 Por ir meu rude genio *sugeitando*
 Embóco a flauta em vão, porque *assoprando*
 Não sôa, como em ti, nem no *Peligno*.

Logo não foi por mim, que cá *vierão*
 As Nynfas do Ladón ao Téjo *undoso*;
 Para ti só seus claros dons *trouxerão*.

Sólta tu pois o éstro teu *formoso*,
 Qu' em ti as Musas novo Apollo *erguerão*,
 Doando-te o seu plectro *harmonioso*.

M E S M O.

Tu que assoprando a flauta de Peligno
Com teu mimoso som o mundo encantas,
Illustre Almeno, e com bellezas tantas
Já vais vencendo o vate peregrino.

Tu, que tocando a harpa d'oiro fino
Muitas vezes aos astros te alevantas,
E sobre as azas das virtudes santas
Vôas aos Ceos co' canto teu divino:

Cedo verás o seculo vindoiro
Romper as trevas deste tempo rude,
E trazer-te nas mãos o immortal Loiro.

Serás o vate, que então Lysia estude;
Serás chamado nessa idade d'oiro
Mestre das Musas, Mestre da Virgude.

A' MEMORIA DO INSIGNE POETA
PEDRO ANTONIO CORREA
GARCÃO,
 • CHAMADO NA ARCADIA CORYDON.

Junto da Fonte Santa, antigos Lares
 Do sabio Corydon sentei-me hum dia, (*)
 Recordando na vaga fantasia
 De sua Musa os Lyricos cantares.

Então arrebatado, aos brandos ares
 Inda saudosos delle, assim dizia:
 Aqui o grande Corydon vivia,
 Entregue a si, á Musa, e a seus pezares.

Devia ter em Lysia mór ventura
 Quem Lysia tanto honrou co' plectro fino;
 Mas foi-lhe a patria injusta ingrata e' dura.

O seu só verso foi seu premio dino;
 Que este o levou sublime á mór altura,
 E o fez de hum ser mortal hum ser divino.

(*) Chama-se Fonte Santa hum sitio nas extremas de Lisboa para o poente; toma o nome de huma fonte vizinha assim chamada, aonde está a casa, em que habitava o Poeta Garção.

A

**D. FRANCISCO RAFAEL
DE CASTRO,**

Principal da Santa Igreja Patriarchal.

Eu não te louvo de Solar antigo,
Illustre Castro, nem de feitos raros
De teus maiores, mas dos dons preclaros,
Que a natureza repartio contigo.

Es da Lei, da Razão, da Patria abrigo;
Es sabio, és honrador dos Varões claros;
Fiel amigo dos amigos caros;
De inveja, d'odio, de lisonja imigo:

Aos costumes, e ás Letras dás valia;
Amparo ao infeliz; socorro ao pobre;
Tens a virtude sempre em companhia.

Por estes feitos de honra se descobre,
Tudo o que és, que não por fidalguia;
Quem isto faz, Senhor, he mais que nobre.

A

**PEDRO ANTONIO CORREA
GARCÃO,**

*E a seu Sobrinho Francisco de Borja Garção
Stockler.*

Garção, Senhor do plectro d'oiro fino
Das Portuguezas Musas, que as pudéste
Do baixo estado de huma idade agreste
Alçar aos Ceos co' Canto teu divino.

Tu, sabio Stockler, que com raro tino
Da Natura as moções e as Leis soubeste;
Que energico vigor á Razão déste,
Fazendo-a forte com teu alto ensino.

No Ceo de Elysia Deoses Soberanos
Ambos sempre sereis; e a todos guia,
Emquanto houverem corações humanos.

Hum regerá co' a doce Melodia
O Parnaso dos Vates Lusitanos;
Outro os homens co' a sãa Filosofia.

RR

A

**D. FRANCISCO RAFAEL
DE CASTRO,**

*Principal da Santa Igreja Patriarchal, no dia dos
seus annos, havendo estado pouco antes doente.*

Serus in Coelum redeas.

Horacio Liv. I. Od. II.

LÁ te mando, Senhor, meu parabem
No dia festival dos annos teus;
E vai com elle amor e os votos seus
Pela tua saude e por teu bem.

Mui larga vida os claros Ceos te dem
E se he preciso mais, eu peço a Deus
Que aos teus annos ajunte os annos meus
Que levem tua idade muito alem.

Acceita-me esta fraze da affeição,
Que teus illustres dotes de primor
Excitão no meu terno coração.

Neste dia feliz seja penhor
A ti, ó grande Castro, esta Canção
De meu respeito, de meu puro amor.

A O M E S M O,

*Havendo respondido ao Author, e trazendo em prova
da difficuldade de hum bom Soneto o lugar
de Boileau no verso 95 e seguintes
do Cant. II. da Arte Poetica.*

*Un sonnet sans défauts vaut seul un long Poëme;
Mais en vain mille Auteurs y pensent arriver,
Et cet heureux Phénix est encore à trouver.*

H difficil, Senhor, mas não he raro,
Salvo se for em França, que hum Poeta
No curso de hum Soneto toque a meta,
Que lhe poz Boileau austero e avaro.

O grão Camões, esp'rito á Lysia caro,
A'quelle alvo tirou feliz a seta;
E tu, ó Castro, qual Eolio Atleta
Colhes no mesmo campo louvor claro.

Até eu mesmo, se chegar ao anno,
Melhor qu'ora, cantando-te prometto
Desmentir esse Vate Gallicano:

Que Poeta, que tem tão alto objecto,
Qual tu és, póde bem fazer ufano
Hum bom *poema longo*, e hum *bom Soneto*.

M E S M O,

Sobre o mesmo.

Não he, Senhor, tão raro hum bom Soneto,
Se o vós tendes por tal, que elle só seja,
De Catullo huma peça, em que se veja
Bem expressado hum natural affecto.

A critica moderna hum outro objecto
Lhe dá subtil, e nova Lei que o reja ;
Severa e dura Lei, que muito o peja,
E o não deixa correr seu passo recto.

Dai-me ora o que elle foi, e ser devia,
Que eu soltando os affectos de meu peito
Hum divino Soneto vos faria :

Que quanto maior he do amor o effeito
Que vos tenho, Senhor, assim seria
Hum Soneto do mundo o mais perfeito.

FRANCISCO DE BORJA
GARÇÃO STOCKLER.

Tomando a facha da Razão por guia
Por não trilhadas rôtas endireitas,
E a teu sublime calculo sujeitas,
Quanto em seu seio a Natureza cria.

Segues firme a Verdade, que allumia;
O engano, o erro, a prevenção engeitas;
E as trevas huma e outra vez desfeitas,
Fazes sempre raiar o claro dia.

Quem não dirá, que o Ceo, quando nasceste,
Por honra nossa a Lysia só mandado,
Te deo esse alto genio, dom Celeste?

Cumpre pois teu destino, e lédo fado:
Parte comnosco os ricos bens, que houveste,
E faze o Luso Imperio afortunado.

A

HUM PRESBYTERO,

No dia de sua primeira Missa.

Novo Ministro, a cuja voz sagrada
 Descendo Deos do throno omnipotente
 Com a turma dos Anjos refulgente
 Vem hoje nesse altar fazer morada:

Adora a Magestade, que encerrada
 Contem essa de pão fórma aparente:
 Offrêce o Filho ao Pai, hostia innocente,
 Mais grata aos Ceos, que as de Sião amada.

Oh! Quanto pasmo, quanto me confundo
 De vêr, que Deos ao homem concedesse
 Na terra obrar Mysterio tão profundo!

Olha o alto Poder, que te ennobrece,
 Que o Deos, que a ti te fez, e fez o mundo,
 Baixa por ti dos Ceos, e te obedece.

**A D. FRANCISCO RAFAEL
DE CASTRO,**

*Principal da Santa Igreja Patriarchal, alludindo
a materia dos Sonetos do anno antecedente.*

Os Poetas, ó Castro, consentirão
Que puzesse Boileau a hum bom Soneto
Leis tão severas, que hum só bom quarteto
Feito desta arte nunca mais urdirão.

Ora Francezas tropas cá surgirão
(Que assim de Jove o manda alto Decreto)
E de seu marcial estranho aspecto
Graças e Musas pávidas fugirão.

Heide então presentar-vos neste dia
Em que nasceste a Lysia mór, que humano,
Hum Soneto gentil, qual eu queria?

Fique inda esta obra excelsa para o anno
Que eu juro de fazer huma Poesia
Que salve a Lei do vate Gallicano.

AO
MESMO ASSUMPTO.

Eu prometti, Senhor, que já neste anno
Vos faria hum Soneto muito bem feito
Que entrasse com grão brio o passo estreito
Que aos Vates poz o vate Gallicano.

Errei porém com manifesto engano
Que vós que sois o assumpto mais perfeito,
Sois maior, do que a Musa; e hum tal objeito
Caber não pode em sons de peito humano.

Se o Poeta do Sena cá viesse
Com todo seu talento, que brilhava,
Fico, que esta verdade conhecesse.

Diria, que se a voz, que Orpheo soltava,
Na linguagem dos Deoses cá trouxesse,
Para cantar teus dons lhe não bastava,

Este dia sagrado, ó Castro, a Musa,
 Poisque nelle mil bens o Ceo nos déra,
 Com novo Canto celebrar quizerá,
 Canto, que ouvisse toda a Gente Lusa.

Porém a mente attonita confusa,
 Vendo o que agora he Lysia, e o que antes era,
 Só os seus tristes fados considera
 E dar-se a festivaes Canções recusa.

Vou pois, Senhor, sem galas de alegria,
 Sem versos de primor e de beldade,
 Fazer-vos hoje a minha cortezia.

Acceitai-me benigno a sãa vontade,
 Que outr'ora já vos deo, em tão bom dia,
 Em doce rima votos de amizade.

S O B R E
H U M A P E R S E G U I Ç Ã O .

. . . Cabio-me hum coração
Em sorte, que muito empece;
Qu' outro Senhor não conhece
Salvo justiça e razão.

F. de Sá de Miranda Egl. VIII.

EM vão Melampo com atroz maldade,
Quer que eu siga, como elle, a tyrannia:
Não póde hum peito, que a virtude cria,
Servir infame á vil iniquidade.

Soou-me n'alma a voz d'alta verdade,
Quando nasci á clara luz do dia:
Ella meus certos passos rege e guia,
Poronde vai razão, e vai piedade.

Dardejou contra mim Melampo irado;
Mas se evitar o seu rancor não pude,
Pude vence-lo sobranceiro ao fado:

Que o constante Varão, que ama a virtude,
Sofre calumnias, mas do esp'rito honrado
Não ha coisa jámais, que o torça, ou mude.

SAUDADE NA MORTE

DE

FRANCISCA. (*)

O' Alma illustre, aos santos Ceos levada,
Alma bella na terra, inda mais bella
Lá nesse Empyreo, aonde, feita estrella,
Brilhas do Sol divino allumiada;

Se esta minha alma, cá sem ti deixada
Por ventura te lembra, tem tu della
Devida compaixão: roga por ella
A Deos que a leve á Olympica morada.

Não tem o mundo já, que me contente;
Que pois me falta a tua companhia,
Vivo só com a dôr, que o peito sente:

Que enquanto não chegar o claro dia,
Em que eu te vá lá ver no Ceo luzente,
Não terei mais momento de alegria.

(*) Tia do Author.

A

**VITO JOSE DE MELLO
LISBONENSE,**

Cosmografo e Piloto da Carreira da India. ()*

O novo Deos do mar, illustre Vito
A quem Neptuno deo de Thetis fria
Reger as bravas ondas; e Urania,
Medir os astros com sublime esp'rito:

De ti já sólta a Fama immortal grito
Do Téjo ao Ganges, onde nasce o dia;
E o Nome teu, aos Nautas honra, e guia,
Já tem de Lysia nos Annaes escrito.

Se Lysia inda deseja, não contente
De Gama, e de Cabral, pelo alto fundo
Levar mais longe seu Real Tridente;

Tu só, tu só com teu saber profundo
Poderás descobrir á Lusã Gente
Novo mar, novo Ceo, hum novo mundo.

(*) Bem conhecido que foi por seus grandes estudos Comograficos, e Geograficos, e pela Memoria que apresentou á Academia Real das Sciencias de Lisboa, de huma das suas Derrotas.

A M A D A M A
 C L E M E N T I N A,
 R O M A N A,

Depois de cantar huma aria.

I M P R O M P T O.

Não mortal, não de humana arte composto,
 Nem he humana voz, nem sp'rito humano
 Isto, que eu ouço, e vejo.

Ant. Ferr. Soneto LVIII. Liv. I.

Nynfa, que d'harmonia o som jucundo,
 Qual nunca ouvido foi d'humana gente,
 Trazer vieste ás praias do Occidente
 Lá desde a antiga Capital do mundo.

Se Deosa és, não sei, que me confundo;
 Certo não és mortal, que o Ceo potente
 Huma voz tão divina não consente
 A crie em si a terra, ou mar profundo.

Se tanta fôra, Orphee, a melodia
 De teu sonoro plectro, a esposa cara
 Trouxeras após ti á luz do dia:

O Deos cruel de todo se abrandára,
 Nem condição tão dura te poria,
 Nem outra vez dos olhos ta roubára.

A' FORMOSURA

DE

LILIA.

Venus buscando a Amor andava hum dia,
 E a todos seus por elle procurava ;
 A mim me perguntou, onde elle estava,
 E eu lhe disse, que em Lilia o acharia.

A Lilia corre, e vê que Amor dormia
 Em seu molle regaço; vozes dava,
 Porque Amor acordasse; elle acordava,
 Mas ria-se da mãe, e adormecia.

Por fim lhe torna: Mãi, não mais te cances,
 Qu'eu já daqui não saio, ainda quando
 Rogues, ou mandes, ou grilhões me lances.

Fica-te em paz, diz Venus já voltando,
 Nem tu tens melhor collo, em que descances,
 Nem Lilia maior bem, que ter-te brando.

A
D O R I N D O
P O E T A,

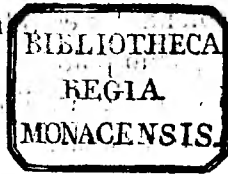
Embarcando-se para o Norte.

Guiado das esplêndidas estrellas,
Já lá vais demandar gelado pólo;
Deixando Delos, vai contigo Apollo
E a turba toda das Aonias bellas.

Regem-te a não de Thetis as Donzellas;
Neptuno manso te submete o collo,
E os ventos todos enclaustrando Eólo
Só de hum fresco galerno te enche as velas.

Venus, e o Filho em doce companhia
Te irão seguindo, emquanto navegares,
C'o as lindas Graças, filhas d'alegria;

Que da terra, do Ceo, dos fundos mares
Deoses e Deosas com gentil porfia
Transferem para a não seus proprios lares.



 I N D I C E.

<i>A Beneficencia de Deos</i>	a p. 3
<i>A Virtude</i>	p. 5
<i>A's Musas em louvor da Virtude da Constancia</i>	p. 7
<i>A E a Rei D. José I.</i>	p. 9
<i>Pela Prosperidade do Imperio Portuguez e do Principe Herdeiro</i>	p. 11
<i>Ao Principe Regente</i>	p. 15
<i>Em louvor da Virtude da Constancia nas adversidades da Patria</i>	p. 17

- A' Memoria dos Varões Portuguezes* p. 19
- Em louvor de Martim de Freitas, Alcaide Mór
de Coimbra, no cerco, que lhe poz D. Affonso,
Conde de Bolonha* p. 22
- Em louvor de Nuno Gonsalves* p. 25
- Em louvor do Infante D. Henrique* p. 27
- Em louvor de Bartholomeo Dias, Descobridor
do Cabo da Boa Esperança* p. 32
- Sobre os Feitos Militares dos Portuguezes* . . p. 36
- Em louvor de D. João de Castro, Viso-Rei da
India* p. 39
- A Lisboa sobre a decadencia das nossas Conquis-
tas da Asia* p. 40
- A' Memoria do Grande Poeta Luiz de Camões* p. 43
- A' Memoria de Gabriel Pereira de Castro* . . p. 45
- A D. Thomás, Marquez de Ponte de Lima, Mor-
domo Mór* p. 48

- A D. Domingos de Assis Mascarenhas, Principal da Santa Igreja Patriarchal p. 50*
- A D. Francisco Rafael de Castro, nomeado Reformador Reitor da Universidade, remetendo-lhe o Author alguns dos seus versos que lhe pedira p. 52*
- Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira, sobre a mudança dos bons costumes p. 56*
- Ao Doutor José Cardoso Ferreira Castello, sobre a decadencia dos nossos antigos costumes . p. 58*
- Ao Doutor José Barroso Pereira, em seu louvor p. 60*
- A Joaquim de Foios, da Congregação do Oratorio, sobre a falta de respeito devido aos Ministros da Religião p. 62*
- Em louvor de D. Fr. Manoel do Cenaculo Vilas-Boas sendo Bispo de Beja p. 65*
- Ao Doutor José Barroso Pereira em seu louvor p. 68*
- A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal, no dia de seus annos p. 70*

<i>A Francisco de Borja Garção Stockler, exhortando-o, a que interrompendo algumas vezes os seus graves estudos, se volte ás Musas</i>	p. 72
<i>A' Mocidade Portugueza, exhortando-a ao estudo da Poesia</i>	p. 75
<i>Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira, contra a devassidão dos costumes</i>	p. 77
<i>A' Noite</i>	p. 80
<i>Ao mesmo assumpto</i>	p. 82
<i>A' Natureza, ou Venus Fysica na vinda da Primavera</i>	p. 84
<i>O Author ás suas Musas</i>	86
<i>A Alexis, excitando-o a cantar os feitos dos Portuguezes</i>	p. 87
<i>Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira, sobre a felicidade dos Povos</i>	p. 89
<i>O Author á sua Lyra</i>	p. 91
<i>Em louvor da Cidade do Porto, Patria do Author</i>	p. 92

- Em louvor das Dorides* p. 94
- Ao mesmo assumpto* p. 97
- A D. Catharina Michaela de Sousa, quando esteve na Cidade do Porto* p. 101
- A' mesma, quando se embarcou para Londres* . 103
- A João Baptista da Silva, por haver dado a conhecer Almeno, e as suas Poesias ao Author* . 106
- A Almeno, havendo mostrado ao Author o primeiro Livro da sua Traducção Portugueza da Metamorfose de P. Ovidio Nasão* p. 108
- Ao mesmo, havendo mostrado ao Author algumas outras de suas Poesias* p. 110
- A Almeno, havendo mostrado ao Author a continuação da sua Traducção da Metamorfose de P. Ovidio Nasão* p. 113
- A João Baptista da Silva, havendo trazido ao Author Poesias de Almeno* p. 116
- Ao mesmo, e sobre o mesmo assumpto* p. 118

- A Almemo, sobre os encantos da sua Lyra* . . . p. 119
- Sobre o Amor ás Musas* p. 121
- A Alcino, que louvára em verso latino alguns
Heroes da Antiquidade* p. 123
- A' memoria de D. Domingos de Assis Mascarenhas, Principal da Santa Igreja Patriarchal* p. 125
- Ao Doutor José Barroso Pereira, em seu louvor* p. 127
- A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da
Santa Igreja Patriarchal, em seu louvor* . p. 129
- A José de Azevedo, da Congregação do Oratorio
em louvor da vida do Campo* p. 131
- A Myrtillo em louvor da sua Lyra* p. 133
- Ao Doutor Simão de Cordes, sobre os diversos
cuidados e prazeres do homem* p. 135
- O Author ás suas Musas* p. 137
- A' Lyra de Almemo, estando enfermo* . . . p. 139

- Ao mesmo, continuando a estar gravemente doente* p. 141
- A Francisco de Borja Garção Stockler depois do Author ter visto as suas Poesias* p. 143
- Sobre a Sepultura dos Poetas* p. 145
- Na morte de Almeno* p. 147
- A João Baptista da Silva, sobre o mesmo assumpto* p. 148
- Ao Doutor José da Silva Xavier, sobre o mesmo assumpto* p. 149
- A memoria de Almeno* p. 151
- A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal, no diu de seus annos, remettendo-lhe o Author algumas Poesias de Almeno* p. 153
- Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira, na morte do Doutor José Barroso Pereira* . p. 156
- Na morte do mesmo* p. 158

No dia anniversario da morte do mesmo . . . p. 160

A D. Francisco Rafael de Castro , Principal da Santa Igreja Patriarchal, em seu louvor p. 162

Ao mesmo , havendo-se esquecido o Author de obsequiar com versos no dia de seus annos p. 163

Ao mesmo, sobre o mesmo assumpto p. 165

A D. Maria Luiza de Valleré, mandando-lhe o Author algumas de suas Poesias, que lhe havia pedido p. 166

A Monsenhor Ferreira, mandando-lhe huns versos p. 168

A Delio, rico Negociante, que já velho edificava hum palacio p. 170

A Filinto , que se retirava da Corte para lugaremto p. 171

A Fabio, sobre os cuidados da vida p. 172

A Delio, contra a sua avareza p. 174

<i>Ao Doutor Simão de Cordes, sobre a sua preciosa Bibliotheca</i>	p. 175
<i>A Amintas, que pedia ao Author alguns conselhos de bem viver</i>	p. 177
<i>A Josino, tendo mostrado ao Author algumas das suas Poesias sagradas</i>	p. 179
<i>O Author ás suas Musas</i>	p. 180
<i>Dictado para a Campa da Sepultura do Author</i>	p. 181
<i>Ao mesmo assumpto</i>	p. 182
<i>Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira na entrada da Primavera</i>	p. 183
<i>Ao mesmo assumpto</i>	p. 184
<i>A Altéa, no dia das suas bodas</i>	p. 185
<i>A huma Fonte do Jardim de Corilla</i>	p. 186
<i>Ao dia dos annos de Lorina</i>	p. 188
<i>A's raras prendas de Marilia</i>	p. 189

<i>A Aglaura, no dia de suas Nupcias</i>	p. 191
<i>A huma Fonte do Jardim de Corilla</i>	p. 193
<i>Atippe amante e virtuosa, fallando a Alcino</i>	p. 194
<i>A Pomona</i>	p. 196
<i>A Venus Fysica, na entrada da Primavera</i>	p. 197
<i>Ao mesmo assumpto</i>	p. 199
<i>A Lydia, retratando a Silvio, seu esposo</i>	p. 200
<i>A Natureza, ou Venus Fysica</i>	p. 202
<i>Ao mesmo assumpto</i>	p. 204
<i>A huma Fonte na Quinta de Corilla</i>	p. 205
<i>A's raras prendas de Marilia</i>	p. 207
<i>A Lilia, rogando-lhe que cantasse</i>	p. 209
<i>Aos encantos de Marina</i>	p. 210
<i>A huma Fonte da Quinta, em que o Author assiste</i>	p. 211

<i>A Lydia, retratando a seu esposo</i>	p. 213
<i>A Revolução da Natureza Fysica, ou Primavera</i>	p. 214
<i>Ao Cabello de Marina</i>	p. 215
<i>Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira</i>	p. 216
<i>A Filinto</i>	p. 217
<i>A Alexis, Convite</i>	p. 219
<i>A Fabricio, Convite</i>	p. 220
<i>A Alfeo</i>	p. 224
<i>A Lereno, Convite para leitura de peças jo-</i> <i>vias</i>	p. 226
<i>A Myrtillo</i>	p. 227
<i>A Anfriso, Convite no dia dos annos de Elpi-</i> <i>ne</i>	p. 228
<i>A Silvio, Convite</i>	p. 230
<i>A Alexis</i>	p. 231

- A Fileno., cuidadoso em demazia da sua saude* p. 233
- A Montano* p. 235
- A Castalio* p. 236
- A Fabricio* p. 238
- Ao Doutor Simão de Cordes, Convite . . .* p. 239
- A Pierio* p. 241
- A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal, em seu louvor* p. 243
- Ao mesmo, escusando-se o Author de fazer versos pequenos pela difficuldade da Rima, e porque sem esta não erão graciosos . . .* p. 247
- Ao mesmo, sobre o mesmo assumpto no dia de seus annos, havendo o Author tardado em apparecer com suas Rimas de verso menor . . .* p. 250
- Ao Retiro da Solidão* p. 256
- A Almeno, havendo-lhe rogado o Author muitas vezes que viesse a Lisboa* p. 257

- A D. Francisco Rafael de Castro , Principal da
Santa Igreja Patriarchal, em seu louvor* p. 258
- Ao mesmo, no dia de seus annos* p. 261
- A Grosfo , Domestico do Author, paraque o não
negue ao Principal Castro* p. 264
- Amor, irado pelo roubo que lhe fez Nise* p. 269
- A' formosura de Corina* p. 271
- Lilia presa de Amor* p. 272
- A Maxilia, paraque não ceda a Amor* p. 273
- Amor denudado em ave* p. 274
- Os dous Segadores Silvano , e Lereno , Imitação
de Ferreira* p. 275
- Os dous Lavradores Aonio , e Agrario, Imitação
de Ferreira* p. 278
- Cupido em guerra* p. 281
- Marcia ferida de Amor* p. 282

<i>A huma travessura de Lilia</i>	p. 283
<i>A' Formosura de Lilia</i>	p. 285
<i>Amor preso</i>	p. 286
<i>A' morte de Leandro</i>	p. 287
<i>Ao mesmo</i>	p. 288
<i>Ao mesmo</i>	p. 289
<i>A' morte de D. Ignez de Castro</i>	p. 290
<i>Ao mesmo assumpto</i>	p. 292
<i>Ao mesmo</i>	p. 293
<i>Ao mesmo</i>	p. 294
<i>Ao mesmo</i>	p. 295
<i>Ao mesmo</i>	p. 296
<i>Ao mesmo</i>	p. 297
<i>Ao mesmo</i>	p. 298

<i>A' memoria de D. João de Castro, Viso-Rei da India</i>	p. 299
<i>A' memoria do Immortal Poeta Luiz de Camões</i>	p. 300
<i>Em louvor do insigne Poeta Antonio Ferreira</i>	p. 301
<i>Em louvor dos nossos Magistrados Poetas</i>	p. 302
<i>A Fabio, notado de severidade no exercicio do seu Governar</i>	p. 303
<i>Ao mesmo, havendo padecido em vida com animo constante muitas perseguições dos inimigos da sua Virtude</i>	p. 304
<i>Sobre cinco grandes prazeres da Alma</i>	p. 305
<i>Sobre o prazer dos Poetas</i>	p. 306
<i>De Almeno ao Author</i>	p. 307
<i>Resposta do Author, pelos mesmos consouantes</i>	p. 308
<i>Ao mesmo, pelas mesmas consouantes</i>	p. 309
<i>Ao mesmo</i>	p. 310

- A' memoria do insigne Poeta Pedro Antonio Correa Garção, chamado na Arcadia Corydon* p. 311
- A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal* p. 312
- A Pedro Antonio Correa Garção, e a seu Sobrinho Francisco de Borja Garção Stockler* . p. 313
- A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal, no dia dos seus annos, havendo estado pouco antes doente* . p. 314
- Ao mesmo, havendo respondido ao Author, e trazendo em prova da difficuldade de hum bom Soneto o lugar de Boileau no verso 95 e seguintes do Canto II. da Arte Poetica* . p. 315
- Ao mesmo sobre o mesmo* p. 316
- A Francisco de Borja Garção Stockler* . . p. 317
- A hum Presbytero, no dia de sua primeira Missa* p. 318
- A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal, alludindo á materia dos Sonetos do anno antecedente* . . . p. 319

<i>Ao mesmo assumpto</i>	p. 320
<i>Ao mesmo</i>	p. 321
<i>Sobre huma perseguição</i>	p. 322
<i>Saudade na morte de Francisa</i>	p. 323
<i>A Vito José de Mello Lisbonense , Comografo e Piloto da Carreira da India</i>	p. 324
<i>A Madama Clementina, Romana, depois de can- tur huma Aria</i>	p. 325
<i>A Formosura de Lilia</i>	p. 326
<i>A Dorindo Poeta , embarcando-se para o Nor- te</i>	p. 327

F I M.

Erratas.

p. 29 est. 4 Graças
p. 46 est. 4 O oceano
p. 56 est. 3 O Amor
p. 77 est. 3 Vallos
p. 82 est. 2 pões
p. 86 v. 14 coroaes
p. 90 est. 2. v. 2 Numen! E
 quaes braços
p. 95 est. 2. v. 4 offerecem
p. 108 est. 4. v. 1 terna
p. 113 v. 15 offerece
p. 114 v. 5 frente
p. 118 v. penult. lindezas
p. 119 est. 1. v. 3 differente
p. 223 est. 2. v. 1 ardente
p. 320 est. 2. v. 2 muito
p. 323 *no titulo*, Francisca

Emendas.

Garças
Pelo Oceano
o amor
vallos
pões
cr'oaes
Nume? Entre quaes
 braços
off'recem
tenra
off'rece
fronte
lindezas
diff'rente
cadente
mui
Francisca

Deve accrescentar-se ás Erratas, e Emendas do Tom. I.

p. 315 Eu choro a Adonis

Choro Adonis

1875

1875

1875

1875

1875



